SOB OS CIPRESTES

SOB OS CIPRESTES

VIDA INTIMA

DE

HOMENS ILLUSTRES

J. B. DE ALMEIDA GARRETT
F. M. BORDALLO — LOPES DE MENDONÇA
JOSÉ ESTEVÃO — SANTOS E SILVA
RODRIGO PAGANINO E J. LUIZ GONÇALVES
L. A. REBELLO DA SILVA
SILVA GAYO — GONÇALVES DIAS
GUILHERME BRAGA
ANTONIO F. DE CASTILHO
FRANCISCO MONTEZ CHAMPALIMAUD

POR

BULHÃO PATO, Raymundo

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND
Viuva Bertrand & C.ª, successores Carvalho & C.ª
73, Chiado, 75
1877

DEDICATORIA

A MARIA CARVALHAL[1]

Se tua mãe não repousasse á sombra das arvores, que servem de titulo a este livro, não t'o dedicava. Mas, querida amiga, no céu dos teus dezoito annos, da tua ingenua alegria, da tua florentissima primavera, apparecem, não raro, algumas nuvens tocadas com as tintas da saudade.

Essas nuvens são — saudades d'*Ella.*

Os ciprestes não te podem fazer horror. Ao contrario, convidam-te a dobrar os joe-

[1] Hoje a senhora condessa de Resende.

lhos, a erguer as mãos, a murmurar uma prece, a derramar uma lagrima.

Uma prece! uma lagrima! — delicioso desafogo das almas na melancolia, na summa felicidade, e na extrema afflicção.

Nem o rouxinol nem a rosa se esquivam, um com as suas melodias, outra com o seu aroma, a alegrar e perfumar a estancia dos mortos.

Se os anjos cá d'este mundo não esvoaçarem, de quando em quando, com as suas azas brancas, por aquella morada silenciosa, que triste, que negra deve ser a morte!

Parte d'este livro foi escripto ao pé de ti na casa onde és a filha primogenita, a pomba domestica, por todos idolatrada.

O abril dos teus dezoito annos doirava, como um raio de sol, o meu inverno. Eu aspirava em ti a graça, a mocidade, a innocencia, a virtude: fragrancias celestes de que estão privados os máos d'este mundo, para exemplar castigo de seus peccados!

O teu influxo purificava o meu coração,

como as flores singelinhas do campo purificam e perfumam os ares.

Filha dilecta de um adorado amigo da infancia levavas-me, com a tua candura, aos dias bemditos da juventude. Á tua voz, que tem ainda para mim o gorgeio infantil, reconstruia o passado, e como que sentia rumorejar em volta de ti as auras balsamicas da mocidade. As dolorosas recordações, de que está cheio este livro, transformavam-se-me a teu lado na nuvem tenue da melancolia.

Oh! quanto possa haver, n'estas paginas, de corrosivo, de acerbo, de mundano, oh! quanto possa haver..., nada foi escripto ao pé de ti!

Se a innocencia, com a sua tunica alvissima, presidisse ás creações do espirito humano, nas obras do homem não haveria jámais, nem gritos de desespero, nem brados de maldição!

O teu nome, Maria, quer dizer «Estrella do mar», mas tambem quer dizer «Lagrima de dôr».

Nos teus olhos ha o brilho e serenidade das estrellas nas noites tepidas de verão; mas aquella «lagrima de dôr», que derramas-te na infancia quando desapparceu do mundo a santa que te adorava, deixou nos teus olhos um vestigio indelevel.

Oh! tu comprehendes a dedicatoria d'este livro:

Não és estranha a dôr!...

E é por isso, querida Maria, que o teu rosto e a tua alma teem mais encantos!

12 de janeiro de 1874.

ADVERTENCIA

«Sob as Tilias» é o titulo de um romance francez muito lido e muito apreciado pelos paladares litterarios, que saboream, com delicias, os estimulantes fortissimos. Ainda assim, o elegante escriptor da França não chegou ao ideal do realismo: esse ideal appareceu depois na Fanny, e agora se está vendo na «Donzella Giraud, minha mulher», na «Mulher de fogo», etc.

Ninguem diria que haviam de procurar-se nas aberrações da natureza, exclusivamente, os meios para operar as maravilhas da arte.

Eu, por agora, não gosto do genero; e até se me afigura que esse exclusivismo não passa

de um futil capricho da moda, capricho que ficará dentro da área, que podem abraçar espiritos mediocres, embora de merecimento, sem produzir para o futuro, como atè ao presente não têm produzido, nada verdadeiramente bello e verdadeiramente grande. O scisma já vae apparecendo dentro da propria igreja.

A Allemanha ri-se dos innovadores de certa casta, e proclama a liberdade da arte, como proclamou a liberdade da consciencia, e ha de proclamar muitas outras liberdades, se Deus quizer, e antes de muito tempo!

Até o senhor de Bismark me parece, ás vezes, um democrata mascarado!

«Sob as Tilias» — «Sob os Ciprestes». Ha analogia no titulo, mas não a haverá na indole do livro.

O primoroso romancista francez, debaixo das frondes d'aquellas arvores, que estremecem com os tepidos beijos da aragem da primavera, conta as aventuras em que o amor, mordido das viboras do ciume, nos apresenta a face demudada, o olhar em fogo, e os labios contraídos pelo veneno das sensualidades mundanas: «Sob os Ciprestes» apparecem as phisionomias d'aquelles que adormeceram á sombra da justiça de Deus, que foram na terra propagadores das idéas prestadias aos infelizes; essas phisionomias têm as frontes serenas, os olhos cerrados, e nos labios como um sorriso

agradecendo á morte a paz depois de tantas fadigas!

E, com ser triste o titulo do presente livro, não supponha o leitor que no decurso d'estas paginas só veremos, em volta de nós, as rouxas contracções da agonia mortal, os goivos, as arvores esguias do Campo Santo, as lapides e as urnas funerarias. Não.

Se escrevessemos a historia, contassemos as anecdotas, traçassemos a biographia de homens, que existiram ha dois mil annos, nem por isso devia seguir-se que historia, anecdotas e biographias fossem tristes.

Aquelles de quem vou fallar estão mais perto: datam de vinte annos a esta parte. Viveram nos theatros, nos bailes, nas reuniões intimas, no jornal politico e litterario, na tribuna parlamentar, e nas palestras academicas. Conheci-os no theatro e nos bailes; captivaram-me no trato intimo; lidei com elles nos jornaes; admirei-os lendo os seus versos e os seus romances; applaudi-os assistindo á representação das suas comedias e dos seus dramas; arrebataram-me quando os ouvia na tribuna; e illustraram-me quando os escutava nas academias.

Alguns foram para mim como irmãos — queridos, adorados amigos!

Comprázo-me em fallar d'elles.

O leitor, que estiver na minha idade, terá

ganho, como eu tambem, grande impassibilidade diante do tumulo.

Dos quinze até aos vinte e cinco ir a gente a um cemiterio é um horror!...

Que despedida!... Que longa e dolorosa despedida!

Agora, quando damos o ultimo *vale* a um ente que nos é caro, o coração está comprimido, apertado; doe-nos muito uma fibra, que ainda ficou sã e sensivel, porém voz intima, inconsciente, talvez, murmura em nosso espirito:

Até breve, até qualquer dia!

D'entre aquelles de quem vou fallar, muitos possuiam animo desassombrado e folgasão; riam-se amiudadas vezes do mundo, e faziam rir os outros, porque tinham muita graça: chamavam-se Rebello da Silva, Lopes de Mendonça, Rodrigo Paganino: homens que são raros em todos os tempos e em todas as sociedades; homens como hão de voltar outros, decerto, mas não tão cedo como muita gente pensa!

Uma das condições do ignorante é ser crente. A luz do saber, ao passo que illumina o espirito, vae desenganando o coração, varrendo, como o norte limpido varre as nuvens, muita sombra illusoria, ou antes muita nuvem doirada do céu da nossa alma; com uma differença amarga: o norte deixa o céu como a safira, e os desenganos deixam a alma negra como a noite!

Saber mais — duvidar mais.

Eu duvido pouco, porque sei muito pouco. Uma crença minha, uma vivissima fé que eu tenho, é que a grande parte dos phenomenos d'este mundo, quer na ordem social, moral ou phisica, vem ás series: os annos prosperos, os annos nefastos; as guerras, a paz; os homens de talento, os imbecis; os grandes acontecimentos, as épocas de decadencia; as mulheres bonitas, as mulheres feias.

Por exemplo: que serie de homens politicos e de oradores não tivemos nós depois de 1828?

Sem o mais leve apódo nem a minima affronta a ninguem, quem vemos hoje por ahi, que possa rivalisar com Mousinho da Silveira, Manuel Passos, barão da Ribeira de Sabrosa, Garrett, duque de Palmella, Rodrigo da Fonseca, Manuel Antonio de Vasconcellos, José Estevão e outros?

Pois deputados, e ministros, e estadistas, e falladores, e partidos d'áquem e d'alem, Deos nos acuda! — nunca houve tantos.

Está hoje a Europa na enchente das grandes scenas; enchente que ameaça subverter a maior parte da constituição social, que virá a revolvel-a, como dizem os francezes, de *fond en comble*. O caso não é nem de monarchia constitucional ou absoluta, nem de dynastia legitima ou illegitima, nem de velho ou de novo catholicismo, nem de republica, que póde ser, como está sendo em França e em Hespanha agora, uma palavra apenas.

A questão é mais seria: anda por uns pobres homens, a quem os estadistas eminentes, os proprietarios da terra, os opulentos negociantes, os banqueiros, n'uma palavra, os grandes aristocratas, os ricos, votam profundo desprezo. Esses miseraveis gladiadores d'esta vasta arena chamada a propriedade rural, hão de ter um dia o seu Spartaco: desventurados párias intellectuaes e moraes, que por muito que suem da aurora á noite, não fundem mais de dois tostões por dia, para sustento — seu, da mulher e dos filhos! Esses é que «uma vez» hão de resolver o negocio.

Não folguem os cegos partidarios de doutrinas que têm, ha muito, a morte em si, com os desvarios e crimes da demagogia, porque, apesar d'isso, a democracia não vae a pique.

Quando uma idéa se apodera do espirito dos povos, parte direita ao seu fim como a balla ao alvo.

Quanto menos obstaculos lhe pozerem diante, melhor, menos victimas fará no seu curso fatal!

Não sei se o reinado da perfeita justiça é cá para este mundo; mas sei que muita iniquidade acabará!

Escrevo estas palavras n'um dos dias mais notaveis nos fastos da nossa historia da liberdade (24 de julho), escrevo-as n'um saudoso retiro de Cintra, quando Lisboa se agita com as festas d'este jubiloso anniversario.

Tempo houve em que todos os liberaes sinceros prescindiriam de boamente de manifestações que íam ferir vencidos de ha quarenta annos; hoje, porém, as cousas mudaram de aspecto: os vencidos levantam a cabeça e querem ser vencedores!

Sabemos que o não podem conseguir, porque se não volta a um passado impossivel; mas podem luctar — até estão em boas condições para isso — e é preciso que sejam repellidos e punidos! Mas... vamos a outro assumpto.

Prevenindo o leitor, e principalmente a leitora, de que o meu livro não tem por fim glosar em prosa as funebres estancias de certos vates esguios, macilentos e hypocondriacos, os quaes, mercê de Deus, vão passando como sombras e espectros que eram, permittam-me que, no primeiro, ou antes, primeiros capitulos d'esta composição, descreva o apartado eremiterio da Ajuda, onde passei os dias dourados da minha juventude, e que, em companhia de João Baptista de Almeida Garrett, relembre alguns capitulos da «Helena» e recite algumas estancias das «Folhas Cahidas» — romance e versos, que então se escreviam.

Cintra, julho 24 de 1873.

O EREMITERIO

CAPITULO I

O EREMITERIO

Alto do Viso. — O cortezão do povo e o cortezão do rei. Folhetos politicos. — Se córas não conto. — O Eremiterio. O sino da Ajuda. — Letra impossivel. A vida no Eremiterio. O palacio deserto. — Os sabbados. — Duello á palavra. — Horas bemditas!

I

No dia 1 de maio de 1847, quando os soldados da Junta do Porto, no recrudescer do combate, levavam de vencida o inimigo, a bandeira branca, agitada pelo coronel Wilde, poz termo a uma das revoluções mais populares, se não a mais popular, de quantas se têm dado no nosso paiz.

A lucta, n'esse dia, fôra rapida, mas terrivel! Os soldados batiam-se como em duello singular, e traspassavam-se á bayoneta, retalhavam-se á espada ou fusilavam-se á queima-roupa, saturados de odio e ardendo na sanha felina, que transforma o homem em tigre, nos periodos nefastos da guerra civil.

Desde o dia 6 de outubro de 1846 que o paiz estava em armas, e já tinham corrido jorros de sangue em Vianna, Torres Vedras e Valle Passos.

Esses dias tenebrosos, mercê de Deus, estão longe, apagados os odios de então; porém, na memoria de todos nós devem ficar bem vivas as causas, que deram origem áquellas catastrophes, para que os poderes não saiam jámais da sua orbita, animando ambições individuaes e applaudindo partidos, que, desatinados, se atrevem a provocar a terrivel, mas santa indignação dos povos.

Hoje é mais baixo e mais arrastado ser cortezão do povo do que ser cortezão do rei. Os reis podem pouco, muito pouco, quasi nada; e os povos podem muitissimo! Excitar, porém, de industria, as grandes massas, oppor-se, obstinadamente, ao curso legitimo das idéas e das paixões, será converter a corrente proficua em caudal devastadora, e marcar, de antemão, o momento fatal, em que a torrente venha arrebatar, na onda embravecida, aquelles que lhe provocaram os impetos!

A Europa a cada passo nos está dando d'esses exemplos — e que exemplos, ó Deus!

A revolução reprimida pelo braço estrangeiro, quando se sentia mais robusta, como é natural, concentrava o fogo no intimo, fogo que lavrava com maior intensidade, desafogando no

libello politico, que se publicava anonymo, e respirando, a custo, nos jornaes. Respirando a custo, digo, porque a longanimidade liberal do honrado governo de então promulgava os primeiros artigos da lei de censura previa.

A mocidade, coagida a embainhar a espada em meio da batalha campal, lançou mão da penna, e a indignação, levantando os espiritos juvenis, imprimia nas obras dos moços escriptores um cunho de vigor e de paixão sincera, que fez com que muitas d'essas paginas, a maior parte dispersas ainda hoje, algumas colligidas em volume, sejam das mais inspiradas e mais bellas da litteratura portugueza. Os versos, o romance, a satyra, as apostrophes brilhantes, que saíam da bôca do grande tribuno, então condemnado ao silencio official, respiravam-se no ar.

Foi n'essa época cheia de vida e de enthusiasmo, hoje censurado por alguns substanciaes philosofos de vinte annos, que sabem tudo e *muchas cosas mas*, que eu fui viver para a casa da Ajuda.

II

A proposito das minhas relações com Alexandre Herculano, vou contar como tive o desvario de fazer os meus primeiros versos. Desvario lhe chamei, e melhor diria fatalidade, se me fosse a

lembrar de quanto me tem embaraçado, no curso positivo da vida, as linhas estreitas ou largas a que tenho chamado versos.

O sestro é velho na minha familia.

Meu avô cultivava as musas e saiu-lhe cara a sua convivencia com ellas, porque um soneto, dedicado a certa *Nize*, custou-lhe nem mais nem menos do que o braço direito.

Peccadorão incorrigivel, ainda apesar de manco, escrevia, com a mão esquerda, á mesma *Nize*, umas decimas que principiavam assim:

«Já de meus braços te aparta
A luz da jucunda aurora!...»

N'este ponto, perdôe-me a veneravel memoria de meu avô, mentiu o poeta, e no primeiro hemistichio do primeiro verso.

Meu pae tambem fazia versos, porém, mais feliz de que meu avô, não lhe custaram uma famosa cutilada; antes, segundo resa a tradição caseira, o gracioso sorriso das formosuras do seu tempo compensava o filho das inclemencias por que passára o pae.

Na terceira geração é que a culpa devia ser cruelmente espiada. Não perdi um braço, mas perdi a cabeça, que é muito peior!

Desejava minha mãe que eu seguisse o curso de engenheria na escola polytechnica.

Fiz os preparatorios com exito, que auspiciava um brilhante futuro.

Exultaram amigos e parentes com a estreia do joven prodigio.

Um dia, na aula de chimica, travo relações com um moço que frequentava a escola medico-cirurgica de Lisboa.

Estou a vel-o:

Era um rapaz de vinte annos; alto, moreno, olhos rasgados, insinuantes e vivissimos; testa arejada, bôca fina; cabellos e bigode negros; voz extremamente sympathica; ademães do homem da mais esmerada educação.

Chamava-se: Augusto Emilio Zaluar.

Foi o meu primeiro amigo.

Para pintar a aurora ridentissima da primeira amisade tenho, aqui á mão, um precioso livro de Michelet, e vou definir, vertendo as palavras do divino escriptor, o que eu soube sentir, tão bem como elle, porém não explicar:

«Eis-me velho em breve. Tenho, alem da minha idade, dois ou tres mil annos que a historia tem amontoado sobre mim, de acontecimentos, de paixões, de diversas recordações, onde se mistura a minha vida com a do mundo. Pois bem! Entre esses grandes factos innumeraveis, e esses factos pungentes, um domina, triumpha, sempre novo, fresco, florente — a minha primeira amisade.

«Era, oh! se me recordo! — bem melhor do que o que pensei hontem! — era um desejo immenso, insaciavel de communicações, de confi-

dencias, de revelações mutuas. Nem a palavra nem o papel me bastavam.

«Que alegria, assim que repontava a madrugada, termos já tanto para dizer! Eu partia ao amanhecer, na minha força e na minha liberdade, impaciente por fallar, para prender o fio da conversação, para confidenciar tantas cousas!

«Que segredos e que misterios eram aquelles? Que sei eu!? ás vezes um facto historico ou um verso de Virgilio acabado de decorar.

....

«Idade saudosa, verdadeiro jardim na terra, em que não se conhece nem odio, nem desprezo, nem baixeza, em que a desigualdade é perfeitamente desconhecida, em que a sociedade é verdadeiramente humana, verdadeiramente divina!...»

Augusto Zaluar tinha vinte annos, e eu quinze.

Quando o vi, antes de lhe fallar, senti uma d'estas impressões subitas, imperativas, irresistiveis, que se dão, tanto na amisade como no amor.

Disseram-me que era poeta, e que já tinha publicado um folheto de versos.

N'este ponto á minha sympathia seguiu-se uma admiração tão alta e respeitosa, que frisava pelo fanatismo.

Ardia em desejos de lhe fallar, mas não me atrevia a fazel-o.

Foi elle quem me tirou de embaraços, aproximando-se de mim com a singela bonhomia de condiscipulo.

No calor dos primeiros dias da adolescencia, e naturalmente expansivo, eu não via no horisonte do amor, ou da amisade, nem a mais leve sombra, nem a mais remota nuvemsinha.

Abracei-o e dei-lhe o nome de irmão.

Oxalá que no decurso da vida todos os impulsos da minha alma houvessem sido tão felizes e tão bem correspondidos como foi este.

De facto, nem uma sombra, nem uma nuvem perturbou jámais a nossa extremosa amisade.

Um dia olhei, de soslaio, para o compendio do meu predilecto amigo, e vi, á margem, a seguinte nota, escripta a lapis:

« A chimica é a sciencia mais prosaica que Deus deitou á terra. »

Peguei do meu lapis, abri sorrateiramente o meu Euclides, e escrevi, apressadamente na primeira pagina:

« A mathematica é o açougue da imaginação. »

Postos estes dois aforismos, fechámos os compendios, para nunca mais os tornar a abrir.

Entrava-se na primavera.

Como eu, o meu amigo era affeiçoado ao campo. Todas as tardes discorriamos pelos arrabaldes de Lisboa, respirando a fragrancia alpestre, contemplando o céu, e recreando os olhos

pelos campos, que ondeavam com os perfumados suspiros de abril.

Ás vezes, alegrias subitas nos dilatavam deliciosamente o coração, outras vezes vinham ondas de melancolia inundar-nos não menos agradavelmente a alma.

A «Luz e as Sombras», as «Folhas do Outono», os «Cantos do Crepusculo», os «Ciumes do Bardo», as «Flôres sem Fructo», então havia pouco publicadas, e finalmente esse grande poema em prosa, que ha de viver emquanto se fallar a lingua portugueza — o «Eurico» — eram, alternadamente, os queridos companheiros das nossas divagações campestres.

Aproximava-se o fim do anno, chegavam os exames. Augusto tinha perdido o seu tratado de chimica; eu, n'um impeto de indignação, esfarrapára o meu Euclides, e dos preparatorios do esplendidissimo exame de arithmetica apenas sabia diminuir praticamente.

Isto, porém, não impediu que, no anno seguinte, ambos concorressemos á matricula com insolita ousadia.

O meu amigo, mais sensato do que eu, ficou por ali. Não quiz seguir-lhe o exemplo: matriculei-me terceira e quarta vez ainda. Com um pouco mais de tenacidade vinha a jubilar-me no primeiro anno!

Castilho, Lamartine, Garrett, Herculano, Victor Hugo, tinham sido a minha completa ruina.

Deus perdoe a estes luminares das letras — que me arrasaram!

Durante aquella primavera, que eu sentia dentro de mim tão viçosa, tão florente, tão perfumada, como a contemplava fóra de mim no céu, nos prados, nos bosques, nos valles, nos montes e nas ondas lampejantes do mar, Augusto fazia versos.

Quando elle, acceso ainda pela inspiração, me recitava alguma das suas composições, ouvia-o maravilhado e punha-me depois a scismar, horas inteiras, em como sentindo eu tudo aquillo — e com tanta vehemencia — o não podia expressar.

No paiz onde nasci, em Hespanha, nas provincias vascongadas, nas cercanias de Bilbau, onde nasceu A. de Trueba, o primoroso cancionista, quando eu era pequeno cantava os *Zorzigos*, as saudosissimas melodias das montanhas do meu berço; e com os meus companheiros — alegre bando de colibris — parafraseava as quadras populares; e o metro e o toante acudiam-me com certa facilidade.

Só, já feitos quinze annos, sentindo no coração os primeiros effluvios do amor nascente, é que não podia atinar com o metro nem achar uma rima.

Cantava em criança!... As crianças são inspiradas como os passaros, que voam por esses espaços fóra e sentem-se alegres, não conhecem

ainda este mundo, e cantam sem saber por quê, nem para quê!

Decorreram alguns mezes. Augusto Zaluar tinha escripto novas composições e o seu nome era bastante conhecido na imprensa.

Quiz o acaso, um dia, que ambos travassemos relações com uma amavel familia. N'essa familia havia duas meninas. A mais velha tinha vinte annos; a mais nova a mesma idade do que eu, isto, é dezeseis annos, ainda não cumpridos.

Eram como gemeas na similhança, e toda a gente as confundiria, apesar da differença na idade, se a mais velha não fosse extremamente pallida.

Fatal pallidez!

O sentimentalismo das estancias do meu poeta, casava com a melancolia que anuviava o coração da graciosa enferma.

Orvalhavam-se-lhe os olhos de lagrimas quando ouvia as tocantes estrophes, e os labios abriam-se n'um sorriso resignado, similhante, como diria um mistico, ao do anjo que deplora as tristezas da terra, saudoso de voltar á patria das bem-aventuranças.

A outra irmã tinha os mesmos olhos rasgados e negros, o mesmo perfil delicado, a estatura quasi igual, e a bôca tambem pequena e insinuante. As pupillas é que scintillavam mais; as azas do nariz não batiam tanto [illegible]

rar difficil; os labios eram mais vermelhos, e nas faces as rosas abriam com o calor da adolescencia. Sobre a tarde avivavam-se, ás vezes demasiado.

A mãe olhava inquieta para ella, e dizia, escondendo as lagrimas:

—«Não gosto de lhe ver aquellas rosetas nas faces!»

Pobre mãe! mal sabia quão breve haviam de transformar-se em lyrios de mortal pallidez!

Um dia perguntou-me a sympathica menina:

—«Porque rasão não faz versos como o seu amigo?»

Não me lembro precisamente do que respondi, mas estou certo que foi uma tolice.

Para o fim da noite, quando ía a contar não sei que anecdota, ella córou de improviso e sem motivo.

Eu disse:

—«Se córa não conto.»

—«Conte sempre, respondeu ella, mas com a condição que ha de ser em verso.»

Foi o primeiro mote que me deram em tempo em que já não havia outeiros!

O «Se córas não conto»! foi a minha primeira glosa.

Só ella a viu, e sob inviolavel segredo; mas a impaciencia dos poucos annos não lhe consentiu guardar por muito tempo o sigillo. Denunciou-me ao meu amigo; o meu amigo denunciou-

me ao publico, imprimindo, a occultas minhas, os versos n'um jornalsinho que então havia intitulado os «Pamphletos.»

Quando vi o meu nome em letra redonda, quando os rapazes de então, Mendes Leal, Mendonça, José Estevão, Rebello, Corvo, Latino Coelho me applaudiram, não dormi tres noites! Na primeira noite que entrei em S. Carlos faltavam-me pulmões para respirar as largas brisas da minha gloria! Sentia-me um grande homem; estava piamente convencido de que todos os oculos, com todas as attenções e todos os sorrisos festivaes se voltavam para mim! Hora millenaria foi aquella, como não voltaria outra, ainda que me visse no fôro, coberto de palmas, como Cicero, ou laureado no Capitolio, como Victor Hugo!

Os versos eram apenas o gorgeio de uma alma que trasbordava de enthusiasmo; valiam muito pouco; porém relendo-os agora, passados vinte e oito annos, acho-lhe certa frescura e aroma que não encontro em nenhuma das composições que fiz depois. Parece-me haver de facto n'aquellas estancias, singelas na rima e fracas no batido do metro, a rescendencia salutar e agradavel que vem das flôres selvaticas — ao romper dos dias germinaes da primavera!

Pouco tempo depois da minha tentativa litteraria a bella admiradora do meu poeta despedia-se d'este mundo, como ao entardecer os ly-

rios se despedem do sol a que sorriram perfumados e alegres ao repontar da alvorada!

A formosa inspiradora do meu singelo conto, passados oito mezes, como a irmã, tambem se despedia da terra, porèm o seu adeus ás illusões d'este mundo foi mais longo e mais doloroso!

Eis aqui a historia dos meus primeiros versos, historia que principiou por um sorriso, e acabou por umas lagrimas — bem amargas!...

Essa tentativa poetica, apesar de insignificante, é para mim penhor de immensas saudades. Entre outras cousas, a ella devi as minhas relações com A. Herculano.

Logo depois de o conhecer, retirei-me para o seu eremiterio da Ajuda, e ahi passei os primeiros annos da mocidade, os mais tranquillos e mais felizes da minha vida!

Uma noite, A. Herculano escrevia as paginas do segundo volume da Historia de Portugal; eu lia, aconchegado ao fogão, sentindo as correntes do norte que se precipitavam da serra do Monsanto, silvando pelos vãos e arcarias do palacio deserto.

Bateram á porta; veio o criado e annunciou:

— «É o senhor Augusto Emilio Zaluar.»

— «Que entre.»

Herculano depoz a penna e disse:

— «Chegou a proposito; isto devem de ser horas do chá.»

O meu amigo vinha um pouco pallido e visivelmente triste.

— «Por este sitio e a estas horas! que temos?» perguntei-lhe eu.

— «Temos que parto depois de ámanhã para o Rio de Janeiro.»

E Augusto Zaluar explicou os motivos que o levavam a deixar Lisboa, e procurar melhor fortuna na America.

Trazia o seu album. A. Herculano escreveu, de improviso, algumas sentidas palavras em prosa; nós abraçámo-nos estreitamente, e elle partiu, não podendo conter as lagrimas que o suffocavam.

Se o poeta no Brasil, onde pára ha tantos annos, não tem accumulado fortuna, vive com desafogo e é duplamente applaudido — como homem de letras distincto e como homem de bem.

Se este livro lhe chegar á mão — receba com elle um abraço fraterno, que lhe envia o seu companheiro e o seu amigo dos dias florentes da juventude.

Pedindo desculpa ao leitor d'este episodio da minha vida, a que não pude resistir, voltemos á casa da Ajuda, e aos homens que n'esse tempo ali concorriam.

III

Alexandre Herculano, quando eu fui para a sua casa, começava a escrever o segundo volume da Historia de Portugal. O primeiro fôra publicado havia pouco. O «Monge de Cister» estava no prelo: succedia ao «Eurico», á «Abobeda», ao «Bobo», ás Arrhas por fôro de Hespanha».

O auctor cumprira trinta e sete annos n'aquella primavera.

Os rapazes do cerco do Porto, se haviam corrido por cima das ondas, voltando do exilio, se marchavam rapidos pelas assomadas das serras, fraguedos e desfiladeiros, carregando o inimigo, vamos que não caminhavam devagar pela senda das letras!

Na Ajuda, hoje animada e ruidosa com a presença da côrte, reinava n'aquella época o silencio e a solidão quasi completas.

Da antiga Patriarchal, ninho tepido e macio, recheiado pela mão paterna do absolutismo com o cibo apetitoso, que regalava o paladar exquisito dos filhos segundos das casas fidalgas, convertidos em recebondos, anafados e pachorrentos conegos, da antiga Patriarchal, digo, não existia mais do que a torre.

O bronze, que dava as horas, tinha um som redondo, sonoro, ao mesmo tempo melancolico e profundo. Dir-se-ia que denunciava saudades do passado, mas que se resignava com o presente.

Saberia elle que o bronze é a voz do tempo? É possivel.

Se D. Francisco Manuel de Mello o interrogasse, nos seus «Apologos Dialogaes», talvez respondesse que se não queria rebellar contra o correr das cousas humanas, para que o não apeassem das alturas onde estava, e o pozessem de rastos, como, por obstinados, tinham feito aos conegos, e depois fariam aos seus irmãos morgados, e a tudo mais, que, de peito feito, se quizesse oppor ao progresso que avança!

Como o sino da Ajuda, alem de estar n'uma torre, está n'um alto, ha de ter visto muita cousa, e ha de ter muito que dizer; mas não diz nada a mais das horas e dos quartos, que o ponteiro lhe marca.

Com tamanho badalo nunca vi quem badalasse menos!...

Talvez que eu, algum dia, venha a badalar por elle.

A janella do quarto de trabalho deitava para o Tejo.

No meio da verdura dos quintaes e das hortas resaiam as casas, que se agglomeravam pe-

la encosta até á beira do rio. Os montes do outro lado.

Se a margem esquerda do Tejo fosse arborisada de pinheiraes, como é a do Douro, que aprasivel effeito não produziria no animo do viajante, que já vem maravilhado com a entrada da barra de Lisboa!

A vista dilatava-se pelo espaçoso largo, descia pela encosta ingreme, e espraiava-se pelas aguas transparentes do rio.

O gabinete de estudo era pequeno. No inverno aconchegado, agasalhado ou «confortavel», como agora se diz. Na primavera e verão abria-se a grande janella, e arejava-o a brisa fresca do mar.

Uma janella que deita para o mar desafoga os pulmões e tambem a alma.

Havia n'aquelle quarto um fogãosinho, a mesa de trabalho, e uma enorme cadeira estofada e forrada de marroquim verde, cadeira como não conheço outra, obra traçada pela cabeça de um allemão, e feita de molde para as meditações dos sabios.

Eu, por mim, achava-a deliciosa para me aninhar dentro d'ella e dormir regaladissimos somnos!

Sobre a mesa, coberta de papeis, um grande tinteiro de latão, como os das antigas secretarias, e as pennas de pato — sem contar com as minhas — que eram bem raras n'esse tempo! Per-

lo chão os livros, os in-folios, e as notas com signaes, que eu suppunha cabalisticos. Aquellas notas eram para mim a Sphinge: interrogavam-me! eu ficava horas esquecidas com os olhos fixos, arregalados de ávida curiosidade!...

Não acertava com uma palavra do enigma!

O dono da casa, n'um momento de descanso, dava por mim n'aquella contemplação muda; e se me succedia, n'esse momento, encaral-o, descobria-lhe nos labios um sorriso compadecidamente ironico. Então levantava-me furioso, corria ao meu quarto, pegava na espingarda, chamava o cão, e, com a impaciencia dos dezesete annos, ía respirar o ar vivo da serra do Monsanto, dando caça ás bandas de perdizes, que por ali havia.

A desordem, apparente, dos livros e dos in-folios, a immensidade de notas, dispersas como baralhos de cartas, que se atirassem ao acaso; todo aquelle labyrintho era a ordem, a classificação mais perfeita para o grande escriptor.

Quasi pelo tacto ía pôr a mão no documento de que necessitava, fosse embora das mais exiguas dimensões.

No inverno accendia-se o fogão. Assim que o sino dava as onze da noite, fosse qual fosse o trabalho, e por mais embebido que estivesse n'elle, o dono da casa depunha a penna, conversava uns dez minutos, encaminhava-se para o seu quarto, e logo que encostava a ca-

beça na almofada, adormecia de um somno reparador e profundo até ás seis horas do dia seguinte.

A boa divisão do tempo, a regularidade de vida, a assiduidade no trabalho, reunidos á poderosas faculdades intellectuaes, venciam as inauditas difficuldades, que se apresentavam a cada passo diante do escriptor, que tinha de desentranhar das minas da historia, occultas nos recessos dos archivos, o oiro, que, depois de lavrado e polido, devia de ser um monumento de gloria para nacionaes, e de admiração para estrangeiros.

IV

No palacio, deserto, habitavam algumas açafatas da antiga côrte, e morreriam á mingua no meio d'aquella grandeza miseravel, se mãos caritativas lhes não acudissem com algum remedio.

O governo d'esse tempo — era exemplar em tudo!

Quando o norte agudo da invernia se precipitava das assomadas da serra, silvava pelas arcarias, longos corredores e salões desguarnecidos da fabrica enorme, a situação d'aquellas pobres mulheres, algumas já na idade senil, era bem triste!

Tinham passado a mocidade nos commodos e esplendores do paço. Agora, na velhice, viam-se, durante os dias e as longas noites de dezembro, sem lume e quasi sem pão!

Aos sabbados, depois da uma da tarde, principiava a feria.

N'esse dia reuniam-se a jantar alguns amigos: A. de Oliveira Marreca, Rebello da Silva, marquez de Sabugosa, Rodrigo Felner, Lopes de Mendonça, Francisco Maria Bordallo.

Rodrigo Felner dir-se-hia que alojava no peito amplo os calembures e epigrammas de dois philosophos do seculo XVIII. Rebello da Silva era o unico que se atrevia a provocal-o de cara a cara.

Intrepidez digna d'elle! Os dois athletas mediam-se. O sorriso, exprimindo a consciencia da propria superioridade, escorregava pelos labios de ambos.

Floreavam os ferros cumprimentando com a galharda gentileza de dois jogadores insignes; terçavam-n'os depois, e, ao primeiro aceno, caíam um sobre outro mettendo as espadas pelos mesmos fios, como dizia o padre Antonio Vieira...

O auditorio applaudia, não sem receio de apanhar algum bote de revez.

Quasi sempre, na minha qualidade de pato, a victima era eu, mas, se um golpe perdido acertava de tocar em Bordallo, a resposta era prompta e a estocada fatal.

O espirito chispava e as horas corriam como por encanto!

Oliveira Marreca vinha espairecer, nos sabbados, as angustias de uma das épocas mais afflictivas da sua vida. O illustre economista, o primoroso escriptor do «Conde Soberano de Castella», austero e desenganado liberal, com o seu animo varonil, a sua vontade inflexivel, não deixava transparecer no rosto sereno uma sombra das amarguras, que lhe apertavam o coração. Saindo da frieza apparente, quando a palestra tomava certo caracter, a que distancia encarava o horisonte politico com a lucidez da sua alta rasão! Sempre na guarda avançada das idéas, punha peito aos revezes da má fortuna, com a impassivel e intrepida coragem provada desde o dia em que lhe algemaram os pulsos em Santarem, quando apenas entrava na adolescencia, até ás épocas crueis do homizio e do desterro!

Muitas vezes o curso das idéas ia dar n'um ponto intrincado de historia.

O dono da casa tomava a palavra. Então, todos nós escutavamos em silencio e com assombro!

Parecia-nos, ás vezes, que viamos os personagens, que observavamos os costumes, que entravamos no interior da vida politica e social do paiz e da época de que se tratava: tão firmes e precisos eram os traços, tão vivas as

côres, e tão bem combinada a luz que illuminava o quadro!

Aproveitadas e gratissimas horas, oh! como é suave e doloroso para mim recordar-vos hoje, no meio da gelada indifferença, que respira em volta de nós, no meio d'esta sociedade cada vez mais chata e cada vez mais burguesa!

J. B. DE ALMEIDA GARRETT

CAPITULO II

GARRETT NO EREMITERIO

A carta de Garrett.—Boa nova.—O estojo.—Pasmo do mestre.—Garrett no eremiterio.—Horas de ocio.—Os passeios á tarde.—Viagem projectada.—Um fidalgo de velha rocha.—A leitura do romance.—Ultimos cantos do poeta.

I

Um dia de manhã a governanta, colossal nas fórmas, mas expedita e intelligente no seu lavor domestico, entrou no quarto e, entregando uma carta, disse:

—«Veiu trazel-a agora um criado do sr. Garrett.»

O dono da casa interrompeu o trabalho e abriu a carta.

Era longa.

No fim da leitura voltou-se para mim, com ar prasenteiro, e disse-me:

—«Uma boa nova; o Garrett vem passar o resto da primavera e o verão comnosco.»

Fiquei pulando de contente.

Viver com o grande poeta debaixo dos mesmos tectos, aprecial-o no trato intimo, ouvir-lhe, da propria bôca, os episodios da sua vida tão aventurosa, tão cortada de lances notaveis, era o maximo a que podia aspirar a minha imaginação juvenil e ardentemente impressionavel por tudo quanto era litterario.

Preparou-se para o nosso hospede o quarto mais amplo e mais commodo que havia no eremiterio.

Garrett mandou o seu saco de noite, uma pasta com manuscriptos, e o estojo de *toilette*, peça esta que, á primeira vista, podia parecer uma caixa de instrumentos cirurgicos e juntamente uma botica portatil: tal era a quantidade de ferros cortantes em fórma de canivetes, escalpellos e bisturis; as tesoiras de todas as dimensões, as pinças, as esponjas de todos os tamanhos, e a enorme quantidade de frascos, que encerravam finissimas essencias combinadas pelos mais imaginosos e mais famosos perfumistas de Londres e Paris!

O dono da casa, vendo o estojo aberto diante do espelho, contemplou-o, como eu contemplava as nôtas, isto é, com os olhos arregalados de pasmo, e, passados alguns momentos, voltando-se para mim, disse com ar solemne:

—«Ora veja o meu amigo de quantas cousas póde precisar um homem n'este mundo!»

O auctor do «Fr. Luiz de Sousa» veiu para a Ajuda.

Entravam os primeiros dias de maio.

O dono da casa dera liberdade plena aos seus hospedes, para que os seus hospedes lh'a deixassem a elle tambem. Levantava-se ás mesmas horas, almoçava e sentava-se á mesa do trabalho, como de ordinario.

Garrett preguiçava, mas aquellas horas de preguiça eram como as de Byron. De quando em quando do *dolce far niente*, que os italianos entendem por fazer aquillo de que se gosta, saía uma flor delicada e perfumadissima, que iria enlaçar-se na graciosa grinalda das «Folhas Caídas». Garrett, n'essa época, estava na força da vida, tinha quarenta e oito annos, mas havia muito que lhe chamavam velho.

Como os poetas tem de ser calumniados em tudo, a elle até o calumniavam na idade, e auctorisavam a calumnia com o longo catalogo das suas obras.

Não se lembravam de que o cantor de D. Branca, como o cantor de Leandro e Hero, balbuciára ainda na infancia a lingua sonora dos immortaes!

Ás tardes discorriamos, com o dôno da casa, pêlo aprasivel Valle das Romeiras, onde Rebello da Silva passava uma temporada com Julio Caldas, e augmentada a romagem com mais dois companheiros, alargavamos, não raro, o

passeio até ás proximidades de Carnaxide e Linda a Pastora.

Se eu fosse stenographo e houvesse transcripto as conversações dos tres, que escutava em silencio durante aquellas tardes, em vez d'estas paginas incolores teria o leitor o livro mais elegante, mais espirituoso, mais variado e original da litteratura portugueza!

Foi n'um d'esses passeios que Almeida Garrett delineou uma viagem monumental.

O plano era o seguinte:

Comprar-se um macho possante, para transportar bagagem e barraca de campanha.

O auctor do «Monge de Cister» daria tres ou quatro mezes de ferias á «Historia de Portugal.»

Rebello da Silva acompanhava.

Correriamos a Beira, o Minho e Traz-os-Montes a pé, e a pequenas jornadas.

Os tres escreveriam um livro: na propria phrase de Garrett:

«Far-se-ha chronica de quanto virmos e ouvirmos».

A viagem não se realisou, principalmente, pelo aspecto que foram tomando as cousas politicas.

Que bella chronica, que sumptuoso livro perdeu Portugal!

II

Findou a primavera, correu o verão, e só nas entradas do inverno é que Almeida Garrett regressou a Lisboa.

N'esse inverno, entre outras cousas, escreveu o capitulo de um romance, que deve existir entre os manuscriptos que legou o poeta.

A leitura do capitulo foi pretexto para um jantar.

Garrett morava então na calçada do Salitre. O fino tacto do grande escriptor respirava em todas as cousas que o cercavam.

Não era uma casa aquella—era um sanctuario da arte!

A intuição, o gosto do seu espirito delicadissimo, revelava-se no que apparentemente parecia mais insignificante.

Constavam os convivas de A. Herculano, Rebello da Silva, Lopes de Mendonça, Carlos Bento, D. Antonio Jorge da Cunha Menezes e eu.

D. Antonio de Menezes tinha intelligencia fina e coração nobilissimo.

Muito moço; alto, elegante, mas franzino e debil de compleição; os olhos claros; o olhar limpido, as pestanas longas. O vago ideal d'aquelles olhos fazia-nos scismar quando attentavamos n'elles.

A extrema pallidez do rosto prenunciava, já então, a terrivel enfermidade que havia de arrebatal-o na flôr da vida.

Na belleza das feições, que tinham os primores e mimos feminis, respirava, ao mesmo tempo, a virilidade da sua alma e o valor do seu animo provado já no campo da batalha.

As mãos eram finas, mãos de raça, como dizem os inglezes.

Corria-lhe nas veias fidalguissimo sangue.

Seu pae representava os Menezes de Africa, sua mãe era D. Anna Mafalda da Cunha, irmã do conde da Cunha, D. José; varonia das mais provadas, das mais antigas e mais illustres de Portugal.

Hoje, até para um homem das minhas idéas, faz bem ver um aristocrata de velha rocha.

É uma cousa artistica.

Desenjoa-se a gente das gorduras de certos viscondes, que estoiram as luvas, por mais elastica que seja a pellica, com os nós das mãos ossudas e habituadas a puxar pelo cabo da enxada nativa, socia inseparavel da sua infancia.

Uma tradicção viva do passado em face d'este presente é cousa agradavel: faz-nos lembrar que já tivemos uma sociedade legalmente constituida: sociedade de gente limpa e gente branca.

A distribuição de fitas, de commendas, de

gran cruzes, de titulos, é o symptoma mais decisivo de que este systema que nos rege está a caír a pedaços. Todos os internacionaes do mundo — dos republicanos já se não falla (ao que parece, os republicanos são ultra-conservadores em presença dos que proclamam a liquidação social) —, todos os internacionaes, digo, a nova seita que apavora o espirito e faz tremer as carnes do burguez rotundo e do banqueiro anafado, annunciam menos um novo génesis social do què esta ambição de tratamentos, de distincções, de gerarchia, de que toda a gente ri, mas que quasi toda a gente quer.

Quando a corrupção chega a lavrar no gosto, na lingua e nas idéas de uma sociedade, essa sociedade está irremediavelmente perdida.

Por exemplo:

A um canteiro, que póde ser um artifice de bastante merecimento chama-se hoje um esculptor.

Aquelle que dentro de um troço de marmore vê o Moisés, a Psyche, ou as Graças, como o designaremos? Que nome se ha de dar a Miguel Angelo, a Pradier, a Canova e a Thorwaldsen?

III

Ao café pediram todos, com viva instancia, a leitura do capitulo.

O poeta accedeu de boamente.

Garrett lia com primor.

Tinha uma voz masculina, cheia, poderosa, quando se exaltava na tribuna: um pouco aspera talvez; mas, assim que o assumpto o pedia, modificava as inflexões e conseguia todos os effeitos da declamação correcta. Nada de enphatico, de piegas, de amaneirado.

Declamava, como escrevia, com o mais apurado gosto e a maior naturalidade.

Começou a leitura.

Recordo-me bem que o romance principiava de modo original. O primeiro capitulo era a descripção da morte da heroina.

Descripção admiravel, como elle as fazia!

Depois da leitura começou a discussão em que entraram:

A. Herculano, Rebello da Silva, Lopes de Mendonça e Carlos Bento.

A discussão era sobre o desfecho. O poeta tinha dois meios de resolver o problema, mas não lhe agradava nenhum.

Depois de longo debate combinou-se um terceiro.

Carlos Bento tinha, n'esse tempo, grande enthusiasmo pelas letras, e, alem de ser conversador como ha muito poucos, possuia gosto finissimo.

A politica, em que tem andado mettido de pés e cabeça—parece incrivel—ainda não conseguiu acabar-lhe com isso!

Na entrada da primavera do anno seguinte o poeta voltou para o eremiterio.

Sentia-se na força da inspiração. Os versos, com o ardor dos vinte annos, desatavam-se de dia a dia. Ao mesmo tempo gisava as scenas do seu grande romance «Helena», de que ha pouco sairam os primeiros capitulos, formosos quadros, que deixam o leitor suspenso em ardente curiosidade.

Ah! porque descaiu mortal a mão do artista!

Parece que o poeta presentia já a morte quando, com sorriso melancolico, me recitava estes lindos e apaixonados versos:

> «Bem o vês, o alaúde caiu-me
> D'estas mãos que não tem já poder;
> E o som derradeiro fugiu-me
> Do hymno eterno que ergui ao nascer.
> Ai! por ti, por ti só, á memoria
> Vem saudades do tempo da gloria!»

Oh! os poetas, os poetas!..

Só elles têm alma de pagar as voluveis caricias da mulher com a immortalidade!

CAPITULO III

O JANTAR AO POETA

I

A época que decorreu desde a revolução do Minho até aos primeiros dias da regeneração, foi, áparte os annos que seguiram desde 1834 até 1840, a época de maior movimento, de mais energia e sincero enthusiasmo de Portugal, nos nossos dias. Em Coimbra, com o «Trovador», apparecera um grupo de moços, que, dentro da escola do seu tempo, revelavam condições de subido merito.

Áparte os poetas, entre os quaes João de Lemos tinha o primeiro logar, cursavam a universidade rapazes como A. A. Teixeira de Vasconcellos, José Vicente Barbosa du Bocage, Casal Ribeiro, Manuel Maria da Silva Bruschi,

Couto Monteiro, Rodrigues Cordeiro, Augusto Lima, Gonçalves Dias, Gomes de Abreu, um dos homens do partido realista que mais tenho presado pelo seu talento, pela sua illustração e principalmente pelo seu nobilissimo caracter.

Prompta a sacudir o jugo dos villãos que deshonravam os fastos da liberdade, de que eram filhos, tentando restaurar o passado, a mocidade de Coimbra, com alguns mancebos das outras escolas do reino, uniram-se no brioso batalhão academico, não desmentindo nem na abnegação, nem na intelligencia, nem no animo temerario, as tradicções d'aquelles que haviam perpetuado a fama do seu nome na Serra do Pilar e na Frecha dos mortos.

No dia 1 de maio, no Alto Viso, vendo cair no campo, ás primeiras descargas, o seu intrepido commandante, Fernando Mousinho, alguns pagaram, com a vida, os louros ceifados no ardor do combate.

Como já disse n'este livro, o enthusiasmo, por esses tempos, respirava-se nos ares.

Não ha nada mais fraterno do que a igualdade das crenças politicas, sobre tudo nos dias da adversidade. Nós os «patuléas pés frescos» tinhamos o nosso santo e a nossa senha. Onde se achava um em perigo, por encanto lhe apparecia o seu camarada, e, como irmãos siameses costas com costas, repelliam os assaltos dos sicarios, frequentes nas praças e ruas da capital.

As letras eram para nós um culto, como são, diga-se a verdade, para a juventude actual; porém os tempos tinham em si mais ardor e mais fervoroso enthusiasmo.

Era um bem o enthusiasmo de então? Será um mal a friesa de hoje? Bem e mal existirá em ambas as circumstancias, como fatalmente se dá em todas as cousas d'este mundo.

Eu pinto uma época—que me faz saudade—posto tenha havido grande reviramento no meu espirito com relação ao modo por que pensava n'esse periodo da mocidade.

II

Na Ajuda, ponto de reunião, aos sabbados, dos homens e rapazes de letras, appareceu um dia Luiz Augusto Palmeirim, ufano por haver travado relações com um moço chegado havia pouco do Brazil.

Era um poeta esse moço. Não se inspirava só no amor da mulher; cantava as amarguras e attribulações do povo a que pertencia, com ardor, verdade, força e inspiração.

Assignava-se «Poeta operario». Conhecia as rudes provações da vida. Tinha transposto os mares até ao Novo Mundo, deixando o lar e as afeições da infancia. Partira desamparado e peregrino. Fortalecera-lhe o espirito o trabalho,

e engrandecera-lhe a imaginação a magestade do Amazonas, por cujas margens se embrenhára, rompendo e entranhando-se nas florestas virgens, seculares, bravias e mysteriosas.

Voltára á patria, pobre como saira, não podendo resistir ao seu pendor litterario, e com o fim principal de apertar a mão a Almeida Garrett, de quem recebera algumas palavras animadoras em resposta a uns versos que lhe enviára—quando andava forasteiro, vagabundo e scismador por aquellas remotas paragens.

Este poeta, meu velho amigo de ha tantos annos, era Francisco Gomes de Amorim, em cuja fronte coroada com os laureis alcançados pelo seu bello talento, não faltam, infelizmente, os espinhos do martyrio de uma enfermidade pertinaz e cruel! Luiz Palmeirim, animo desafrontado das emulações e invejas, que róem lentamente as entranhas de tanta gente pequena, vinha offegante de contentamento.

Era mais um poeta, mais um amigo, mais um correligionario politico que elle nos apresentava.

Leram-se os versos, que eram patrioticos e revolucionarios.

N'esse mesmo dia ficou concertado, entre nós, darmos um jantar ao poeta.

Convidámos Garrett para presidir á festa. Foi um banquete verdadeiramente fraterno.

III

Havia, então, no largo do Corpo Santo, a casa de um italiano, que dava magnificos jantares.

Desempenhou-se d'essa vez o vatel florentino com o esplendor proprio do nome que alcançára na patria e augmentava no estrangeiro.

Homens de todos os partidos figuraram na festa.

O poeta da «Lua de Londres» e do «Festim de Balthasar», representante das mais puras idéas do partido realista, estava ao pé de Lopes de Mendonça, representante da democracia. Haviam-se ensarilhado as armas nos arraiaes politicos.

João de Lemos estava n'esse tempo no verdor da mocidade.

Era uma bella phisionomia; peninsular legitima.

Cabellos e olhos negros, barba espessa e annelada; bôca franca, sorriso aberto e gracioso; magnifica testa, o porte e os ademães dos homens do seu berço, do fidalgo de raça. Faiscavam-lhe os olhos com os raios do estro de um verdadeiro poeta. João de Lemos, pelo talento, primor de educação, rasgos de animo, nobreza

de caracter, é um dos homens mais notaveis de quem me ufano de ser amigo.

Garrett havia annos que tinha fechadas as portas do parlamento.

Alguns dos circumstantes nunca o tinham ouvido.

Levantaram-se diversos brindes.

Carlos Bento da Silva teve um improviso brilhantissimo.

Garrett tomou a palavra no fim de todos.

A sua voz pausada, cheia, redonda, sonora, a elegancia da phrase, que parecia correr dos labios, como da penna pareciam correr os versos e prosas, logo aos primeiros periodos nos fez bater o coração.

O auctor do «Camões» dirigia-se á mocidade, debuxava os lances por que passára Portugal desde 1820 até aquella época, mas com tal arte que não feriu a minima susceptibilidade, e apellava para a juventude, como a que devia realisar a revolução principiada pela sua geração d'elle.

«Todos os dias, exclamava o poeta, com os bellos olhos garços faiscantes de luz, todos os dias, n'essas folhas sibylinas chamadas jornaes, apparece uma estreia onde por vezes scintilla o genio d'esta mocidade que me cerca! . . . Nós fizemos o que podémos, e foi muito o que fizemos, mas a vossa obra tem de ser maior e mais perfeita.»

E tinha e devia de ser . . . Porém a verdade é que até hoje não o foi. N'esse dia se estreitaram mais os laços de sympathia entre o auctor das «Folhas Caídas» e Gomes de Amorim.

IV

No lapso do tempo decorrido desde a noite d'essa festa até ao inverno de 1854, em que o visconde de Almeida Garrett expirou, a amisade entre o moço poeta e o grande mestre da tribuna e da scena, foi a mais leal, mais sincera e mais apertada.

Garrett comprazia-se em frequentar o quarto de rapaz de Gomes de Amorim, dando conselhos com tacto tão fino, decorando com suas proprias mãos o modesto aposento do seu joven amigo!

Havia um tanto ou quanto da solicitude paterna na afeição que Almeida Garrett votava a Gomes de Amorim.

E tem sido essa estima o brasão que mais présa, ainda hoje, a nobre e reconhecida alma do poeta!

Como era elevada a figura do auctor de «D. Branca», na simpleza do trato, esquecido das suas grandezas—, que as tinha todas, as que mais se podem ambicionar n'este mundo!— n'aquelle quarto de rapaz, cercado dos seus

actores, que elle havia creado para a arte, como para gloria da patria creara o theatro nacional, com o Alfageme de Santarem, Gil Vicente, Frei Luiz de Sousa, Filippa de Vilhena, a Sobrinha do marquez, e as Profecias do Bandarra. Em quantas cousas era grande o visconde de Almeida Garrett!

Grande na tribuna, grande no theatro, grande nos versos, e principalmente grande na singeleza e no gosto, que parece haver morrido com elle!

Sentia já no coração os primeiros rebates da morte; mas o animo, em vez de caír e agrearse presentindo o termo das fatuas illusões d'este mundo, alteava-se, tornando-se mais complacente, mais ameno, mais solicito em soccorrer com o conselho a todos quantos acudiam a elle nos primeiros e incertos passos da vida, tendo na fronte, com a estrella do talento, o cunho da desventura, apanagio fatal de todos os que se elevam acima do vulgar!

Consolar é a primeira missão dos poetas.

Até na satyra, castigando a prepotencia dos mandões, consolam elles os que têm fome e sêde de justiça!

São os grandes medicos moraes da humanidade. E, como os medicos, tambem são implacavelmente abespinhados e calumniados!

De medicina toda a gente sabe, e desdenha, e dá sentenças. De versos não ha ninguem que

não entenda, e raros os que não escarneçam do poeta.

Mas, quando adoecem do corpo, acodem ao doutor; quando enfermam da alma, soccorrem-se ao poeta.

No dia em que se pilham curados chasqueam immediatamente do medico e do poeta.

É tão grato este mundo!

CAPITULO IV

GARRETT NA VIDA INTIMA

I

Ao passo que Almeida Garrett se comprazia, na vida publica, com as honrarias, tantas vezes futeis, do mundo official, chegando, não raro, a ufanar-se, com vaidade feminina de uma venéra, de uma fita, de uma ninharia qualquer, na vida intima era o homem mais desaffectado e mais simples que póde haver.

Ninguem se aproximava d'elle a pedir-lhe conselho, que o não achasse prompto a dar-lh'o e com a maior sinceridade.

Desvelava horas inteiras no lavor de corrigir uma obra onde havia talento, mas a que faltava a fórma.

Algumas ingratidões, bem negras, recebeu em paga da sua honrada abnegação!

Como todos os homens de gosto superior, Garrett era um grande critico.

Na sua conversação particular abria-se uma mina de conceitos delicados e de observações profundas.

Á sombra de um tio, o bispo de Angra, homem de muitas e boas letras, Garrett fizera os seus estudos classicos.

Sabia o grego e estudára os immortaes modelos na lingua original.

Dos escriptores dos tempos modernos, os seus predilectos eram Shakespeare, Schiller, Goëthe. Acima de todos Shakespeare; como Lord Macaulay, Garrett julgava-o o primeiro poeta do mundo, depois de Homero.

Quando fallava do auctor do Hamlet brilhavam-lhe os olhos com o mais sincero enthusiasmo, e muitas vezes lhe ouvi declamar, no seu elegante estylo, a scena do cemiterio e o immortal monologo: «Ser ou não ser».

Almeida Garrett não tinha a memoria das palavras, a menos valiosa de todas. Raros fragmentos dos seus versos sabia de cór; mas conseguira decorar os «Sinos» de Schiller e o «Cinque Maggio» de Manzoni.

Principiou a traduzir os «Sinos».

Lembro-me que nas estrophes que me leu havia uns versos saphicos, rimando o hemistichio com o final do verso antecedente, que me produziram excellente effeito; elle, porém, affirma-

va-me que d'ali ao original ia uma distancia immensa.

Um dia rasgou tudo.

II

Garrett tinha o seu modo peculiar de trabalhar, como têm todos os escriptores.

Não podia prescindir de lume no inverno. Embora o frio não apertasse, havia de olhar para o fogo, aconchegar os tóros de madeira, excitar o brasido e atear as labaredas.

Não emendava os periodos ou as estrophes ao passo que se iam succedendo. Só depois de concluida a obra delineada é que principiava a corrigir e a apurar a fórma.

Ás vezes, quando não achava palavra, phrase ou locução para exprimir a sua idéa, e a encontrava em francez, inglez, allemão ou italiano, linguas que elle sabia perfeitamente, escrevia-a em qualquer d'essas linguas, e só depois lhe vertia o sentido em portuguez.

Ninguem era mais cuidadoso e demorado em rever, corrigir, alterar, limar, polir as suas obras.

As «Viagens na minha terra», que nos correm na leitura como a conversação mais facil e elegante, foram emendadas mil vezes.

Depois de irem para a imprensa, tiravam-se quatro ou cinco provas. Ainda está vivo o che-

fe da officina da Revista Universal, onde se publicaram as «Viagens», e bem se lembra elle que muitas vezes se deu a todos os santos, senão a todos os demonios, com aquellas interminaveis emendas.

Não admira. A decima copia do Telemaco não se pode ler, e nada ha que pareça ter sido escripto com maior facilidade.

Um dos grandes prazeres de Garrett era ouvir ler.

Commodamente recostado na famosa cadeira allemã da casa da Ajuda, pedia-me alguns pedaços da sua predilecção.

Tinha-me apresentado, havia mezes, a um italiano que passou muitos annos em Portugal, homem de letras, discipulo de declamação do maior tragico de Italia—o Modena. Era um bello homem aquelle italiano: chamava-se Cesar Perini di Lucca. Tinha sido meu mestre de declamação.

Eu fui o ledor de Garrett nos aprasiveis ou antes deliciosos e saudosissimos dias da Ajuda.

A «Batalha de Chrissus», no Eurico, era uma das paginas de litteratura patria que Almeida Garrett mais apreciava.

Dizia sempre:

—É admiravel, é inexcedivel de verdade. Quem nunca esteve n'um campo de batalha não escreve aquillo. E' preciso entrar na refrega, ver de perto a cara do inimigo, como o Her-

culano tantas vezes viu, para fazer o magnifico capitulo do Eurico.

III

As horas passavam-se com voluptuosidade indescriptivel, ouvindo discorrer o visconde de Almeida Garrett sobre os lances da sua vida. Eram notas intimas a proposito de muitos versos e muitas paginas de prosa! . . . Commentarios adoraveis . . . feitos com o melhor das recordações juvenís!

Aquellas inglezas que apparecem nas «Viagens», aquellas tres irmãs, que todas tinham amado tanto d'alma o singular academico, não eram apenas uma ficção do poeta. Haviam existido; tinha-as elle admirado entre as brumas da Inglaterra, graciosas como as virgens de Ossian.

Uma d'ellas, a arrebatada Georgina, fez delirios pelo emigrado portuguez, e acabou por fim n'um convento, não podendo vencer a primeira e ultima paixão da sua vida!

Aquella menina de «olhos verdes», como duas esmeraldas das mais finas aguas, tambem não era um mero capricho da imaginação.

Pela primeira vez a viu o poeta, n'um dia de Corpo de Deus—e esteve na casa onde ella estava, e o dia e a noite correram como por encanto!

Subita, mas violenta e irresistivel, foi a impressão que ella sentiu pelo homem, que mais para o diante havia de perpetuar-lhe o nome.

Na verdade, as mulheres, mas sobre tudo as mulheres extremamente vaidosas, não deviam amar senão os grandes homens.

Só elles têm o poder de as legar á posteridade com o prestigio da formosura, radiantes, luminosas, coroadas com as rosas da primavera eterna!

Estes commentarios de Garrett aos seus versos, e ás suas prosas apaixonadas, não tinham preço!

E quando o assumpto variava e se punha a pintar os homens e as cousas do seu tempo!...

Ironia tão fina e, ás vezes, tão cruel, nunca a conheci em ninguem!

Não usava d'ella senão a tempo e a horas, quando o provocava alguma inchada vaidade, ou algum prepotente se atrevia a embaraçar-lhe o caminho.

Então era ferino . . . E assim é que tremiam d'elle!

A proposito da agudeza dos seus ditos, que eram innumeros, citarei um.

Certo ministro, que tinha entre muitas vaidades a vaidade de fallar com grande apuro a lingua, levava o fatuo exagero ou antes a crassa ignorancia a pronunciar por exemplo, a letra g—na palavra augmentar.

Garrett dizia:

—«Cuidado com elle. Sempre é homemsinho que até faz fallar as mudas!»

IV

Almeida Garrett havia muito, como elle proprio o conta no magnifico prefacio do seu drama, que andava pensando no meio de realisar o tragico episodio de «Frei Luiz de Sousa.»

A politica, as distracções do mundo, a que era tão dado, aquellas «estrellas fixas», de que elle falla, «que dominam a existencia, que tolhem o alvedrio, que não deixam livre na vida nem o ver, nem o pensar, nem o sentir, nem o querer, nem a rasão, nem a imaginação...», essas estrellas tão propicias para a arte, porque foram as suas grandes inspiradoras, como femininas que eram, tinham os seus caprichos, e ás vezes não consentiam que o poeta fizesse cousa alguma no mundo, que não fosse admirar e adorar a sua luz fascinadora!

Em 1842 quiz a boa fortuna, é caso de dizer assim, quiz a boa fortuna, que Almeida Garrett apanhasse uma tremenda canellada.

Mettido em casa, de perninha, dias e dias, como matar o tedio d'aquellas horas senão trabalhando . . .

Pôz mãos á obra.

A sobriedade das linhas, a propriedade e elevação das figuras, o modo simples de conduzir a acção até á catastrophe, tudo quanto lhe andava na phantasia havia muito, tomou fórma precisa, e o poeta realisou o seu ideal.

A. Herculano só passados quinze dias é que soube da bemdita canellada.

Foi visitar Garrett, que morava então no pateo do Pimenta.

Achou-o cercado de folhas de papel escriptas com mão nervosa.

O poeta tinha uma expressão radiante nos olhos, reflexos do contentamento que estava na alma como que illuminada de luz siderea! . . . estado indescriptivel do espirito do homem de genio quando dá vulto ao ideal com que andou enleado por tanto tempo, extasis onde ha alguma cousa de doloroso, porque o artista tem saudades de deixar a sua obra, apesar de concluida!

Garrett leu a A. Herculano o «Frei Luiz de Sousa».

O auctor do «Monge de Cister» teve um dos mais fervorosos enthusiasmos da sua vida, ouvindo aquelle drama, que é a maior e a mais completa obra de arte do grande poeta.

V

Fallei já, n'este livro, no valor e no sangue frio de Garrett em meio das luctas da tribuna; —em todos os outros lances da sua vida apresentava a mesma serena coragem.

Tenho aqui diante dos olhos uma prova d'esta verdade.

São umas palavras escriptas no album do nosso primoroso poeta e meu honrado amigo, Antonio Pereira da Cunha, no dia em que Almeida Garrett devia bater-se com um bravissimo soldado, Joaquim Bento—barão do Zezere.

Aqui estão as palavras que mandou ao seu amigo e illustre poeta no dia em que devia realisar-se o combate—24 de junho de 1843.

São escriptas com a sua letra mais firme, letra que nas linhas tão puras e tão graciosas tem o quer que seja do indolente e voluptuoso que havia no estylo do auctor das «Folhas Caídas». Aqui as transcrevo, sentindo não poder dar o fac-simile:

VI

«Que hei de eu pôr no album do joven poeta?—A sua futura corôa de loiro e hera?—a grinalda de rosas que já mereceu?

«Eu de quantas rosas colhi no jardim da vida sinto que não tenho já senão o espinho de alguma lembrança.

«Ess'outras folhagens de gloria—sem prazer?—senti-as um momento—refrescando-me as arterias que batiam na fronte... seccaram logo—e varreu-as para longe o vento.

«Não tenho saudades d'ellas.

«Que hei de eu então pôr no album do joven poeta? O desengano que esta vida e este mundo é todo prosa—que a poesia é um sonho, a gloria vaidade—a felicidade chymera?

«A poesia encurta a existencia porque resume e concentra a vida, mas o poeta vive seculos em horas, porque n'elle o coração é tudo.

«O espirito faz tudo, menos poetas.

«A fortuna dá tudo, menos felicidade.

«No coração está a poesia e a felicidade que póde haver na terra.

«Busque-as ahi o joven poeta, e não se lhe dê da rosa que murcha, do loiro que secca, da fortuna que muda, da morte que vem.

«Os homens da prosa baixa e villã riem-se d'isto, mas quando morrem choram... porque tudo o que tinham lhes fica na terra [1].

«O poeta leva tudo comsigo—e sorri para a eternidade, que é sua.

[1] A allusão ao momento é bem clara.

«Eu nunca fiz mal a ninguem, senão a mim. Só tenho remorso da prosa que fiz.

«Avante o joven poeta! E em bem o fadem estas linhas que lhe escreve hoje aqui no seu album

João Baptista de Almeida Garrett».

«24 de junho de 1843.

CAPITULO V

GARRETT NA TRIBUNA

Garrett na tribuna.—A historia de S. Francisco Xavier. —Juisos temerarios.—Avisos de José Estevão.—A caixa das execuções.—Um brilhante orador e um grande elegante.—O poeta provocado.—Trajo esplendido.—A execução.—Segunda execução.—O ministro do reino.

I

Os grandes oradores são tão raros ou mais raros ainda do que os grandes poetas.

A Grecia, que nos dá na poesia todos os cantos, todas as harmonias, todos os sons vagos e fugitivos: o poema epico, a theogonia, a ode, a tragedia, a comedia, a canção herotica, o idylio, que tem desde Homero e Esquilo até Anacreonte, Theocrito, Bion e Moscho—resume, principalmente, a sua eloquencia na palavra de Demosthenes.

Roma, que possue na poesia as maravilhas de Virgilio, os primores de Horacio, a vehemencia de Juvenal e Aulo Percio, a finura morden-

te de Marcial, os arrojos do desventurado Lucano e as suavissimas melodias de Tibullo, symbolisa as grandes glorias do fôro na bôca de Cicero.

A França, que no catalogo dos seus immortaes poetas conta desde Corneille até Victor Hugo, no nome de Mirabeau tem a sinthese da sua eloquencia.

O orador, ainda mais do que o poeta, carece da espontaneidade e rapidez de inspiração. Em presença do auditorio, provocado, desafiado pelos adversarios, e, ás vezes pela opinião geral, levanta-se n'um impeto; uma luz, como accesa por espirito ignoto, lhe illumina repentinamente o entendimento, e, medindo, n'um relance, as forças do inimigo e a gravidade das circumstancias, assalta n'um ponto inesperado, desbarata o que se lhe oppõe na passagem, provoca a desordem e influe o panico nos adversarios, ataca as grandes massas, e estende morto, com um bote imprevisto, o contrario audaz que o chamou a duello singular.

O fogo, que o inflamma, communica-se aos circumstantes.

Aproveitando o enthusiasmo, que abala os animos e alucina, ás vezes, a rasão, descobre com o olhar de lynce o lado fraco dos seus inimigos, e, implacavel na ironia, terrivel na apostrophe, feliz na antithese, deslumbrante na imagem, que funde de um jacto, apaixonado na

voz, largo e arrebatado no gesto vence, triumphador gigante, applaudido por milhares de bôcas, adorado por todos os corações generosos, — a cabeça coroada por centenares de palmas, e tendo aos pés, contraindo-se nas vascas do desespero, os emulos, os invejosos felinos, que elle arrojou no pó com a omnipotencia do seu talento.

Não temos hoje d'esses oradores.

O ultimo que existia enterrou-se, no dia 20 de setembro de 1871, no cemiterio dos Prazeres.

Chamava-se:

Luiz Augusto Rebello da Silva.

II

O visconde de Almeida Garrett era tambem improvisador, porque era tudo aquelle homem; mas os seus grandes discursos meditava-os profundamente. O gesto tinha mais de estudado que de espontaneo, mas admiravelmente estudado.

Conta-se de Cicero que, no seu atticismo, não se esquecia das pregas que devia fazer a toga quando levantava o braço e ia soltar a voz no rostro. Garrett não deslembrava a circumstancia mais insignificante para dar realce á sua palavra.

Repentistas, argumentadores, argutos, legistas, homens de sciencia, podiam attacal-o em mas-

sa: a pallidez do rosto exprimia-lhe a vehemencia ou a indignação, mas o susto não lhe contraia um só musculo da face!

Sangue frio assim nunca se viu no parlamento! Nada o desconcertava nem atterrava.

A proposito contarei uma anecdota, que no fundo é uma puerilidade, mas caracteristica.

III

Garrett queria que o seu nome figurasse como pontualissimo nas sessões, depois de umas ordens apertadas que se haviam dado. Não podendo vencer a indolencia, attributo de todos os poetas, chegava sempre tarde.

Assim que chegava pedia a palavra, orientava-se do assumpto pelo orador que estava fallando e tinha sempre meio de sair-se com vantagem.

Uma vez, porém, quiz o mau fado que Almeida Garrett pedisse a palavra justamente no momento em que o orador terminava. Como não houvesse outro nome na inscripção, o presidente deu-lhe a palavra. Os collegas, apesar de conhecerem as artes de Garrett, julgaram-o perdido, porque não podia ter a minima luz sobre a discussão que se levantára de improviso.

O meu excellente e veneravel amigo, o sr.

Ferrer, hoje par do reino, então deputado, tinha o seu logar ao pé do logar de Almeida Garrett, e lembrou-se de lhe indicar o negocio que se tratava, mas vendo o desassombro com que o auctor do Frei Luiz de Sousa se erguia não disse nada.

Garrett principiou narrando uma historia em que S. Francisco Xavier, na Asia, debaixo de uma frondosa arvore, procurava, com a sua persuasiva eloquencia, trazer para o gremio catholico o gentio que tinha em roda de si.

Deputados da direita, da esquerda, presidente e galerias estavam encantados com a elegancia pittoresca da narrativa, mas espantadissimos por ella vir tão fóra do assumpto.

Ao cabo de algum tempo o presidente interrompeu-o com a maxima urbanidade, dizendo-lhe que a camara, como sempre, se deliciava em ouvir o illustre orador, mas que n'aquelle momento estava fóra do assumpto; e explicou, em duas palavras, qual era a questão.

O orador com o maximo sangue frio respondeu:

—«Se v. ex.ª e a camara me concedem mais alguns minutos de attenção, ver-se-ha como a minha historia de S. Francisco Xavier vem de molde para o caso de que se trata. E proseguiu na narrativa, mas inclinando-a engenhosamente, ao ponto dado, até que veiu a cair n'elle, como se de facto tivesse sido ideada para tal fim.

IV

Na ironia nunca ninguem foi tão pungente. Desgraçado d'aquelle que o feria no seu legitimo orgulho! O poeta, invocando de novo os deuses vingadores, «os aureos numes de Ascreu»—que abjurara no prologo da D. Branca—punha a mão sobre as aras de Jupiter Stator e determinava a hora funebre para o sacrificio da victima.

Era olimpica a sua colera!

Quando alguem, cego pelos fumos da vaidade, o offendia gratuitamente, podia contar que lhe saía das mãos como o escravo marcado na testa com um ferro em brasa. Tambem só assim «alguns» lograriam chegar á posteridade.

No peito amplo o coração batia-lhe ufano com a consciencia do seu genio.

Era o poeta do «Camões» e da «D. Branca», o auctor do «Gil Vicente», do «Alfageme de Santarem» e do «Frei Luiz de Sousa,» que levantava a cabeça beijada em vida pelas auras da immortalidade!

Os olhos, que tinham os reflexos metallicos dos olhos da aguia, corriam-se pelo auditorio e dominavam-o.

Abraçando as idéas n'uma grande área, ao vigor e alcance do pensamento correspondia o primor da fórma.

Não lhe abundavam as imagens, ou de industria usava d'ellas com sobriedade.

No ataque só José Estevão, mas em genero diverso, o igualava.

Illaqueando o adversario na rede dos argumentos, parava, media-o e de repente, n'um pulo de panthera, caía sobre elle, tomava-o nas garras e despedaçava-o!

Eu assisti á penultima execução!

V

Tinha-se constituido o partido regenerador. Chegava essa época, que teve prós e teve contras, que deixou resultados graves, mas que foi uma época de grande ardor e enthusiasmo politico.

Inauguravam-se os caminhos de ferro; fundiam-se os partidos; parecia resurgir uma aurora ridentissima para Portugal: os principaes homens de diversos motes e legendas politicas haviam-se destacado para serem obreiros n'aquella situação de lavor e de vida, que tinha os movimentos accelerados da faina maritima.

Rasgavam-se horisontes, como se dizia então, e rasgou-se tanto, que um nadinha mais e estava tudo reduzido a farrapos!

Mas . . . abriram-se as camaras. Garrett estava no banco dos ministros.

Um deputado, um orador vehementissimo, cheio de fogo, admiravel na audacia, prompto na replica e agudo no epigramma, primoroso nos chistes e donaires, jornalista celebre, grande elegante, e grande original, que disse na tribuna, fallando de si proprio:

«Gastei n'um dia o patrimonio de vinte familias; fui rei; gosei á minha moda!»

Pois este orador, este jornalista, este grande elegante, feriu Garrett e feriu despiedadamente.

Não faltou quem murmurasse:

O poeta está cansado, está velho, e não tira a desforra!

José Estevão respondia:

—«Cuidado com elle. Eu conheço-o; já lhe provei as mãos. É temivel.»

No dia seguinte appareceu o visconde de Almeida Garrett:

Casaca verde bronze, com botões de metal amarello, recortado sobre o veludo verde; collete branco, de grandes bandas: collete deslumbrante; calça côr de flôr de alecrim; camisa finissima, a tira e os punhos encanudados. gravata de côres lubricas; luvas côr de palha.

José Estevão não o perdia de vista.

Garrett pediu a palavra, e levantando-se com a solemnidade de um semi-deus,—ah! caso assombroso!—em constraste com o raro e apu-

rado no trajo, sacou da algibeira uma monstruosa caixa de rapé!

José Estevão, agitando a cabeça leonina, disse para os que lhe ficavam em volta:

—«Tremei, ó povos de Israel; o *divino*[1] trouxe a caixa das execuções!»

E foi uma execução pavorosa!

A violencia começava no gesto, e ia successivamente crescendo na voz, no epitheto e na idéa.

Allusões ferinas, ironia cruel, desdem profundo, tudo se epilogava nos periodos redondos e soberbos da sua magna eloquencia!

Os espectadores, como os espectadores do circo romano, em certas circumstancias, desejavam erguer o pollegar, implorando ao gladiador triumphante a vida do adversario abatido!

VI

A ultima—houve ultima execução—tambem assisti a ella; não foi na camara electiva, foi na camara dos pares, n'aquelle sanctuario da ordem e da sensaboria.

Quem era o adversario e victima, n'esse momento, do visconde de Almeida Garrett? Era um homem de estatura elevada, de fronte energica,

[1] Era assim que os companheiros de estudo, em Coimbra, apellidavam Garrett.

de expressão insinuante e mobilidade extraordinaria na physionomia. Grave ás vezes como um senador romano, ironico outras, e atrevido, como se o epigramma houvesse incarnado n'uma figura humana; senhor de todos os segrêdos da tribuna como era mestre em conhecer todas as molas, todas as rodas, todos os fios que compõem o apparelho politico; correcto na fórma como Cicero, que elle sabia de cór; fecundo na palavra e fecundissimo nos expedientes; conhecedor tão profundo da lingua, que ha periodos das suas orações que se confundem com os do padre Vieira; n'uma palavra, este homem era: Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Garrett saíra do ministerio, tendo recebido um grande aggravo de Rodrigo. Espinho foi elle que se lhe atravessou no coração—eculeo maldito, que tanto lhe amargurou e abreviou os dias da vida! Como já disse, o grande poeta não era homem que perdoasse certas cousas: jurou desaffrontar-se.

Entrou na camara dos pares; pediu a palavra, e, erguendo-se, conservou-se algum tempo calado, cravando o olhar penetrante e severo sobre o ministro do reino. Ao segundo periodo Rodrigo da Fonseca appellou para o áparte, provocando a hilariedade da camara. Garrett preveniu o golpe, e, n'uma resposta sacudida e prompta, pôz os joviaes de seu lado. Rodrigo renovou o assalto; nova parada a tempo e nova es-

tocada corrida. O auditorio já não ria; guardava profundo silencio: presentia a tempestade.

Almeida Garrett tinha o ministro do reino preso por um segredo—que só lhe deu a conhecer por insinuações do discurso. Então começou uma situação de inferno para Rodrigo da Fonseca Magalhães. Pela primeira vez perdeu o sangue frio, turvou-se aquella serenidade olimpica. O poeta estava triumphante e implacavel, como Jupiter punindo os soberbos.

O bello semblante de Rodrigo contraía-se dolorosamente, e houve momentos em que assumiu a lividez cadaverica.

Garrett, cravando os olhos n'elle com expressão pungitiva, disse-lhe:

—«Por ventura as minhas palavras tão simples terão algum secreto veneno para o sr. ministro? Está tão pallido!... Não continuo?...»

—«Póde continuar, respondeu Rodrigo com entonação, que desmentia as palavras.»

O poeta pareceu não attentar na inflexão supplicante, e continuou.

Não houve uma palavra, uma palma, um gesto de applauso. Camara e galerias saíram em silencio, como se tivessem assistido a uma execução capital, e visto correr o crepe funebre sobre o cadaver do executado!

Dois annos depois estalava o coração do poeta das «Folhas Caídas», e apertando a mão a Go-

mes de Amorim, antes de soltar o derradeiro suspiro, dizia-lhe:

—«Já o não vejo!»

Oh! já não vias o teu dilecto amigo, e já não vês nada d'este mundo; mas Portugal é que ha de ver sempre a luz do teu genio!

FRANCISCO MARIA BORDALLO

CAPITULO VI

FRANCISCO MARIA BORDALLO

Auras liberaes. — Na Madeira. — Opinião de Garrett sobre o «Passeio de sete mil leguas». — O botequim das «Parras» e os sicarios cabralinos. — Até á China. — Manuelita. — Ultima viagem. — Ultima noite.

I

No dia em que Napoleão Bonaparte soltava o ultimo suspiro em Santa Helena, nascia em Lisboa Francisco Maria Bordallo (5 de maio de 1821).

Vinha ao mundo no momento em que um gigante baqueava na sepultura.

Lord Byron, celebrando na lyra assombrosa a morte do heroe, era interprete dos odios que votava a sua patria ao vencedor de Marengo, e, em vez da apotheose, vibrava uma satyra e cobria de injurias o colosso, que se confiára da generosidade ingleza, depois de caír vencido no campo de Waterloo.

6

Lamartine, Victor Hugo (então com dezenove annos), Alexandre Manzoni, saudavam a gloria do Cesar, cujo derradeiro capitolio foram as gemonias.

Singular destino o dos Cesares! Ou cáem, como Julio Cesar, traspassados no senado pelo ferro dos conjurados, ou morrem, como Bonaparte, desterrados no rochedo solitario, dilatando os olhos pelo mar agitado e vasto como as suas ambições, terrivel e medonho como a sua tyrannia!

O movimento litterario n'aquella época era extraordinario.

A Allemanha maravilhava o mundo com os nomes de Humboldt, de Hegel, de Kant, de Schiller e de Goëthe. Em Inglaterra Walter Scott, no romance, apontava o verdadeiro caminho da historia moderna, ao passo que lord Byron e Thomás Moore arrebatavam com os seus poemas.

Na França Guizot, A. Tierry, Thiers, Lamennais, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, e tantos outros, começavam ou proseguiam nos seus trabalhos de Hercules.

Já tenho lido e ouvido por ahi, muitas vezes, que toda essa litteratura não tem produzido senão anemias e chloroses.

Se assim é, o caso deve ser estudado por um congresso medico.

Deus sabe a luz que a sciencia lograrà alcançar, observando o modo por que as litteratu-

ras podem concorrer para o estado morbido de cada um!

Bordallo nasceu quando por todos os angulos da Europa corriam as brisas revolucionarias. A revolução respirava-se nos ares. Eram philosophos, economistas, historiadores, romancistas, poetas, pensando nos males que affligem a humanidade, e lidando todos por lhes acertar com o remedio.

Portugal seguia o exemplo da Europa, e as victimas de 1817 e o movimento da revolução de 1820 eram os rebates da lucta sanguinolenta, de que havia de saír radiante e triumphadora a liberdade!

Quando o duque da Terceira, por um rasgo de audacia, mil vezes contado e mil vezes incrivel, entrava em Lisboa, Bordallo tinha pouco mais de treze annos. Filho de um liberal sincero, o seu coração infantil saltava de jubilo assistindo á alegria frenetica e delirante dos que saíam das prisões, até com a alva vestida, da Trafaria, de S. Julião, do Bugio e de Cascaes, espantados de se verem com as mãos livres, e de poderem proferir á luz do sol e ao ar livre o nome de Deus e da liberdade!

Anno e meio depois, Bordallo, que fizera os primeiros estudos á sombra de seu pae, entrou na academia da marinha, cujas disciplinas seguiu com facilidade e distincção.

II

A vida arriscada e aventureira do mar acertava com a indole energica e temeraria do seu caracter.

Bordallo affrontava os maiores perigos com frieza, que tocava na heroicidade.

Não tremia diante de nada aquelle homem!

Uma vez, na ilha da Madeira, commandando uma lancha, e saltando repentinamente um temporal d'aquelles mares, emquanto a tripulação esmorecida invocava, em lamentosas supplicas, a Senhora da Bonança, Bordallo escrevia, com a sua letra mais firme, estas palavras:

«É a primeira vez que perco a esperança; a coragem não.»

A primicia litteraria de Bordallo foi um romance maritimo. Lê-se de um folego. «Eugenio» se intitula, e posto não tenha ainda a firmeza de estylo, que se ostenta no «Passeio de sete mil legoas», respira em muitas paginas a melancolia, a grandeza do oceano em suas solidões profundas e inspiradoras.

Bordallo peregrinára vinte e tantos annos por todos os mares do mundo. Aquella vida aventureira deixára impressões vivissimas na sua alma, e na conversação particular era um deleite ouvil-o narrar com a maxima verdade e

naturalidade os lances comicos e tragicos por que passára nos dias aureos da mocidade. Garrett, na Ajuda, levava horas encantado a ouvir o marinheiro, como elle lhe chamava. Quando o poeta, passados poucos annos caiu no leito da morte, durante a longa enfermidade pediu a Gomes de Amorim que lhe fizesse algumas leituras.

Entre ellas leu-se um livro de Bordallo; era o «Passeio de sete mil leguas».

Terminada a leitura, Garrett disse para o seu extremoso amigo:

—«Dê um aperto de mão a Bordallo, e diga-lhe, da minha parte, que fez um bello livro.»

Estas palavras tinham grande valor na bôca de Garrett, incapaz de lisonjas, e que não malbaratava palavras taes—como tantos outros!—com quem as não merecia.

III

Bordallo era de estatura regular, delgado, compleição fraca. O seu grande valor estava no espirito: esse era de tal modo prompto, decidido e irrascivel, que lhe multiplicava as forças physicas, a ponto de ser vigoroso na lucta.

Nunca vi homem assim!

Uma noite, no verão de 1848, os ricos pro-

prietarios do Algarve, honrados satelites da carta e da rainha, andavam na sua faina de cacete.

Entraram no «botequim das Parras», ao Rocio, onde é hoje a livraria Silva.

Eram seis.

Mendonça, que tinha chegado havia pouco do Porto, estava ali só e desarmado. Os sicarios começaram á insultal-o, promettendo-lhe que não saíria sem que lhe fizessem os ossos n'um feixe.

Uma alma caritativa foi prevenir Bordallo, que morava no principio da calçada do Duque, do apertado lance em que se achava o seu amigo.

O bravo marinheiro estava em mangas de camisa. Deitou mão ao punho da espada, tirou-a da bainha, poz uma capa nos hombros, o bonet na cabeça, e desceu de roldão as escadas.

Em quatro saltos estava no famoso botequim.

Entrando a porta fez como o tenor da Lucia: deixou caír a capa. Com dois talhos de prancha estendeu dois ao comprido, e, floreando a espada, exclamou para o resto da matilha, com a voz afeita á manobra, cheia, forte e sacudida:

—«Canalha, para a rua.»

Com azas nos pés, como Mercurio, os rufiões ganharam a porta e desappareceram voando.

Bordallo poz a capa; assentou a espada nua em cima da mesa; mandou vir do Marrare uma garrafa de Champagne, e quando levava aos bei-

ços o primeiro copo disse para Mendonça, que tinha nos olhos as lagrimas do reconhecimento:

— «Rapaz, deixa ver se voltam aquelles cães, que nós lhes faremos as contas.»

Esperou debalde: não voltaram.

Quando se desenganou, disse para o companheiro:

— «Não tornam cá; são uns miseraveis. Vamos embora, amigo.»

E não quiz deixar Mendonça senão á porta de casa.

IV

Um anno depois Bordallo atravessava o deserto, cortava o Mar Vermelho, saudava o Sinai e ía tomar posse em Macau do seu logar de secretario do governo.

Foi a sua ultima grande viagem.

Na volta visitou Italia, Paris e Londres.

Chegando a Portugal, nos principios do verão de 1851, expandia-se o seu coração, ainda juvenil, pelas alegrias de saudar a patria e abraçar os amigos, de quem o separára tamanha distancia.

Aos sabbados, na Ajuda, Bordallo era infallivel. Tambem para todos nós sem o marinheiro não havia festa.

Que dias aquelles!

Ricardo Guimarães, Palmeirim, Mendonça, João de Andrade Corvo, Luiz de Campos, Garrett, Mendes Leal, Sant'Anna e Vasconcellos, Latino Coelho, Rebello da Silva, José Estevão, Oliveira Marreca, Sampaio, João e José Bastos, Herculano, nosso adoravel hospede, Magalhães Coutinho, Rodrigo Felner, Rodrigo Paganino, n'uma palavra, os primeiros poetas, romancistas, oradores, homens de sciencia, economistas, conversadores, á mesa do grande historiador, em horas bemditas de bom humor, de enthusiasmo e de graça! Mendonça comia muito, com rapidez e voracidade. Um dia acabou-se-lhe o pão, que o criado tinha o cuidado de lhe renovar tres ou quatro vezes ao jantar. Como n'essa occasião o famulo se descuidasse um momento, na sua impaciencia, Mendonça deitou mão do pão de Bordallo. Este exclamou incontinenti e em tom declamatorio:

—«Não te tinha dito, homem, que a voracidade te havia de levar um dia ao crime!»

Á noite, á roda do lume—Garrett, sentado na grande cadeira allemã—ouviamos as narrativas de Bordallo, contadas com a elegantissima simplicidade que lhe era peculiar.

V

Bordallo, no Rio da Prata, vivera muito em casa do famoso Rosas.

A elle só o vira uma vez, n'uma grande ceia, apparecer entre portas, por momentos, a saudar a marinha portugueza com um copo de vinho generoso.

Manuelita, a filha, era o typo das graças e primores da mulher hespanhola.

Tinha uma voz encantadora, e as canções do seu paiz, n'aquelles labios de vinte annos, vermelhos como as bagas da romã, seduziam!

Manuelita era o anjo do lar, que muitas vezes tinha mão na truculenta ferocidade do sombrio dictador.

As suas supplicas valeram a muitas victimas.

Alguma lenidade, que deixava entrever aquelle coração de bronze, devia-se ao influxo magico da filha.

Tinha tudo a singular americana: a figura, a phisionomia, o coração, a intelligencia!

Os olhos, como o espelho clarissimo, reflectiam a viveza da imaginação, a ternura immensa da alma, o calor do coração tão generoso, tão apaixonado, tão bom!

Bordallo, que era fanatico pelos pés bonitos, que os cantou em verso e prosa, dizia que nem em

Malaga, nem em Sevilha, no «Bairro de La Macarena» ou na «Cruz verde», vira pés assim.

Não eram pés de creatura humana, eram de fada!

Que impressões deixou no espirito do moço escriptor e do joven marinheiro aquella mulher peregrina? Não sei. Sei que muitos annos depois não fallava d'ella senão com o fervor e devoção da alma que nos inspiram certos entes que atravessam no horisonte da nossa vida, puros como a virtude, brilhantes como a gloria, perfumados como as rosas de maio, seductores como o amor, profundos como a paixão!—entes que não parecem formados de barro vil, e que nos fazem suppor que, n'esta transformação constante da materia, tem já em si um tanto ou quanto de sidereo, talvez uns atomos d'essas estrellas que estremecem sobre nossas cabeças nas noites ardentes de verão: tão luminosos, tão lucidos, tão arrebatadores são esses entes!

Não foi indifferente á imaginação e alma d'aquella diva o trato intimo de alguns mezes com o joven guarda marinha de Portugal, moço cheio de talento, de bravura, de honradez e de coração!

A despedida veiu subita e foi rapida... oh! —mas dolorosissima!

Caiu como o raio, porém, em vez de fulminar dois corpos, fulminou duas almas!

Bordallo estava incumbido de escrever a historia das nossas possessões ultramarinas, e já n'uma patente elevada, quando começou a entrar com elle a implacavel e terrivel doença, a tisica pulmonar. Não se enganou, como ordinariamente succede aos que são atacados da enfermidade fatal, ou se teve algumas illusões, foram nos dias de uma viagem á ilha da Madeira.

Eu acompanhei-o.

VI

Havia oito annos que Bordallo não navegava. O seu velho conhecido da infancia, que o embalára em tantas noites placidas, saccudido em tantas tormentosas, estava de bom humor n'essa viagem. O mar alegre é a cousa mais alegre d'este mundo!

Como as ondas folgam toucando-se de espuma diaphana ou de plumas de fumo! Como reflectem o azul do céu em variadissimas cambiantes e faíscam aos raios do sol quando brilha como um globo de fogo na immensa saphira do firmamento!

Bordallo viu-se no mar, respirou aquelle ar saturado de salubres essencias, e julgou-se nos dias da adolescencia, com um futuro sem limites diante dos olhos.

A illusão durou pouco. Durou apenas os dias de viagem e os que estivemos na Madeira.

Mas que dias e que viagem essa!

Na volta, les-nordestes fortissimos apanhavam a «Estephania» pelo fio de prôa, retardando-lhe o andamento.

Feliz demora!

Celestino Claudio da Fonseca Ferreira, o intrepido marinheiro, era quem superintendia no rancho. Tinha-nos um banquete todos os dias e um baile todas as noites.

Nem theatro faltou!

Vinha a bordo um gracioso e amabilissimo grupo de elegantes da Madeira e de Lisboa.

Bordallo parecia estar nos seus vinte annos.

Que melhoras!

O inverno d'esse anno foi desabrido e fatal para o auctor do «Eugenio», do «Rei ou Impostor», das «Viagens á roda de Lisboa», do «Passeiode sete mil legoas», da «Náo de viagem». Devia morrer no mez em que nasceu, em maio, mez das flores, do rouxinol, das noites serenas, do céu purissimo, do sol esplendido! . . .

Pungente ironia da natureza, mez fatal aos tisicos!

Durante toda a noite de 26 de maio de 1861 repetiu, com breves intervallos, dois versos meus:

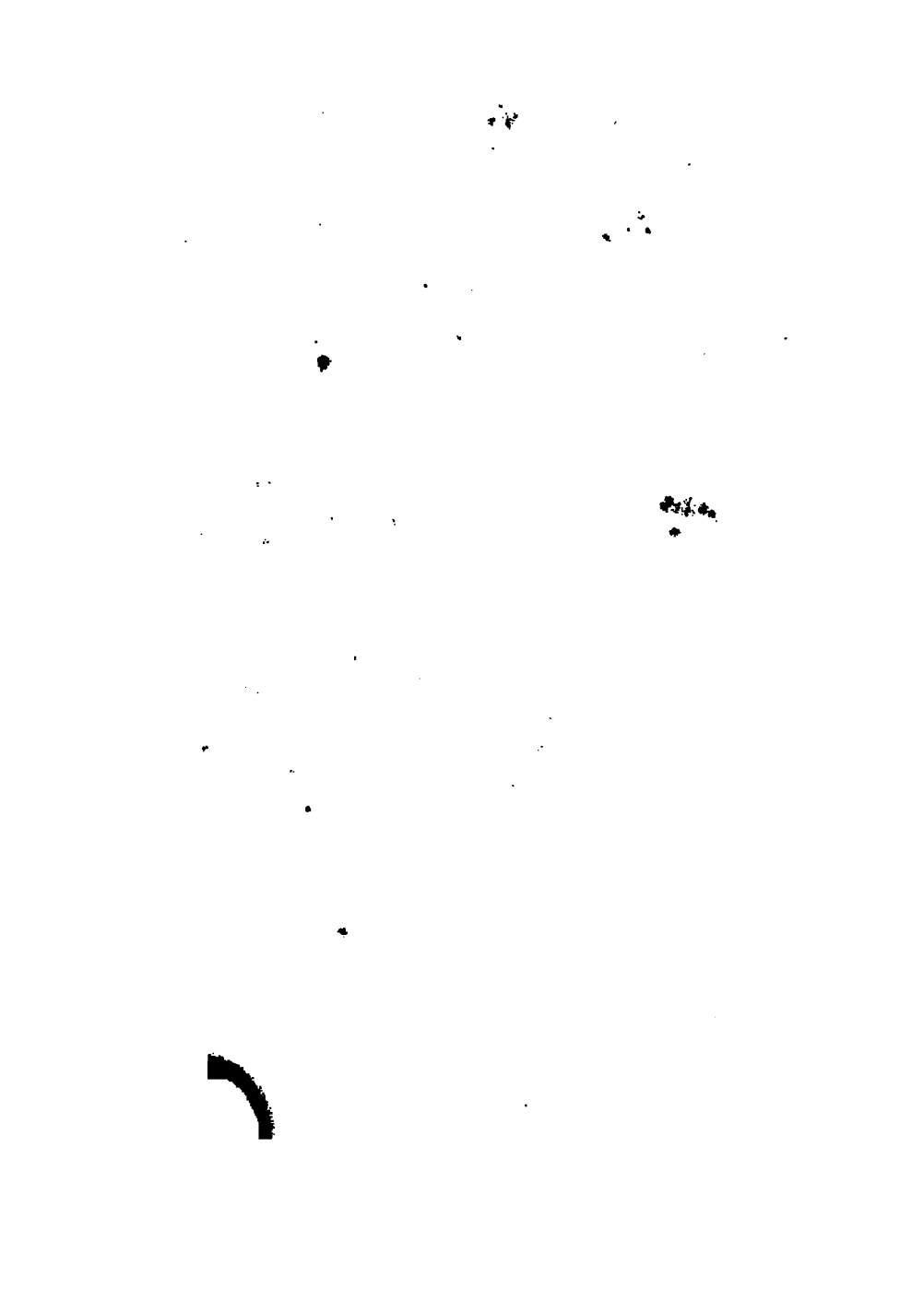
«Vae-te, ó vae, sombra mentida,
Para nunca mais volver!»

Esta «sombra mentida» seria a vida, tão fugitiva, tão illusoria, tão rapida para elle!?

Sobre a madrugada apertou a mão da familia e dos amigos, dizendo, com voz quasi natural:

—«Acabou-se tudo!»

E expirou!

LOPES DE MENDONÇA

CAPITULO VII

LOPES DE MENDONÇA

Difficuldades da vida logo aos primeiros passos.—Os invejosos.—O nome de «litterato.»—Depois da conspiração do paço.—A vida litteraria em Portugal.—Julio Cesar Machado aos quinze annos.—O paletot do Braz Tizana.—A execução do abbade.—Morte de Marilia de Dirceu.—Distracções de Mendonça.—Um orador popular.—Primeiro e ultimo discurso.—«Memorias de um doido.»—Viagem á Italia.—As mulheres, os padres e certos poetas.—O concurso.—Primeiros symptomas.—O chacal da imprensa.—Encontro no Rocio.—O jantar.—Ultimo beijo!—A loucura.

I

Lopes de Mendonça tinha na fronte, como Chatterton, Chénier, Malfilatre, Gilbert, o sêllo do genio e da desventura.

Não o matou o veneno, o ferro da guilhotina, a fome, a penuria no ar mephitico de um hospital, mas foi mais prolongada, se não mais cruel, a sua agonia.

Luctar por algumas horas, agarrando-se ás pranchas descosidas do resto da jangada, e succumbir, não vendo senão céu e mar, é um lance terrivel; porém, no meio do naufragio avistar uma véla, salvar-se, seguir viagem com ven-

to de feição, descobrir no horisonte a terra da patria, saudal-a com uma lagrima de jubilo intimo, e, quando o marinheiro discrimina já a choupana fumante que o viu nascer, sossobrar, cravando os olhos na casa paterna,—é o passo mais angustioso que póde haver n'esta paixão do mundo!

Foi o que succedeu a Lopes de Mendonça.

Talento, nos nossos dias, ainda nenhum abriu maior, nem tão precoce como o do auctor das «Memorias de um doido». Livro fatidico! livro fatalmente sybilino!

Tinha quinze annos quando publicava as «Scenas da vida contemporanea».

Bastava o arrojo do titulo, n'aquella idade, para ser notavel a obra!

Como antithese ao que se dá agora—que são tudo prodigios—a elle negaram-lhe o talento!

Aos quinze annos, só, pobre, desamparado, mordido pelos invejosos malevolos, proclamado impio—a alma mais christã que podia haver no mundo!—pelos meritissimos servos da divina curia; exorcismado pelas beatas, que votam a Deus o que Belzebut regeita por incapaz:—invejosos, santões de confraria, beatas de soalheiro, dicases chulos apontaram-n'o, e, em côro unisono, pozeram-lhe, por irrisão, o cognomento de:

«Litterato».

A gentalha ria.

Os da plebe ignara, concitados pelos máos, em vendo um justo no Calvario, põem-lhe na mão o sceptro de escarneo, e cospem-lhe na cara.

Principiou por luctar com o peior de todos os inimigos, — o ridiculo, — que via desencadear-se em volta de si. A penuria juntava-se a isto, não raro a fome.

Com a fronte espaçosa e altiva, o olhar limpido e profundo, o sorriso entre ironico e melancolico, a bella cabeça de poeta, — que era um poeta, sem fazer versos, Lopes de Mendonça — erguia-se encarando no futuro a estrella que tão propicia julgava, e tão funesta lhe foi!

As risadas da escoria de jaqueta; e da escoria de casaca, foram acabando.

O talento produz o effeito do sol.

A não ser algum demente, quem faz escarneo do sol quando abre no céu!?

II

Depois da conspiração do paço, a 6 de outubro de 1846, Lopes de Mendonça empenhou-se na lucta popular da «Maria da Fonte», servindo ás ordens de Salter.

Já tinha feito uma viagem a Angola, como aspirante de marinha, e os horisontes sem termo do mar haviam robustecido as forças d'aquella imaginação juvenil e fecunda.

A esse tempo alguns amigos, homens de letras e homens de gosto, apreciavam em Mendonça o merito incontestavel, que mediocridades ruins lhe haviam negado.

Terminou a lucta heroica no dia 1 de maio, no Alto do Vizo, com a intervenção estrangeira.

O auctor das «Recordações de Italia» estava no Porto, e, obrigado com o seu partido a depôr armas, voltou-se á penna, o que é, n'este paiz, com raras excepções, voltar-se para a penuria, senão para a fome.

Não exagero. Quantos homens ha n'esta terra que, do seu trabalho *puramente litterario*, sem o auxilio de algum emprego particular ou publico, tenham logrado, já não digo a abastança, mas o desafogo, a mediocridade, ao menos?

Apuradas bem as contas talvez me não apresentem um. Mas, quando haja um, dois, meia duzia, em summa, que tenham conseguido, só com seu lavor litterario, o preciso para viver mediocremente, quantos sacrificios lhes não tem custado? A que preço da sua reputação futura não têm acrescentado mais um bocado de pão na mesa da mulher e dos filhos?

Quantas vezes terão abandonado as horas do enleio imaginativo, em que se geram os primores da arte, para acudir á traducção rapida do pessimo romance francez, que o editor impõe porque tem procura no mercado?

Quantas vezes cortam o fio da inspiração n'uma obra que levou annos a delinear, e que deve ser escripta de um longo folego, para firmarem, com apertos do coração, o seu nome n'um livro, que a consciencia lhes diz que está cheio de imperfeições no pensamento e na fórma!?

A obrigação infame, medonha, hedionda, de deturpar o trabalho do nosso espirito, que é filho nosso, equivale ao monstruoso sacrificio de um pae, que fosse levado a deformar as feições dos filhos do seu sangue e do seu coração!

Pois este martyrio sobrehumano dá-se todos os dias, e passa e passará desapercebido sempre aos olhos do leitor, que não quer saber das circumstancias em que foi escripta a obra.

Ha, entre nós, um romancista que tem fundido o seu nobre talento em mais de cem volumes, arrancando das minas dos classicos e das minas, mil vezes mais ricas, do povo, oiro ás mãos cheias, para aformosear e opulentar a lingua patria; intelligencia applaudida em Portugal e applaudida no Novo Mundo, homem que vive ordinariamente no retiro de uma aldeia [1], que é generoso, porém não dissipador, como são, quasi sempre, os verdadeiramente generosos; pois, senhores, se quizer salvar de apuros

[1] Camillo Castello Branco.

um amigo,—e tem alma para o fazer,—juro tres vezes sobre as chagas de um Santo Christo que não possue cem libras ao canto da gaveta ou em coupons da Junta de Credito Publico!

Um facto, que diz tudo a proposito da penuria do nosso mercado litterario.

Ha tres annos, os herdeiros de Garrett publicaram dois volumes do grande poeta, «Helena», primeira parte de um formoso romance, e os «Discursos», isto é, as orações mais correctas, mais profundas, mais completas, que se tem pronunciado na tribuna portugueza.

Em qualquer paiz,—na Cafraria, se lá soubessem ler,—com que afan não seriam procuradas duas obras posthumas de tal auctor?

Cá succedeu o seguinte:

Tirou-se uma edição pequena: o editor não cobriu ainda as despezas da impressão!

Se os herdeiros de Garrett não forem ricos, as obras ineditas, que ainda existem d'elle, jazerão no fundo da pasta, onde a mão mortal do divino poeta as deixou cair—como uma reliquia, uma recordação querida de familia!

Sirvam estas desconsoladoras verdades de aviso, ao menos, aos paes de familia, que não possam legar um patrimonio a seus filhos, para lhes cortarem em flôr o sestro maldito de produzir, sob a fórma litteraria, em Portugal.

III

As provações por que passára Lopes de Mendonça nos primeiros dois ou tres annos da sua adolescencia continuavam, embora de diverso modo.

A inveja já não podia negar-lhe o talento, mas negava-lhe a erudição, como se a erudição fosse compativel com os dezoito ou vinte annos.

A critica mordaz voltava-se como um dragão contra as incorrecções, as faltas, os erros inevitaveis em tão verdes annos, e com tão minguado peculio de uma boa educação litteraria.

Ninguem em Portugal, que me conste, foi tão desamparado nas letras e tão filho de suas obras, como Lopes de Mendonça.

Contra os crueis adversarios reagia o seu espirito superior, e não raro, nos momentos de inspiração, esmagava-os.

Faltava-lhe, porém, um grande recurso para poder manifestar plenamente o seu elevado talento — faltava-lhe a palavra.

E não era na conversação intima, em que muitas vezes, alem de pittoresco e gracioso, chegava a ser eloquente—era quando se estabe-

lecia o silencio e tinha de fundir a idéa na fórma oratoria.

Nunca vi nada assim!

Parecia que um véu denso, correndo-se improvisamente, vedava áquella bellissima intelligencia a communicação com o mundo exterior.

O homem que escrevia com tal rapidez, que o encadeado da letra exigia, por vezes, a pericia de um paleographo, tendo de manifestar a idéa discursando — emmudecia!

Turvavam-se-lhe os olhos cristallinos, contraia-se-lhe a face macilenta, o suor, em bagas, rolava-lhe da fronte, os cabellos caiam-lhe inertes, como succede nas ancias de mortal agonia.

O coração dos estranhos apertava-se, o dos amigos abafava!

Não lhe perdoavam muitos esta mingua singular da natureza em compleição tão rica.

Tal crueldade feria-o profundamente. Parece-me que se Lopes de Mendonça podesse ter sido orador, não morria doido.

Implacaveis com elle, porque não era erudito aos vinte annos, implacaveis por não ser eloquente, foram implacaveis tambem com as distracções, os desassombros, as franquezas ingenuas, as raridades tão expontaneas e tão originaes do seu caracter.

Aquella expansiva e nobre organisação não attentava n'isso.

O inimigo, ás vezes o calumniador da vespera, podia carecer d'elle no dia seguinte, que o achava de braços abertos.

O seu idolo, o seu Deus, era o talento. Encontrar um moço intelligente, aconchegal-o a si, bafejal-o com solicitude paterna, applaudil-o na imprensa, era para Mendonça um credo sacratissimo da sua religião.

Um dia, bati-lhe á porta, o que era frequentissimo: veiu abrir. Tinha o rosto resplandecente, esfregava as mãos com jubilo, brilhavam-lhe os olhos.

—«Vieste a proposito, homem: ainda bem que vieste. Anda cá: aqui tens o auctor do romance que te dei no outro dia, o auctor do «Claudio», Julio Cesar Machado. Tem quinze annos. Olha, que boa cara!»

Era Julio, era a intelligente e distincta phisionomia de Julio Machado, uma creança quasi, timido de modestia, mas confiado no futuro, que vinha balbuciar as primeiras phrases da sua vida litteraria, recebendo os conselhos do mestre, que depois havia de honrar tanto!

Apertei então, pela primeira vez, aquella mão que ha mais de vinte annos aperto com estima e ufania! Oxálá podesse ainda beijar a do outro! . . . Mas essa está mirrada e fria debaixo de uma pedra, no chão dos cyprestes, no mesmo campo onde tenho os entes que foram as porções mais caras da minh'alma!

Mendonça continuava esfregando as mãos, emquanto eu fallava com Julio.

—«O dia está magnifico. Hoje não se trabalha. Vamos jantar juntos. Ha grandes capitaes:

Ó ciel! tu sai si Matilde m'è cara.

Esta phrase do Guilherme Tell, convertida em cantilena do «Bemdito» pelo pessimo ouvido de Lopes de Mendonça, denunciava n'elle o auge do prazer.

—«Com que então dia explendido, mas frio, muito frio. Sáe o paletot do Braz Tizana. Dez moedas, meus amigos! Dez moedas em panno e em veludo, cortados pela tesoura do Keil, para fazer estoirar de inveja os meus adversarios!»

Aquelle paletot tinha uma historia. Custára effectivamente dez moedas: o producto de um livro, de dois livros, de tres livros . . . uma ruina, uma rasa para o folhetinista da «Revolução!»

Como lhe invejavam tudo, invejaram-lhe tambem o paletot. A cousa teve ecco no Porto. O Bandeira do «Braz Tisana» agarrou-se-lhe ás abas e não o largava.

Mendonça ria.

No dia seguinte a ter executado certo abbade no poste do folhetim, Mendonça appareceu no Chiado, onde Garrett andava «flanando», como elle dizia. O executor do abbade vinha com

as mãos escondidas nas mangas forradas de veludo do famoso paletot.

Garrett vendo-o aproximar, disse-lhe:

—«Esconda, Mendonça, esconda essas mãos tintas no sangue do abbadecidio!»

IV

Garrett tinha em grande apreço o talento de Mendonça.

Ás quintas feiras reuniamo-nos, ás vezes, a jantar em casa de um titular de illustrissima procedencia[1], que recebia com a lhaneza e cortezia antigas, genero que tinha feição propria e um cunho nacional, que hoje rara vez se encontra.

Um dia estavamos n'essa casa José Horta, Andrade Corvo, marquez de Sabugosa, Lopes de Mendonça e eu, quando Garrett entrou.

Depois dos primeiros cumprimentos, o poeta voltou-se para Lopes de Mendonça e disse-lhe:

—«Um aperto de mão com os meus mais sinceros parabens.»

—«Porque, senhor Garrett?»

—«Pelo seu magnifico folhetim sobre a morte de Marilia de Dirceu. É uma joia de subido valor.»

[1] O sr. marquez de Penalva.

Mendonça fez-se vermelho até ao branco dos olhos.

Garrett, tirando do bolso da casaca preta a *Revolução de Setembro*, disse-me:

—«Lei-a, Patinho».

Este, hoje, para mim tão saudoso diminutivo — explica-se. Eu tinha então dezoito annos e Mendonça cumprira, havia pouco, vinte e dois.

Como aquelle homem escrevia n'essa idade!...

Vejam:

V

MORTE DE MARIA DIRCEU

Morreu a Marilia de Dirceu, cujo nome profano era de Maria Joaquina Dorothéa Seixas Brandão, com oitenta e quatro annos de idade.

Pois que, disse eu lendo a noticia n'um jornal, essa mulher fôra amada por um melodioso poeta, esse poeta dera-lhe um nome popular, gloria, celebridade, admiração, e essa mulher deixa-se viver até á patriarchal idade de oitenta e quatro annos!

Nem a dôr, nem as maguas, nem a recordação de tudo quanto o seu amante soffrera, nem a sua morte, nem a sua loucura, lhe diminuiram alguns dias de vida! Que ancia tinha en-

tão de respirar este ar, de ver este sol, de gozar, de deleitar-se, de se sentir tão longe do retrato que o poeta debuxára em traços apaixonados e sublimes!

Quem concebe a Beatriz do Dante, velha, rabugenta, com os olhos amortecidos, com os cabellos brancos, com a voz fanhoza, encostada a um bordão, curvada, trémula, cachetica? Se quereis merecer o amor de um poeta, deixae-vos morrer, como a Laura de Petrarcha, d'aquella famosa peste, que Bocaccio nos descreve tão energicamente no prologo do seu «Decameron».

Se quereis que um famoso estatuario, como João Goujon, vos torne immortal n'um prodigio de estatuaria, sede moça, como Diana de Poitièrs, até aos sessenta e sete annos, merecei, como ella, os extremos e a fidelidade de um Henrique II.

É que Thomás Antonio Gonzaga não era só um poeta terno e pastoril, era um patriota, era um republicano. É que soffreu, é que morreu pela patria. É que os seus versos mais apaixonados foram escriptos no fundo das masmorras, com o sangue das veias, entre o tinir dos ferros, entre as blasfemias dos condemnados, na miseria, na agonia, no infortunio!

E essas queixas maguadas não vos fizeram parar confrangido o coração no peito! E fostes talvez, ao espelho ver se o rasto de algu-

ma lagrima vos tornava a pelle menos lustrosa, e a côr menos brilhante! E sopesastes a trança de vossos cabellos, para ver se mereciam ainda os versos do poeta:

«Os teus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeam,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas da negra côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Formam, Marilia, um composto
Da mais formosa união.»

E não perdestes as noites, mulher! no pranto e nos lamentos, quando vos disse o infeliz:

«Inda, ó bella, não vejo
Cadafalso enluctado,
Nem do torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo n'este mundo, ó sorte impia!
E d'elle só me mostra a estreita fresta.
Oh! quando é noite ou dia,
Olhos baços e sumidos,
Macilento e descarnado,
Barba crescida e hirsuta,
O cabello desgrenhado.
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marilia, como vive
Um reu de magestade»

....

D'esta vez não eram tormentos da imagina-

ção, delirios da phantasia, que vinham torturar o coração do poeta. Não era um homem que cantava o soffrimento, era um homem que soffria; não era um homem, que se via sempre seguido em sonhos de imagens terriveis, era um homem que, acordado, revelava as maguas do seu destino. Podia-se assimilhar ao Dante, porque era proscripto: podia-se comparar ao Tasso, porque esteve prisioneiro e morreu louco.

Podia repetir em eloquentes e ao mesmo tempo resignados versos:

«As furias infernaes, rangendo os dentes,
Com a mão descarnada não me applicam
As raivosas serpentes;
Mas cercam-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha,
Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento,
Por causas que me affligem, roda e gira
Cansado o pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado,
As tepidas entranhas me não come
Um abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade
Devorar o coração que mal palpita,
O abutre da saudade.

«Não vejo as fórmas, nem as aguas vejo,
Que de mim se retiram quando busco
Fartar o meu desejo:
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo.
N'est'alma o teu retrato.»

E depois com que nobre orgulho, com que generosa confiança no seu caracter não exclama o poeta:

«A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura:
O cobarde a morrer tambem caminha;
Com que males não póde
Uma alma como a minha!
....
Não temas que no rosto a côr se mude
Vence as rochas e os troncos
A solida virtude.»
....
....

Que é feito então d'essa Marilia encantada, cujos cabellos doidejavam ao sopro do vento, cujo rosto se avermelhava pudicamente aos protestos apaixonados do seu amante, cujas mãos delicadas iam colher rosas e jasmins para lhe coroar a fronte, cuja voz doce e suave acordava os eccos da campina, e fazia estremecer de

jubilo os passaros que poisavam nos ramos da floresta?

Hontem joven e candida, hoje velha e triste!

Que é feito d'essa face tão fina e transparente? Está morena e enrugada, e talvez a realce com «cold-cream» e branco de balêa! Oh! funesto sacrificio de uma gloria bella, de uma dôr sublime, de uma saudade augusta! Tudo por mais alguns annos de uma existencia obscura: quiz ser velha, ella! quando podia descansar no tumulo aberto pela saudade, em que se sente despontar a esperança!

Esse homem, esse poeta, essa alma terna, esse coração apaixonado, esse republicano austero, essa victima illustre, esse martyr do amor e da patria, viveu quinze annos desterrado em Moçambique, longe d'ella, longe da musa a quem votara todos os suspiros da sua lyra, todas as lagrimas, todas as maguas do seu infortunio, e ella continuou a viver descuidosa, indifferente! — e não se lembrou de o ir consolar, de ir viver, de ir morrer com elle!

Oh, mulheres! mulheres!

Finalmente, em 1809, o poeta expira longe do Brazil, e descansa n'uma terra estranha. Quereis saber? a Marilia teve então occasião de viver muito, de viver o mais que lhe foi possivel: só quarenta e quatro annos depois da data fatal, é que se lembra que este mundo consente com difficuldade que se reproduzam os

milagres da Biblia. E se Deus lhe concedesse o mesmo privilegio de Sara, se houvesse um Abrahão condescendente, que quizesse um Isaac legitimo, teriamos uma nova Marilia, talvez para que a raça das Marilias se não perdesse para sempre!

Quando uma mulher encontra, o que não é muito vulgar, um homem de superior talento, que a ama, que a torna o culto da sua vida, o idolo da sua imaginação; quando essa mulher chega á partilhar o affecto que lhe soube merecer, existem ambos presos á mesma cadeia; o sol de uma gloria commum vem illuminar as suas frontes; quando um morrer o outro sente-se attraído para o tumulo: ha uma voz que o chama, ha um presentimento que lhe diz que o mundo é pequeno para a sua saudade, que a sua vida é esteril á sua gloria. É assim que a Fornarina, e mais era uma mulher perdida, desapparece quando um Raphael expira; é assim que tu, ó Nattercia! quasi que apagas o teu nome da historia, porque deixaram—os ingratos!—que o teu amante morresse n'um hospital, e que uma mortalha emprestada lhe cingisse o glorioso cadaver!

E esta mulher teve coragem de viver oitenta e quatro annos!—Viveu com aquelles sentidos adeuses, com aquellas maguadas queixas, com aquellas abrasadas recordações, com aquelles funebres versos na memoria: não ouvindo

no silencio da noite, quando o vento triste do inverno açoita a ramada do arvoredo, a voz dolorosa do pobre louco repetir-lhe: Marilia, Marilia!

Fiava, talvez tomasse tabaco, enfeitava-se pela manhã, fazia o rol, ia á cosinha, havia de ter um gato, é possivel mesmo que, quando fosse moça, escutasse os requebros de algum petimetre de perna esguia, cabeça frisada, sorriso adocicado, voz branda, fazendo bellas reverencias, e repetindo os mais superfinos cumprimentos.

É por isso que eu olho uma donzella bonita, engraçada, nobre no gesto, languida no andar, com o olhar gentil e o sorriso candido, como um d'esses pianos de mogno, que a industria estrangeira nos envia, apenas saídos da fabrica.

Pobre piano! Serias talvez o instrumento das phantasias do Lizt, das melodias de Thalberg, das febricitantes inspirações de Chopin, de tudo quanto ha de bello e de grande na arte, se inexoravel destino, se o demonio do lucro, te não desterrasse da patria. Aqui, eu te prophetiso o que te ha de acontecer.

Repetindo fragmentos torturados de operas e as escalas da menina, acompanharás a voz fanhosa e desafinada de algum *dilettanti* de contrabando, ver-te-has ruidosamente accommettido pelas mãos grosseiras de um mestre de musica, que estima a arte pelos bilhetes de

lição que a sua avidez distribue . . . A tua alma, se o genio se aproximasse de ti, rebentaria em delirios, em lamentações, em canticos suaves, em vibrações apaixonadas, em espasmos de amor . . . Agora caíste na vida real, ès um movel como o sofá, como a *causeuse*, como a *étagère*, como um leito esculpido, que aquenta o morno affecto de duas creaturas aborrecidas de si e ligadas por toda a vida.

Assim penso eu tambem da donzella: leio já n'aquelle rosto os sorrisos da vaidade, o egoismo, os calculos que em breve ha de aprender no mundo: quem beijará primeiro aquellas faces mimosas? Eu sei, um velho torpe, que a deslumbrou com o seu oiro, um peralvilho ridiculo, que a sob enfeitiçou com as suas piruetas.

E quanta innocencia havia n'aquelles olhos, e quanta poesia n'aquella alma, e quantos sonhos doirados n'aquella imaginação infantil!

Tudo se ha de ir gastando nos bailes, nos salões, nas confidencias, nos conselhos, nos livros que escarnecem de tudo, na arithmetica social que somma, que multiplica, que vende, que commerceia, que aprecia tudo, amor, desejos, affectos, paixões, por alguns punhados de oiro mais ou menos luzente!

Esta Marilia é um typo que retrata a mulher n'este tempo, explica-nos como o scepticismo cedo desflora a cabeça dos poetas, e lhes faz mer-

cadejar—elles tambem—com as inspirações da sua alma!

Sem Maria Cheresworthe, sem Beatriz, sem Victoria Colonna, talvez que hoje não lessemos Child-Harold, a Divina Comedia, e admirassemos o Juizo Final!

Mas qual d'ellas morreu de oitenta e quatro annos? Qual d'ellas se deixou chegar á idade d'aquella princeza Balfour da legenda poeticamente cantada por Victor Hugo nas «Viagens do Rheno»?

Quereis ser Marilia? quereis desposar um homem elevado pelo talento, de um caracter nobre e generoso! Não vos levo isso a mal.

Nada mais sublime do que adormecer com uma caricia a cabeça que penosamente medita; é uma digna abnegação sentir palpitar junto do peito um coração esforçado, que sabe amar e padecer.

Mas quando esse poeta, que existe n'uma posição eminente, quando esse homem lança fóra dos hombros a toga do magistrado para vestir a opa do tribuno, quando troca a cadeira de juiz pela masmorra do condemnado, quando, inspirado por uma devoção sublime, quer ver a sua terra solta das tyrannias da metropole, e pensa no exemplo dos Estados Unidos para lhe dar a liberdade da republica, quando está pobre e desterrado n'um clima devorador, então é partir, é abandonar as ricas planices do Novo Mun-

do pelos estereis sertões da Africa, é premiar n'elle o poeta que canta o seu estremecido amor, o republicano que expia o seu grandioso delicto.

As mulheres, diz algures Mr. de Maistre, não fizeram nem a Illiada, nem a Jerusalem libertada, nem Phedra, nem Athalia, nem Rodoguna, nem o Misantropo, nem o Tartufo, mas fazem alguma cousa tão grandiosa como tudo isto. É nos seus joelhos que se educa o que existe de mais excellente no mundo—um homem honesto e uma mulher honesta.

Não comprehenderia esta mulher que nós não viemos unicamente ao mundo para viver, mas para cumprir uma missão digna de nós, digna da humanidade? Não comprehenderia ella que era um ultrage feito a Deus o despresar a occasião que tinha de enxugar o pranto de um proscripto, de aliviar os tormentos de um grande cidadão e de um illustre poeta!

Viveu, preferiu viver!

Pois bem, serei eu quem o diga ao futuro. Esta Marilia é uma velha que tem oitenta e quatro annos, com os cabellos brancos, a cara idiota, já sem dentes nem lume nos olhos: faz meia á noite, resa, resmunga, ralha, e atormenta-se a si e aos outros.

Olhae-a bem! Não é uma musa, é uma megéra; não passeia nos jardins floridos de Apollo, pertence antes aos sombrios dominios de Pro-

serpina, e se Gonzaga resuscitasse, repetir-lhe-ía ironicamente o dito de Arlequim:

—«Agora estás perfeita, porque não és homem nem mulher!»

Com effeito, aos oitenta e quatro annos não se é ràcionalmente nem uma cousa, nem outra.

VI

As distracções d'aquella imaginação vivissima eram extraordinarias.

Um dia, Rebello da Silva, Mendonça e eu, fomos convidados para almoçar em casa de um estrangeiro que esteve muitos annos em Portugal, homem illustrado, mas em cujas veias o olho perspicaz de um americano descobriria algumas tinturas de sangue malaio.

Entrámos na sala elegante do nosso hospede, e o mesmo foi entrarmos que Lopes de Mendonça parar defronte de um retrato de familia, bater no hombro do amphitrião, e perguntar-lhe:

—«Quem é aquelle preto?»

—«Aquelle preto! ora essa? Aquelle é o retrato de meu avô.»

Lopes de Mendonça parou um momento, correu horisontalmente a mão pela pera, e respondeu-lhe:

— «Pois, olhe, elle da nossa côr não é.»

Rebello, varado, olhou para mim com a sua physionomia admiravel e repetiu-me o verso de Dante:

«Ah! dura terra, porque te não abriste!»

D'aquelle almoço não podemos tragar bocado. Mendonça comeu despropositadamente, e esteve de excellente humor.

Á saída perguntou-nos:

—«Que demonio tiveram vocês, que não comeram nada!?»

—«Que haviamos de ter?... Tu foste chamar preto ao homem que nos tinha feito uma finesa.»

—«Eu?»

—«Sim. Pois quem, senão tu, faz d'essas cousas?»

—«Ora essa!... Estas minhas malditas distracções!...»

Respondeu elle visivelmente desgostado, mas d'ali a um momento, distraído de novo, disse-nos:

—«Lá elle preto não é, mas é quartão legitimo.»

Passou-nos o mau humor e desatámos uma gargalhada.

VII

José Estevão, com o seu olho de lince, mediu, n'um relance, toda a extensão da intelligencia de Lopes de Mendonça. Conheceu que estava ali não só um homem de letras, mas uma cabeça politica de merito superior. No folhetim, introduzido em Portugal pelo auctor das «Recordações de Italia», appareciam, já na apreciação de alguns homens notaveis da nossa scena publica, já no modo de encarar o movimento democratico de Paris em 1848, as primicias d'aquella veia fecunda, que tinha tanto para dar, e que tão cedo foi cortada pelo braço da fatalidade!

N'esse tempo, um governo reaccionario, profundamente corrompido, desaforado com a protecção do paço, —protecção nefasta para o povo, para quem a recebe, e principalmente para quem a dá,— usava de todos os meios de reprimir o pensamento, abafando as generosas aspirações da liberdade.

Lopes de Mendonça escrevia folhetos politicos, que se distribuiam em secreto, e com grave risco da região lombar.

Um dia, por milagre, escapei eu de que as minhas azas de pato fossem substituidas por uma azas de pau!

Os libellos politicos, de que hoje difficilmente se poderá obter um exemplar, eram escriptos com letras de fogo.

Que vigor, que indignação, que apaixonada eloquencia!

Illudindo a vigilancia da policia, reuniamo-nos n'alguns centros politicos, presididos pelo conde das Antas, centros onde Mendonça, não podendo vencer a pertinaz negação da sua palavra, lia, em meio de freneticos applausos, as suas satyras e as suas odes em prosa.

Uma noite, porém, noite de bem-aventuranças — noite que foi o dia mais explendido para Lopes de Mendonça, o auctor das «Memorias de um doido» tomou a palavra, e fez de improviso um magnifico discurso.

Eis o caso:

VIII

N'essa noite fôra apresentado um moço operario.

Era typographo. Teria vinte e dois annos.

Alto, curvado um pouco, debil de compleição. Estava tremulo e parecia extremamente acanhado.

Mendonça, presidente essa noite, dirigiu-lhe algumas palavras animadoras, perguntando-lhe,

ao mesmo tempo, se conhecia os mandamentos do seu credo politico.

O moço typographo ergueu-se mais tremulo ainda, porém a cabeça, que até ali se curvara um pouco, erguia-se já com bastante desassombro.

Tinha olhos brilhantes, o rosto pallido e as rosetas da febre nas faces. A testa arejada, os cabellos longos, mas sem vida.

Reinou profundo silencio.

Elle conservou-se alguns segundos calado. Nós sentiamos o aperto do coração, que se dá quando vemos alguem em eminente risco de fazer má figura em publico. Seguiram-se os primeiros periodos. A voz era agradavel, a linguagem incorrecta — embora; acudiam as idéas, acendia-se a inspiração, desatavam-se as imagens e soltavam-se as apostrophes.

Estava ali, com a sua ignorancia, com as suas grandes incorrecções, um orador.

O moço typographo era Vieira da Silva, cujo nome devia figurar no futuro com tanta gloria entre a classe operaria. Aquelle rapaz enfermo, pobre, obscuro até essa hora, apparecia-nos subitamente illuminado com a mais apetecida das aureolas — a aureola do talento.

Mendonça levantou-se com as lagrimas nos olhos. Soltou a palavra e fez uma oração brilhantissima!

O enthusiasmo, n'aquella grande alma, tinha

sido a vara de Moysés. A inspiração, como Oedipo, parecia ter roubado o segredo á Sphinge!

Foi apenas um meteoro, um traço de luz, um relampago no horisonte. Brilhou um momento, e desappareceu para sempre!

IX

As vigilias litterarias, as inquietações da politica, os apertos da vida batalhavam em vão contra Lopes de Mendonça.

A sua poderosa organisação saia-se triumphante de todos os assaltos.

Tinha o animo folgasão; aquelle rosto respirava bonhomia e espirito. Fazia as cousas sem a minima pretenção.

Uma tarde, em Cintra, estava assistindo a uma tourada de curiosos. Veiu á praça um touro valente: Mendonça saltou, de cigarro na bôca, bateu-lhe as palmas, e pegou-lhe com a destresa de um campino do Ribatejo.

N'um dia de apuro, escrevia ao seu edictor:

Meu caro amigo

Remetto os cinco exemplares, o que com quatro que ficaram em debito, perfaz uma libra. Escusado é explicar-lhe que, se lhe for possivel enviar-m'a pelo portador, será recebida com es-

pecial agrado, por que n'esta casa ha mais gloria do que capital.

Disponha do seu amigo

Lopes de Mendonça.

Sempre alegre!

Só o vi triste, coitado, tristissimo, um dia. Foi depois d'aquelle maldito concurso.

Disse-me, profundamente abatido:

—«Sou um desgraçado: não posso fallar.»

—«Lê as tuas proprias lições, que assim fazem grandes homens em grandes cursos, lá por fóra.»

—«Bem sei; mas aqui não querem isso e eu não posso fallar! Aquelle «Curso superior de letras» tem sido um cemiterio, e agora está o mais lugubre que póde ser, porque é um cemiterio de idéas!»

As letras e a politica absorveram até aos vinte e cinco annos toda a intelligencia e todo o coração de Lopes de Mendonça. A sua actividade intellectual exercia-se na imprensa e nos circulos politicos. Aquelle cerebro riquissimo entrevira a imagem do amor, mas o Deus, que opera os grandes milagres d'este mundo, não lhe havia ainda tocado no coração com o seu dedo divino! Chegou a hora. Foi um deslumbramento, illuminação siderea, rapto dos sentidos, arrebatamento d'alma, extasis—delirio mystico, se poderia dizer, o amor, n'aquella organisação robusta e exaltada. No alto de uma

folha de papel—talvez presentimento fatal!—escreveu:

«Memorias de um doido».

O livro fundiu-se de um jacto. Livro romantico, exagerado, sentimental, carregado; sem enredo notavel, nem traços profundos de caracteres, mas de fogo, mas eloquentissimo. Ha paginas de paixão verdadeira n'aquelle romance, que rivalisam com as apostrophes de Werther e os derradeiros adeuses de Julia a Saint-Preux.

Pouco depois da publicação das «Memorias de um doido» Mendonça ia ver a Italia, ainda então captiva e algemada pelos grilhões da tyrannia.

Com a sua fecunda imaginação, o seu grande talento, já ferido pelo amor, isto é, já homem completo, ia visitar a terra onde o amor operou as grandes maravilhas da arte, desde a «Divina Comedia» até ás Sybillas e aos Prophetas da Capella Sixtina.

Não podia percorrer a patria de Dante e de Miguel Angelo em condições que lhe fossem mais propicias.

Chegando a Veneza, toda a sua alma de artista, de amante, e de patriota extremecia vendo a graciosa filha do Adriatico escrava dos tyrannos, e, no meio das suas dolorosas apostrophes, Mendonça entrevia a hora suprema em que a Italia se havia de erguer, no fôro das passa-

das glorias, redimida pela cabeça de Cavour e pelo braço de Garibaldi.

Na volta escreveu dois livros com o titulo de: «Recordações de Italia».

Dois magnificos livros!

X

Democrata sincero e convicto, não perdia um momento, luctando ás vezes com a opinião importante de muitos homens do seu partido, de expor, em toda a extensão, as idéas liberaes, dizendo em prosa soberba, ha mais de vinte annos, melhor do que nos dizem hoje, como novidade, alguns genios summos, em estylo das «Visões do Apocalypse.»

Na tribuna parlamentar, Mendonça achou as mesmas difficuldades que tinha encontrado nas assembléas politicas, e mais para o diante nas lições do «Curso».

Recordo-me bem da physionomia de José Estevão quando viu Mendonça levantar-se na camara, balbuciar algumas palavras, forcejar, pertinazmente, por atar o fio das idéas, e caír depois na cadeira, inerte, coberto de suor, quasi sem sentidos.

José Estevão seguia-o com solicitude de irmão, e o grande orador, n'esse momento, parecia querer influir n'aquelle dilecto amigo a sua

voz, a sua palavra, a sua prodigiosa eloquencia!

Dos desastres oratorios, das luctas da vida, da inveja que o perseguia constantemente de rastos para o morder no calcanhar, de todas as pequenas e grandes miserias cá d'este mundo, foi Mendonça (ainda mal que por tão curto praso!) indemnisado largamente, encontrando no coração d'aquella que devia de ser sua primeira e ultima companheira, o acrisolado affecto, o extremo carinho, o balsamo das lagrimas!

Quando a mulher allia ás virtudes da alma os dotes da intelligencia, é o ideal do bello, e tambem o ideal do bom.

Hoje o futuro da mulher apresenta-se debaixo de dois aspectos, e qualquer d'elles tremendo!

De um lado os padres clamando-lhe no pulpito, no confessionario, no livro, na parenese familiar, que a salvação d'ellas e a salvação do mundo consiste em abandonar o seculo e votarem-se, sob diversas fórmas, ao culto da santa madre igreja, porque, se o casamento não é mau segundo S. Paulo, o celibato é muito melhor, conforme o mesmo santo. D'aqui, as servas do Senhor, as escravas de Maria, as irmãs da caridade, as desordens domesticas, a dissolução da familia segundo a communa fradesca, as tragedias do lar, o ataque fraudulento á propriedade, os escandalos clericaes, as

monomanias religiosas, que vão acabar em Rilhafolles estranguladas com o colete de força!

Do outro acodem os philosophos do futuro, os vates da «Idéa Nova», que das theorias de Hegel, de Kant, de Proudhon sabem tanto como das idéas puras de Platão, das causas finaes de Aristoteles, dos atomos de Epicuro, das dilatações e condensações dos estoicos — e sacodem-na do seio da familia, onde é a pomba domestica, a santa padroeira, convertem-na n'um instrumento de prazer e de procreação, atiram-na para uma cousa a que chamam «humanidade», deixam-na ficar na praça publica revolvendo-se no volutabro de torpes deleites, coroada de pampanos, com a taça em punho, insana em suas lubricidades, como a bacchante ebria!

A mulher está em grave risco, mas desconfio que terá artes de escapar das mãos dos padres e das mãos dos poetas-philosophos, para continuar a ser o ideal de todos os sonhos e aspirações do homem, no lar, na sociedade, na humanidade!

XI

Começaram a abrir para Lopes de Mondonça os dias serenos e ridentes do lar domestico.

O estudo constante, celere, ardente, desenvolvia-lhe as faculdades. Encetára trabalhos histo-

ricos; tentativas que auspiciavam um bello futuro.

A sua memoria sobre o desventurado chronista de D. Manuel, Damião Goes, é um primoroso estudo.

Veiu a creação do «Curso superior». Mendonça recresceu de ardor no estudo: era um phrenesi; nem sequer um momento de tréguas.

Depois do desastre do concurso, os primeiros rebates da enfermidade fatal principiaram a manifestar-se por uma tristeza profunda.

Almas piedosas começaram a chasqueal-o na imprensa. De entre essas almas uma, ainda mais evangelica, descrevia o rosto, os ademanes, a saída arrebatada da sala, em summa, o estado extraordinario do auctor das «Recordações de Italia» no dia sinistro d'aquelle certame.

O critico meritissimo descobria no semblante e no olhar de Lopes de Mendonça os symptomas inequivocos da alienação mental, e terminava com a solicita caridade de lhe apontar para Rilhafolles — prophetisando-lhe o colete de forças.

Quando vemos a perversidade de certos homens, e sentimos que esses homens não são raros no mundo, somos tentados a acreditar que Satanaz entrou com o melhor do trabalho na obra da humanidade!

Mendonça leu o papel infame e teve um accesso de furor, insolito realmente no seu caracter.

Encontrei-o no Rocio, exactamente no ponto onde o morgado de Assentis encontrou o Bocage depois da satyra do padre José Agostinho de Macedo.

Trazia o papel na mão; faiscavam-lhe os olhos com extranho fulgor. Assustei-me ao vel-o, e perguntei-lhe que tinha.

—«Que tenho? olha, aqui está! Não diz que estou doido, este miseravel!... Eu, doido! Eu em Rilhafolles!! Onde quer que o encontre rebento-o debaixo dos pés!...»

Procurei serenal-o e consegui-o.

Depois de um largo passeio entrámos no Mata.

Mendonça estava abatido. Sentou-se, deixou cair a cabeça entre as mãos, e desatou a chorar como uma criança.

Aquelle choro cortava o coração! Tel-o-hei presente até ao fim da minha vida!

Passados alguns minutos ergueu a fronte desanuviada já, e sorriu melancolicamente.

Entraram tres amigos: Augusto José da Cunha, lente da escola polytechnica, uma das mais bellas intelligencias que tenho conhecido, Ricardo Cordeiro, delicado e primoroso escriptor, e Antonio Xavier Teixeira Homem de Brederode, fundador da «Revista Contemporanea»,

grande elegante da nossa terra, que já desappareceu do mundo dos vivos.

Mendonça retomou a sua habitual jovialidade.

Á sobremesa leu-nos uma lição que tinha preparado para o «curso».

Era uma descripção do Apollo de Belvedere, que deve existir entre alguns manuscriptos que elle deixou. Primoroso quadro; soberbo trabalho!

Como o applaudissemos calorosamente, Mendonça exclamou:

—«E diz o homem que estou doido... Coitado!»

E soltou uma gargalhada, mas franca, desassombrada, alegre; gargalhada de Lopes de Mendonça nos dias aureos da sua gloria e da sua juventude!

Era no inverno. Eu partia na manhã seguinte para Torres Novas. Elle abraçou-me com effusão e deu-me um beijo.

Beijo de Christo ao seu discipulo amado na ultima ceia!

Quinze dias depois recebia na provincia uma carta de Francisco Maria Bordallo.

Começava por estas palavras:

«O nosso desgraçado Lopes de Mendonça enlouqueceu!»

O vaticinio do chacal da imprensa tinha-se realisado.

Que a maldição de todos os justos lhe caia sobre a cabeça, se é vivo, ou sobre a memoria, se é morto!

A esposa, a companheira dos dias prosperos de Lopes de Mendonça, seguiu-o nos passos, d'aquella paixão, que durou annos, com a solicitude, o amor, as lagrimas da mulher amante, até que a morte o veiu resgatar da infamia da vida!

XII

Um dia d'estes, fatigado de me ver só, fui até aos Prazeres. Aquillo para mim está muito povoado! Ia lendo os nomes de entes adorados quando deparei com o seguinte epitaphio no tumulo de Mendonça:

«Que posso eu exigir mais do que um olhar, do que um suspiro, do que uma lagrima!»

«É tudo: É nada!»

«Memorias de um doido» pag. 192.

«Nasceu a 14 de outubro de 1826.»

«Morreu a 8 de outubro de 1865.»

Sim, querido amigo, uma «lagrima» veiu a meus olhos, e uma «lagrima» rebentará de todos os corações generosos, lendo, em tão resumidas palavras, a historia do teu genio e da tua desventura!

JOSÉ ESTEVÃO

CAPITULO VIII

JOSÉ ESTEVÃO

Retrato de José Estevão aos vinte e sete annos.—Negação para rever discursos.—Depois da revolução da vespera.—Resposta de Garrett.—Fragmentos d'algumas orações da primeira época.—No homisio.—O padre Antonio.—Tentação.—O empregado da policia.—Regeneração.—Luiz Cypriano.—O cão fiel.—Replicas fulminantes.—Os ataques de somno.—A lucta.—A jarra e a governanta ingleza.—As irmãs da caridade.—José Estevão de cara a cara com os ultramontanos.

I

Foi nas luctas grandiosas da «constituinte» que José Estevão soltou pela primeira vez a voz na camara dos deputados.

Os pródromos d'aquella extraordinaria eloquencia eram apenas conhecidos dos seus companheiros de armas no desterro; depois da batalha, nas conversações scintillantes do bivaque, entre os condiscipulos, nas palestras academicas e nas raras lições proferidas no curso de direito.

O imprevisto espanta sempre. Foi o espanto o primeiro sentimento da camara em presença

da figura, do gesto, da voz, da inspiração e da palavra do moço tribuno!

Os maiores jurisconsultos, estadistas, oradores, homens de lettras de Portugal estavam em S. Bento. José Estevão, aos vinte e sete annos, caia de improviso no meio de tão grandes homens—para dominal-os e vencel-os muitas vezes,—para arrebatal-os sempre!

Incapaz, pela mobilidade e ardor da imaginação, pela mocidade agitadissima, de poder reunir avultada somma de estudos aturados e profundos, José Estevão tinha como que o dom sobrenatural, o *quid* divino da adivinhação.

Ha poucos mezes o primeiro jornalista de Portugal, Rodrigues Sampaio, que passára largos annos na imprensa, nas commissões, nas sociedades secretas, e na tribuna com José Estevão, dizia-me:

—«Era, realmente, homem extraordinario! Reuniamo-nos ás vezes para resolver negocio grave e intrincadissimo. De todos nós o unico que não sabia uma palavra da questão era José Estevão. Começava disparatando. Passado um quarto de hora, estava senhor do assumpto, e a primeira luz e o primeiro conselho eram d'elle.»

A voz, que tomára de assalto a admiração da constituinte, eccoou immediatamente por todos os angulos da capital e do paiz. Apesar das gravissimas complicações politicas d'essa época, da violencia dos partidos e da exaltação nervo-

sa das paixões, o nome que andava em todas as bôcas, mordido na sombra pelos invejosos, abençoado pelas almas nobres, era o nome de José Estevão.

Esse nome, com as palavras «camara», «sessões», «deputados», etc., chegou aos meus ouvidos e picou a minha curiosidade infantil.

Instei com meu pae para que me levasse ás côrtes. Tinha já visto o theatro, e queria ver aquelle outro theatro mais real e não menos cortado de paixões nobres e miseraveis, de lances, de situações, de scenas, de peripecias e principalmente de enredos.

Cedeu ás minhas instancias a lenidade paterna.

Fui um dia a S. Bento.

José Estevão tinha a palavra.

Aquella figura elegante, gentilissima, arrebatadora, ficou-me gravada no espirito, tão fundamente, que me parece estal-a vendo agora diante de mim.

O cabello fino, basto, annelado, castanho escuro, povoava-lhe a cabeça de vinte e sete annos, bella e correcta como uma obra de arte nos dias aureos da Grecia, ou nos prodigiosos dias da Renascença. A barba longa, não demasiado espessa, de uma tinta mais clara que a dos cabellos, apartava-se na ponta do queixo, similhante á barba de Christo nos quadros de Van Dyck.

o rosto pallido; nos transportes da palavra, ora enfiava, como se o sangue parasse na circulação, ora se lhe tingia de purpura. O nariz, levemente aquilino, completava a graça e correcção do perfil.

As azas do nariz vincavam-se e pareciam palpitar quando a paixão o inflammava. Medindo o adversario, antes de lhe disparar a apostrophe fulminante, a cabeça erguia-se e conservava-se na immobilidade ameaçadora do nebri pairando subitamente nos ares antes de saltar sobre a presa.

Os olhos pequenos, vivissimos, faiscavam como dois relampagos. A bôca era cortada com franqueza para accudir rapida á transmissão do verbo fluentissimo. A estatura elevada; o peito bombeado e amplo; o pescoço forte, resaindo dos hombros largos, e proprio para auxiliar os movimentos leoninos da cabeça energica.

Proporcionadissimas todas as partes de sua estatura. As mãos finas, o gesto de inspirado; a voz com inflexões meigas, terriveis, patheticas, suavissimas, apaixonadas, arrebatadoras! José Estevão n'aquella idade, com o baptismo do exilio e o baptismo do campo da batalha, acceso no amor da liberdade e ferido com o amor da mulher, illuminado pelo genio, encarando um horisonte sem termo, advogando a causa da humanidade com a bôca livre e os pulsos

desapertados das algemas da tyrannia, coberto de palmas, nadando em gloria, como um dia de abril nada em sol, era a realisação na terra da maxima felicidade a que póde aspirar o homem.

Eu não sabia o que eram «camaras», nem «deputados», nem o que significavam as palavras «discursos» e «eloquencia», — não comprehendia o que José Estevão dizia, mas não podia tirar os olhos d'aquelle homem singular, e na minha alma infantil ficou gravada por muito tempo a sua imagem como uma cousa extraordinaria!

Tal é o poder do genio.

II

Todos os oradores, sobre as notas dos tachigraphos, reconstroem os discursos, corregindo, arredondando os periodos, limando as asperesas e imperfeições proprias da improvisação; n'uma palavra, sem alterar o fundo aprimoram a fórma, condição impreterivel de toda a obra de arte.

Emilio Castellar, o repentista mais correcto que tenho conhecido, não deixa de ver, com a maxima attenção, e de tocar com todo o esmero, qualquer dos seus discursos. Raras maravilhas são as da sua extraordinaria memoria. Cas-

tellar improvisa um discurso; mezes depois dita-o, quasi na intrega, ao seu secretario.

Garrett punha os maiores desvelos na redacção das orações improvisadas ou estudadas. José Estevão só por milagre votava uma hora para recompor discurso que proferisse. Os tachigraphos, que raras vezes podem ser perfeitos, eram imperfeitissimos com elle, porque sabiam que não dava importancia ás notas, e porque muitas vezes tambem se embellesavam com os arrojos d'aquella palavra.

D'aqui resultou uma triste cousa.

Quando se busca a estatura do homem nas suas obras—não se encontra. A geração, que ouvindo os eccos de tantas glorias for correr os «Diarios das camaras», ficará espantada com ver espolio tão mesquinho legado por tamanha riqueza.

Quando o redactor do «Diario da camara», tão illustrado e distincto nas letttras como é o meu querido amigo Xavier Rodrigues Cordeiro, por amor da arte e do nome de José Estevão o procurava para que lhe reconstruisse um periodo ou lhe completasse uma imagem, havia scena. Na ultima tive eu de intervir. Foi no discurso sobre o ensino. José Estevão tinha tido um momento felicissimo, descrevendo a creança e apontando o modo por que certas idéas e sentimentos influidos n'um cerebro e coração tenros podem pesar no destino do homem. Es-

capára o primoroso trecho por inteiro. O poeta da «Doida de Albano» procurou José Estevão. José Estevão indignou-se; Xavier Cordeiro — cousa rarissima n'elle! — enfureceu-se tambem, e d'essa vez o cordeiro tornou-se em leão. Queria o periodo por honra do seu nome, da camara, da patria, e principalmente por amor da arte. José Estevão, começando já a arrancar os raros cabellos, declarava, furioso, que se não lembrava do que dissera, mas que estava certo que não dissera senão phrases, que phrases não valiam nada, e que elle cedia a beneficio do inventario todas as glorias que lhe podessem advir do maldito discurso, declarando, em epilogo, que queria jantar, e que nós jantassemos tambem com elle, para comermos uns frangos de raça ingleza preparados por modo especial.

Eu accudi ao conflicto e aos frangos. Tinha ouvido o discurso; n'esse tempo possuia ainda excellente memoria; havia-me na verdade feito grande impressão o relanso oratorio e reconstrui, principalmente na idéa, o que José Estevão tinha proferido.

No dia seguinte, encontrando-me no Chiado, disse-me:

— «Rapaz, muido obrigado; nunca me vi tão bem vestido: puzeste-me de casaca de lemiste.»

Foi n'essa mesma sessão de 1862 — ultima em que soltou a voz na tribuna! — que José Estevão teve uma saida, que é nada, que é uma

ninharia, mas onde se encontra o cunho vivo da originalidade d'aquelle caracter.

Certo deputado, replecto de sua gloria coimbrã, fez um áparte mordaz a José Estevão. Este, com um bote de revés, estendeu-o na palestra.

O «doutor de capello» levantou-se cambaleando, e não sabendo para onde appellar, contentou-se em abrir desmesuradamente a bôca, proferindo um estiradissimo ahh!...

José Estevão retrocou:

—«Ahh!... A exclamação mais alvar que tem a lingua portugueza».

Na conversação familiar ninguem o excedia.

Estou em dizer que em nada era tão grande aquelle homem como n'isso.

Um dia, n'um grande jantar, contou-nos elle como se tinha achado orador e do espanto em que ficára quando se vira applaudido e proclamado tal.

José Estevão ía discorrendo com a naturalidade do homem do campo, que em volta do braseiro ou ao pé da lareira narra aos filhos, á mulher, a dois amigos intimos alguns lances da sua vida.

Em dois traços—José Estevão tinha um grande talento descriptivo—pintou-nos a sua Aveiro, com a ria, as lagunas, as mulheres, que têm os olhos negros como as andaluzas e a morbidez, um pouco oriental, das venesianas.

Depois debuchou, de recordação e á luz da saudade, o retrato venerando do pae, que adorava, o lar domestico, a primeira emigração, as estreitezas e amarguras do exilio, elevando-se gradualmente ás scenas do campo da batalha e ás luctas giganteas que se davam nos parlamentos de outras épocas.

Eu, que o ouvi e admirei mil vezes, nunca o achei tamanho como na simplesa d'aquella conversação entre amigos.

III

Correndo, ha poucos dias, o *Diario das camaras,* onde apparecem os ultimos discursos de José Estevão: aquelle em que se separou do partido regenerador, o proferido sobre a morte de D. Pedro V, o das «irmãs da caridade», e finalmente o do ensino,—senti uma impressão singular,—com relação ao que eu ouvira: aquillo era uma lastima! Da sua primeira época, antes da segunda emigração, ainda ha dois ou tres discursos e alguns trechos que podem dar idéas, embora imperfeitas, do que valia aquella voz na tribuna.

O orador em todo o caso deve de ser ouvido; a oração da «Corôa» é uma maravilha que tem resistido aos seculos, mas Esquines, fallando aos discipulos sobre o seu rival triumphador,

dizia que era preciso ouvir Desmostenes bramindo como o mar enfurecido, para admirar o monstro.

Ha muitos annos, nós, os rapazes de então, demos um grande jantar no Mata a. Herculano.

Em certo ponto do jantar, Herculano propoz um brinde a José Estevão como primeiro orador de Portugal.

Motivando a saude, narrou a impressão que sentira ouvindo José Estevão na sessão de 11 de agosto de 1840.

Situação terrivel!

O partido progressista, de que era tribuno José Estevão, tinha sido, na vespera, apanhado com as armas na mão, arrombando as portas dos arsenaes, com o «ariete de bronze», de que fallou Garrett no seu soberbo discurso; o sangue corrêra pelas ruas e praças da capital; n'uma palavra, o attentado contra a ordem e contra as instituições fôra tremendo!

A sessão prolongára-se até quasi á noite.

A anciedade pintava-se calramente nos semblantes dos deputados, que representavam o partido que assolára a capital com a revolução da vespera.

A «deusa da ordem», velando o semblante grave, parecia pairar por sobre a maioria, inspirando-a no odio e na indignação da demagogia desatinada e terrivel.

O governo vinha pedir á camara a suspensão de garantias.

A suspensão, n'esse tempo, significava o homisio, quando não o desterro. Rodrigo da Fonseca Magalhães era o ministro do reino.

O relator da commissão, nomeada para dar parecer sobre a suspensão, era João Baptista de Almeida Garrett, auctoridade que se impunha á camara em peso, com o seu grande nome de escriptor e orador.

Caía a noite quando a commissão entrou na sala. A anciedade crescia nos deputados da esquerda. Não havia um fio de esperança. Como soltar a voz, aventurar um brado n'aquella situação de inferno em que o partido progressista se havia collocado?

Renegar a revolução não podia; acceital-a era protestar contra os principios, contra as instituições e contra a sua propria posição dentro d'aquella casa.

A commissão seguiu com ar solemne e passo tardio até ao centro da camara. Garrett tinha no rosto a expressão severa de Cicero na hora suprema de julgar a conjuração de Catilina.

Que voz audaz ousaria erguer-se em tal momento para defender a conspiração e os conspirados?

O silencio, percursor das grandes tormentas, reinou na camara.

De repente viu-se a figura de José Estevão

erguer-se, não timida e perplexa como réu diante do juiz inexoravel, mas erecta, firme, inspirada, como a do apostolo que, em presença da condemnação imminente, desafia a colera dos seus julgadores, e, convicto de seus principios, repete com ardor o «credo» da sua religião, mais ufano de colher as palmas do martyrio diante da grandeza da morte do que os laureis da gloria em presença das vaidades da vida!

Os cabellos em desordem, o rosto bello e varonil, pallido de tantas commoções e tantas vigilias, o braço erguido, parecia aquelle homem que tinha o idolo levantado sobre a espadua, como a sibyla! Nos olhos os relampagos da colera divina, nos labios tremulos o sopro da deusa que o inspirava—a liberdade!

Apontando para os seus adversarios rompeu o discurso por estas palavras:

—«Entrou o prestito lugubre e traz debaixo das togas o decreto da morte. Poucos momentos de vida restam á victima; em breve sobre o seu cadaver levantará um throno a tyrannia, mas tyrannia que será funesta a quem a lembrou, funesta a quem a proteger, funesta a quem tiver de a exercitar.»

Quem o ouviu, e estão ainda vivos alguns, entre elles A. Herculano, affirmam que é indiscriptivel o effeito d'aquella voz e a magia d'aquella palavra!

A escuma em frocos cobria-lhe o bigode e

salpicava-lhe a barba. Assim o corsel arabe, na impaciencia marcial, morde o freio escumante ao ouvir o clarim da batalha!

A impressão nos proprios adversarios era tal, que a maioria hesitou em dar o voto ao governo.

Foi preciso que João Baptista de Almeida Garrett se levantasse, pronunciando o melhor discurso da sua vida, para vencer aquelle moço de vinte e nove annos, que fizera os seus estudos pelos albergues da emigração e tomára notas sobre o tambor vibrante ainda de rufar á carga.

No congresso de 1837, apenas saido da adolescencia, José Estevão, fallando da juventude, exclamava, cheio de enthusiasmo[1]:

« Pertenço á seita da mocidade e glorio-me de pertencer a ella, — a essa seita que se soccorre sem se communicar e se communica sem se corresponder, a essa seita cujos symbolos são os proprios signaes da juventude, cujos

[1] O fragmento d'este discurso vem transcripto no livro que o meu querido amigo, Freitas Oliveira, dedicou á memoria de José Estevão. Este livro, que n'algumas paragens se resente da grande precipitação com que foi escripto, tem rasgos de verdadeiro talento e revela a par do engenho a nobre e reconhecida alma do auctor.

Freitas de Oliveira tenciona fazer uma segunda edição d'esta obra, cortando-a n'alguns pontos, corrigindo-a e amplificando-a n'outros.

estatutos são os puros sentimentos da natureza, seita a que a Europa deve tudo que tem de grandeza, de civilisação e de liberdade, seita cujos principios eu defenderei sempre, mesmo depois das cãs me alvejarem na cabeça. E n'este momento irei buscar a coragem necessaria, para sair da perigosa situação em que me acho, á minha propria convicção e só a ella!»

A «ordem» concertada, sisuda, prudente, a ordem que se banqueteia, dando opimas glorias a seu rotundo ventre com as conquistas do progresso, receiosa do ardor e dos movimentos juvenis da liberdade entre nós, ás suas aspirações, ás suas luzes, aos seus impetos beneficos respondia com as cabeças dos reis que tinha rolado dos patibulos, com a immunidade de seus verdugos, com os delirios da demagogia e horrores da anarchia, encolhendo o pescoço nedio para dentro do capuz do frade, murmurando, com beatifico terror, as datas nefastas de 21 de janeiro e de 10 de agosto, persignandose ao proferir as palavras «convenção», «guilhotina», «93!», esconjurando, com as suas orações e exorcismos, os nomes de Danton, de Marat, de Robespierre, porque fizeram rolar dez mil cabeças no patibulo, abençoando Bonaparte, que esmagou debaixo das patas do seu cavallo dois milhões de homens; n'uma palavra, era a ordem de todos os tempos e de todas as circumstancias, que para fazer a digestão de suas

virtudes, nos enredos politicos e na camara, picava o animo prompto de José Estevão.

O grande tribuno dizia-lhe:

«Tambem se nos citou aqui a morte de Carlos I e de Luiz XVI. — Senhor presidente: Os dias em que uma nação se constitue são os dias de noivado entre o throno e essa nação; e será cortez aguar o prazer do festim com as narrativas funebres e salpicar com sangue as galas dos convidados? Quando nós vamos lançar sobre o joven throno as flores da boda, para que é mistural-as com os ciprestes da morte? A nossa rua do parlamento, a nossa praça de revolução, é esta sala; e aqui discutem-se muito maduramente os direitos da corôa e do povo, e não se cortam cabeças de reis.

«Os Robespierres e os Marats!!...

«Muitas vezes, reflectindo eu sobre a sorte dos povos, tenho dito comigo:

«Estes homens fizeram peior á liberdade com os seus nomes do que com os seus crimes.

«E com effeito, os seus crimes passaram, o tempo tem-lhe desvanecido os effeitos, são — permitta-se o plebeismo da phrase — os «papões» da liberdade com que se intimida o povo e se incutem receios no progresso.»

No seu admiravel discurso de 6 de fevereiro de 1840, um dos poucos que foi revisto pelo auctor, que se publicou em folheto, e que é hoje

rarissimo, José Estevão, referindo-se á «ordem», á sua predilecta amiga, dizia:

«Ha tumultos? onde estão elles entre nós, hoje que Portugal é o paiz mais socegado da Europa?—Tumultua-se actualmente em França por politica, por fome e por interesses commerciaes; tumultua-se em Inglaterra por politica, por fome e por interesses commerciaes; tumultua-se na Prussia por motivos religiosos, no Hannover para sustentar a constituição, na Hollanda para demittir o ministerio, em Hespanha para vencer eleições, e até, segundo parece, se tumultua na Russia: d'ali foram desterrados trezentos officiaes para a Siberia, e certamente não lhe mandaram fazer aquella viagem porque estivessem socegados.

«Quando tanto se apregôa a «ordem» é preciso satisfazer as suas primeiras condições, a «verdade» e a «discripção»; e é certamente contra os seus dictames propalar systemas imaginarios, fazer promessas impossiveis e acender esperanças vãs. Tumultos só os não haverá quando todo o paiz estiver como está hoje Palmira. Então ouvir-se-hão sómente através do silencio das ruinas as passadas de algum viajante «ordeiro», que venha contemplar n'ellas a perfectibilidade do seu systema!

«O mesmo illustre deputado, frenetico contra este estado, lançou sobre nossos vestidos, gota a gota, todo o sangue dos assassinatos que se

têm commettido em Portugal depois da restauração.

«Senhor presidente: Foram os ministros da carta quem depois da convenção de Evora Monte consentiram que o punhal das facções andasse solto pelas ruas da capital, vingando odios e malquerenças passadas, que os moribundos viessem arrastando-se dar o ultimo arranco na sua presença,. e não sei mesmo se com as rodas das suas berlindas pisaram algumas vezes os cadaveres dos infelizes que deixaram assassinar!

«Este punhal devastador passou da capital para as provincias, e das mãos dos fanaticos politicos para as dos salteadores faccinorosos. Penetrou as nossas mais pequenas povoações, infestou todas as nossas estradas e semeiou por toda a parte os seus horrorosos estragos.

«Isto são factos!

«O assassinato começou em Portugal por fanatismo politico, alentou-se por desleixo, continuou pelo exemplo e generalisou-se por necessidade... por necessidade sim...

«Senhor presidente: A lei mais imprudente, mais iniqua, mais atroz e provocante, a lei das indemnisações, levantou esperanças enganosas, suscitou pretenções esquecidas, sanccionou exigencias indiscretas, distrahiu dos mesteres o laborioso artista, o pequeno commerciante, o proprietario de poucos teres, com a espectativa de

promettidas delicias, com a mira dos prejuizos resarcidos.

«A illusão dissipou-se, e os homens illudidos, tendo perdido o habito do trabalho, entregam-se ás violencias, para haverem aquillo que a lei lhes tinha promettido, e cuja recusa reputaram depois um roubo, que lhe dava direito a outro roubo.

«A lei das indemnisações espalhou no paiz mais de tres mil punhaes e perdeu muito cidadão util e honesto! Recaia pois a culpa d'esses assassinios sobre quem promulgou essa lei.

«Senhor presidente: Desculpe a camara a minha excessiva exaltação; o illustre deputado a quem respondo teve-a por honra e credito do systema monarchico-representativo, e eu tenho-a pela honra e credito d'este lado da camara, que não valerá tanto como o systema monarchico-representativo, mas que a nossos olhos vale a innocencia de um partido.»

José Estevão—respondendo a Derramado, que defendia a ordem com tanta vehemencia como um tribuno da plebe defenderia, em certos casos, a anarchia, dizia-lhe no mesmo discurso:

«Tambem se disse em tom de grande argumento—«Que as nossas terras pequenas se achavam em estado de barbaridade feudal.» — Mas quem não sabe que nas divisões territoriaes de um paiz se acham representadas todas as

épocas de progresso social, e que esta barbaridade das aldeias é a rectaguarda da civilisação antiga, que ainda se não pôde desalojar de todo do campo da civilisação moderna? Na Bretanha ha povoações muito menos civilisadas do que as nossas, gente mais fanatica, menos tratavel, de costumes mais asperos; os emigrados que o digam!

«E o que se observa na Irlanda, governada por esse regimen de ordem barbara, que tanto se nos recommenda e se deseja plantar entre nós?

«Os seus camponezes são mais brutaes e miseraveis que os nossos.

«Para descrever o caracter de um paiz é preciso avaliar todas as suas acções, é preciso julgal-as conjuntamente, n'uma palavra, é preciso não fazer a um povo a injustiça que um individuo não supportaria. Qual será o homem, por mais respeitavel e austero, a quem se não possam irrogar graves censuras se se tomar isoladamente uma acção da sua vida para o caracterisar? O paiz é que quer ser livre, e ha de sel-o; nossas esperanças invenciveis de liberdade já não murcham nem podem murchar e hão de rebentar de entre todos os sortilegios ordeiros e sophismas doutrinarios.»

Derramado atalhou: «E contra todos os sortilegios anarchicos.»

«Hão de rebentar de entre esses sortilegios e sophismas para perdoar no dia do triumpho a

tantas esperanças dignas de compaixão, a tantos projectos loucamente concebidos.»

Depois o moço inspirado, o moço de vinte e sete annos, recrescendo no fogo da sua paixão, dizia áquelles juizes togados, que afagavam a «ordem» no seu regaço:

«Veiu a carta, e a carta foi baptisada n'um rio de sangue; a carta esteve exilada, e durante o exilio correu sangue por ella; voltou a nossas praias e de lá um jorro de sangne a trouxe á capital e a firmou no poder, e com ella na cabeça da rainha, uma corôa levantada do pó da tyrannia até essa augusta fronte em um montão de cadaveres portuguezes.

«Esta grande obra foi nacional; nenhuma das fracções de homens que por differentes modos soffreu pela liberdade póde arrogar-se a gloria exclusiva de a ter executado.

«Não foram sete ou oito mil emigrados, intrigando-se por palavras e por escripto, dando e tirando corôas,—fazendo e desfazendo republicas—os que fizeram esta grande obra. Para ella concorreram em grande parte os homens que gemeram nas prisões e que protestavam ali a todo o instante contra os horrores da tyrannia, mostrando n'esses arriscados transes mais coragem do que era preciso desenvolver nos bailes da França e nos pasmatorios de Plymouth. Sim, foram esses corajosos martyres, que conservaram no meio dos furores do despotismo

aquelle fogo sagrado da liberdade, que nunca se apagou no paiz e que nunca se ha de apagar a despeito d'esta nevoa de cinza ordeira com que a pretendem cobrir: foram as auctoridades, que recebendo a missão do tyranno, a procuraram exercitar com doçura, sacrificio ás vezes mais arriscado do que os perigos, que se correm em empunhar uma espada, porque elle lhe pendurava sobre a cabeça o cutello da vingança, e a todos os momentos os podia castigar da sua frouxidão: foram aquelles que promoveram as communicações, conservaram as esperanças, animaram os tibios, protegeram as emigrações, armaram os soldados e abriram as portas das povoações ao «exercito libertador», que sem este soccorro teria de ver acabar o curso das suas victorias diante dos frageis muros de algumas cidades, foram finalmente os sessenta mil soldados tirados pela maior parte das classes que se pretendem agora excluir da urna.»

N'este ponto o conde da Taipa, que tinha pela liberdade e pela democracia o amor que ordinariamente devota a taes principios um fidalgo de velha rocha, interrompeu-o, dizendo:

—«Tudo se deve á classe media.»

José Estevão respondeu:

—«A classe media estava nos estados maiores, estava nos commandos, estava nos commissariados, estava na parte philosophica da expe-

dição, estava empregada na grande corretagem politica. Não só é exacto, segundo disse o senhor ministro do reino, que não faz mais serviços á liberdade aquelle que primeiro acode ao sino, que sua excellencia lá pintou pendurado no templo d'essa deusa,—a imagem fica por sua conta,—mas até é preciso assistir a todas as ceremonias do seu culto, a todas as suas orações, á resa da vespera, á resa de ámanhã, sujeitar-se ao seu regimen austero, até mesmo aos seus jejuns; porque a liberdade tambem tem jejuns, e alguns ha que tem jejuado bem pouco com ella!...»

Defendendo o partido progressista, José Estevão, n'este memoravel discurso, exclamava cada vez com mais vehemencia:

—«A carta foi uma mentira; não realisou nenhuma das condições do systema representativo; ninguem póde contestar esta verdade, sanccionada pelos factos e sellada pelo sangue: é ao menos uma conquista da revolução o silencio significativo d'aquelle lado da camara.

«A carta foi pois uma mentira; o poder que ella tinha levantado destruiu-se; uma nova constituição foi proclamada; essa constituição recebeu, depois de modificada, a sancção do throno, recebeu a sancção de todo o paiz; a revolução que a produziu, atravessou por meio das facções, das intrigas estrangeiras, da guerra, reunindo sempre todas as condições do poder

para triumphar e todos os predicados da liberdade para não opprimir.»

Uma voz:

—Opprimiu!

O orador:

«Opprimiu! Ah! senhores, ah! que se as scenas agora se voltassem, quem, passado pouco tempo, poderia comparar, sem pejo, o quadro das oppressões revolucionarias com as que havia de commetter uma restauração, se tivessemos a desventura de a presencear?...

....

Affirmando que os principios progressistas estavam definitivamente radicados em Portugal. proseguia dizendo:

«Durante esta quadra revolucionaria, em que as forças de todo o partido liberal se dividiam e combatiam, como se apresentou diante do paiz o partido absolutista?

«O canhão do despotismo retumbou sempre nas serranias do Algarve, o inimigo da nação visinha chegou até ás portas de Alcantara; a fé dos tratados exigiu que um exercito marchasse a soccorrer os irmãos da Hespanha, e as quinas portuguezas appareceram na batalha de Alvalan, cujo digno chefe creiu que me está ouvindo.»

Era o general Cordova, que estava na tribuna diplomatica.

«Este paiz póde pois luctar com todas as dif-

ficuldades de uma nova organisação politica; este paiz pôde passar de instituições para instituições e de homens para homens; este paiz venceu facções dentro do seu territorio: segurou suas fronteiras, viu seus filhos combaterem no territorio visinho, e resistiu a um cardume de conspirações, que faziam tremer a politica franceza; este paiz finalmente triumphou de tudo isto sem dar um suspiro de lembrança, um ai de saudade pelo absolutismo, e é, todavia, este paiz «que não tem força para ser livre», é este paiz «que aborrece o progresso. É este paiz barbaro e feudal!!!»

Quantos relanços magnificos, em todos os generos, se não podiam tirar d'este discurso, que o auctor, fóra dos seus habitos, parece ter revisto com certo esmero.

Nos primeiros dias de liberdade nascente, e já combatida pelos proprios que a tinham abraçado ao escapar-se do latego dos mandões, como era distincta e grandiosa a figura d'aquelle rapaz defendendo, com o brilhantissimo colorido da sua palavra, o fogo da sua indignação, e mais do que tudo com a sinceridade da suas crenças, os principios da democracia sob a fórma por que se podiam acceitar n'aquella época!

José Estevão teve por muitas vezes de modificar opiniões, de tornear idéas, de acceitar certos elementos contrarios á indole do seu

caracter politico, porque esta é uma condição fatal de todos os homens publicos; mas no fundo estava o espirito prompto a acceitar, em nome do progresso, da civilisação e da humanidade, quantas idéas largas podesse trazer a evolução social lenta, em muitos periodos, laborando ás vezes tanto nas sombras, que raros são os olhos que a podem ver, mas constante e fatal como a transformação da materia na vida do universo.

Nada faltava áquelle moço de vinte e sete annos! O amor sorria-lhe nos olhos e nos labios das mais encantadoras mulheres. Á sua voz rebentavam milhares de palmas; tinha o porte gentil e a mais formosa cabeça que a arte póde conceber.

Cercava-o o prestigio do valor, de que dera provas inconcussas no campo da batalha. Pelas suas aventuras, pelo seu genio, pelos seus revezes por esse mundo, José Estevão parecia ter em volta de si certo ambiente poetico em que a nossa imaginação envolve os heroes legendarios!

A propriedade e felicidade de epithetos, aliada á promptidão e facundia de bons ditos — era pasmosa.

Eu fui algumas vezes victima.

Certa occasião fazia José Estevão parte do jury no concurso do Curso superior de letras, e eu e todos nós tinhamos levado uma inaudi-

ta massada com a prelecção de um concorrente.

O candidato, durante a hora, não tocara, nem por sombras, no assumpto do ponto.

Quando o jury se levantou, voltei-me para os que faziam parte d'elle exclamando indignado:

— «Porque não cortaram as divagações d'aquelle pedante, obrigando-o a restringir-se ao ponto?»

José Estevão passando-me a mão pela pera, então lusidia e negra, disse-me:

—«Olha, rapaz, isso fez-se uma vez, mas foi na Turquia!»

Riram todos a bandeiras despregadas e até eu — com ser a victima!

Nas mais pequenas cousas transparecia o engenho e facilidade com que o grande homem moldava o pensamento na palavra propria e elegante.

As ultimas que proferiu, horas antes de morrer, são mais uma prova.

O doutor Thomás de Carvalho, que o arrancara dos braços da morte havia dez annos, vendo, com os seus olhos perspicacissimos, a gravidade da crise repentina, disse que era preciso chamar-se o doutor Barral.

Posto Thomás de Carvalho fallasse baixo e a distancia do enfermo, José Estevão ouviu e perguntou, com voz ainda natural:

—«Ó Thomás, então já precisas de contramestre ao leme?!»

Com esta phrase costumavam os nossos velhos maritimos pintar uma tormenta de folga e alivia.

IV

Vou reatar o fio da vida politica de José Estevão, fio que parti com os episodios, que me saltaram dos bicos da penna.

Veiu a segunda emigração, depois do cerco de Almeida.

José Estevão voltou a França.

Passados dois annos (1846), levantava-se o Minho aos brados da liberdade, com o Minho o paiz inteiro, e caia o governo favorito da rainha, governo pessoal e protervo, que infamou esta terra durante alguns annos com o nome obsceno de «governo dos Cabraes».

José Estevão, pela segunda vez, ouvia no exilio a voz da patria cantando hosannas de alforria. Correu a ella.

Varias vezes me disse:

—«Rapaz, tenho vivido muitos seculos: houve dois dias millenarios na minha vida. O primeiro foi quando entrei no Porto depois do desembarque do Mindello, e, vindo debaixo de fórma, descobri, entre o povo, meu pae, de quem

não sabia havia annos, que julgava morto, e abraçando-me n'elle, lhe disse:

—«Pae, se te fiz offensas, estão redimidas com o meu amor, foram resgatadas com as saudades que tive tuas!»

«Chorei então umas lagrimas das ineffaveis delicias que só se conhecem nas grandes desgraças ou nas grandes alegrias.

«O outro foi na volta da segunda emigração, quando cheguei á barra e vi surgir das aguas esta Lisboa, que nós descompomos todos os dias».

Quando rebentou a revolução do Minho tinha eu justamente dezeseis annos. N'esse tempo, aos dezeseis annos, não parecia ainda ridiculo o enthusiasmo, nem Julieta se dava como equivalente da mulher perdida.

O enthusiasmo e o amor da mulher, elevado a um culto, eram uma cousa santa. Desconfio, apesar de tudo, que ainda o é e continuará a ser para toda a gente, que é gente.

N'aquella idade, e por muitos annos, eu amei cegamente as letras. Cegueira foi, e a mais fatal de todas as cegueiras da minha vida! Conheci-o quando já não era tempo, nem havia remedio que lhe dar.

Para mim, os nomes dos nossos notaveis escriptores eram como para um beato bem fanatico os santos bemditos da sua paixão.

Apresentaram-me a José Estevão, assim que

elle chegou. Tinha então o bravo academico da Serra do Pilar trinta e sete annos.

D'aquella vez, o vento desabrido do exilio deixara-lhe impressões mais fundas na physionomia. Uma ruga horisontal cortava-lhe a testa espaçosa.

A acção do pensamento, contraíndo-lhe os musculos entre as sobrancelhas, cavara-lhe um sulco perpendicular, que lhe dava ao semblante expressão mais reflexiva. No olhar o mesmo ardor, mas, ordinariamente, menos scintillação. O cabello farto e annellado tinha caído todo na parte superior da cabeça. As fórmas flexiveis do moço saíndo apenas da adolescencia tinham-se robustecido e firmado mais no homem feito.

Intellectualmente possuia os mesmos dotes, melhorados pela experiencia, estudo, meditação no trato dos livros, dos homens e das cousas, n'aquella estada em França, na época de maior movimento litterario e economico d'esse grande paiz.

Moralmente era o mesmo homem: os mesmos impetos, arrebatamentos, reviramentos subitos; raridades, enthusiasmos, desalentos passageiros; alegrias e desesperos imprevistos; puerilidades reunidas aos mais altos e serios pensamentos que podem rebentar no cerebro da creatura humana.

Pouco mais de dois annos tinham bastado para que José Estevão viesse encontrar na pa-

tria um grupo de escriptores novos. Eram poetas como João de Lemos e Palmeirim, prosadores como Rebello da Silva e Lopes de Mendonça.

O tribuno do povo defrontou um dia com o auctor das Memorias de um doido. Na bella physionomia do moço, desamparado de meios e desconhecido na sociedade, descobriu José Estevão a grande cabeça e nobre coração do homem com quem havia de viver tão intimamente ligado, até á hora funebre em que as sombras da loucura vieram enturvar a luz intellectual d'aquelle gentil espirito.

O governo da liberdade, que rebentara com as rosas da primavera de 1846, tambem como as rosas teve uma vida ephemera. Nos primeiros dias do outono, o paço, com os seus sicarios predilectos, teceu a conspiração nas sombras e conseguiu afogal-o.

O respeito pelas sepulturas, com relação á historia, não passa de uma pieguice.

O que dorme no tumulo,—quer seja de hontem, quer seja de ha dois mil annos,—tem de ser julgado com a maior imparcialidade. Creiu que ninguem terá o mais leve escrupulo em chamar monstros a Tiberio ou a Domiciano, a Caligula ou a Nero. Tambem estão enterrados,—e ha dezoito seculos!

Para personagens que aspiram á posteridade, o cipreste, o obelisco, o cemiterio sagrado,

—são palavras e nada mais. Todos os reis pertencem á historia, hão de ser julgados por ella: é uma regalia, uma gloria, alem de tantas!

A rainha, a senhora D. Maria II, tão merecidamente denominada a «Virtuosa» como mãe e como consorte, como rainha teve grandes fraquezas e gravissimos erros.

A corôa, que atravez de rios caudaes de sangue lograram firmar-lhe na cabeça os heroicos aventureiros da Villa da Praia, da Ladeira da Velha e do Mindello, procurou, não raro, convertel-a na corôa de ferro do despotismo. Um allemão, refalsadamente hypocrita, representante da flor do ultramontanismo, foi escolhido para educar o espirito e o coração dos jovens principes. Durante muitos annos clamou o partido liberal contra o affrontoso escandalo, e só depois de renhidas luctas conseguiu espungir do seio dos infantes, filhos legitimos da liberdade, o pedagogo reaccionario.

Dietz era o padre Claret de Portugal. A corôa, sob a palavra «ordem»,—manto hypocrita de todas as tyrannias,—agarrou-se a um governo pessoal e despotico, alem de concussionario. Depois de Almeida, o demagogo dos Camillos, cobrindo-se com a purpura de cortezão, perseguia, em massa, todos os liberaes d'esta terra. A cabeça de José Estevão foi posta a preço.

Dois contos de réis se davam por ella. Os proprios sicarios entenderam que valia mais, e dei-

xaram-na ficar sobre os hombros do grande tribuno!

O paiz jazia n'um marasmo, que parecia precursor da morte, em relação a todos os melhoramentos materiaes e moraes. Nem uma escola, nem um palmo de estrada! O suffragio exercia-se na urna á voz dos legionarios, de terçado na mão e bayoneta calada. A imprensa com o sêllo do silencio na bôca.

O paço applaudia.

A manhã de 6 de outubro appareceu annuviada: prolongava as sombras d'aquella noite, em que a corôa, filha primogenita da liberdade, se convertera em matricida.

O duque de Palmella, liberal moderado, porém sincero, preso no paço á voz da rainha. No castello um Judas de Karioth, vendido por menos de trinta dinheiros, traindo o seu partido!

O resto da guarnição no Terreiro do Paço. José Estevão, que, felizmente, estava na Outra Banda com Cesar de Vasconcellos, conseguiu escapar-se.

O Porto sublevou-se a favor do partido progressista. Este partido deitou mão do duque da Terceira, metteu-o na cadeia, e principiou a operar em nome da Junta.

Passados poucos dias, todo o paiz estava em armas.

Ninguem ignora o desfecho da lucta. Não foi *a espada do duque* de Saldanha, deslustrada pe-

la miseravel victoria de Torres Vedras, que lhe poz termo: foi a intervenção estrangeira.

José Estevão, como que obedecendo ao influxo da sua estrella, voltava do exilio para o campo da batalha.

Por isso, quando a sua voz, nos rasgos do improviso, proferia a palavra «liberdade», tinha vibrações que arrebatavam!

Nos principios do verão de 1848, quando em França a republica decretava a abolição da pena de morte pela bôca sagrada de Lamartine, no Hotel de Ville, em Lisboa o governo cabralista inventava a conspiração das viboras e mettia no Limoeiro Manoel de Jesus Coelho, Mendes Leite, Nazareth, etc.

Oliveira Marreca, o grande e austero liberal, com José Estevão, tiveram que esconder-se.

Foram esses dos dias mais amargos para José Estevão.

Mil vezes me disse:

—«Prefiro as privações ao ar livre a todas as abastanças d'este mundo, vendo-me clausurado.»

Quando mãos, que partiam de corações dedicados, descobrindo o seu retiro, lhe mandavam uma lembrança, um mimo, muitas vezes anonymos, suffocavam-no as lagrimas, por não poder beijar, á luz do sol, essas mãos solicitas e dadivosas.

Durante muito tempo o seu companheiro foi um *padre*,—pobre cabeça, optimo coração, que

tinha por José Estevão o amor sem limites, que o cão fiel devota ao dono que estremece.

Os homens superiores tem notavel predilecção pelos espiritos ingenuos, embora sem illustração e sem talentos. Apraz-lhes aquelle contraste. José Estevão, no meio das maiores agitações politicas, deliciava-se em gostar as simplezas e alegre bonhomia do padre Antonio.

— «Se não fosse este padre, dizia-me elle, tinha rebentado quando estive escondido.»

Nos dias em que o governo apertava de vigilancia, era preciso, ás vezes, mudar de paragem. Então José Estevão via-se forçado a fallar muito pouco e muito baixo, para se não denunciar á visinhança.

Era um martyrio! Aquelle martyrio levava-o a romper no excesso de sair de noite, com perigo de ser descoberto, apesar do disfarce, em que o admiravel orador era mediocremente geitoso.

Quando sentia abafar o coração no peito, saía. O padre, depois de algumas observações timidas e solicitas, acompanhava-o. Atravessavam a cidade em silencio. Chegando ao campo,—ordinariamente Campolide ou Monsanto, José Estevão, vendo-se livre, respirava a grandes tragos o ar lavado dos montes, e voltando-se para o padre Antonio, exclamava:

— «Padre, já posso fallar!»

E fallava por mais de uma hora, n'um dis-

curso magnifico, como se estivesse no parlamento, ou diante do povo agitado, ou em presença dos seus companheiros d'armas!

Padre Antonio não entendia, mas contemplava a figura do seu dilecto amigo, ouvia-lhe a voz apaixonada, sentia as palavras—liberdade, igualdade, fraternidade, humanidade—e desatava a chorar!

José Estevão tambem se commovia; abraçava-se no padre, apertava-o de encontro ao coração, e chamava-lhe:

—«Meu querido amigo!»

O padre ficava como um rei!

Certa noite, umas embaidoras iscas de figado iam sendo a perdição de José Estevão.

Eram cerca das onze. Passavam por detraz de S. Domingos, em frente de uma taberna que já tinha a porta meio fechada. Saía de lá aquelle aroma, que parece provir de segredo exclusivo dos Vateis de Compostella.

—«Padre, não lhes resisto, disse em voz baixa José Estevão, não lhes resisto: vae-me ás iscas. Eu espero á esquina.»

O padre foi como um raio.

Quando voltava, com um pão aberto ao meio, as iscas no centro, em fórma de sandwich enorme, e uma garrafa de vinho na algibeira opposta á do breviario, José Estevão agitou a cabeça n'um movimento de jubilo, e os oculos verdes, de que vinha armado, descavalgaram do nariz

com o solavanco e foram ao chão. José Estevão baixou-se para os levantar, e, no momento em que se erguia, um vulto que passava disse-lhe quasi ao ouvido.

—«José Estevão, cuidado! olhe que póde ser visto por outro.»

José Estevão estendeu o braço e apertou, em silencio, a mão do homem.

Tinha-o conhecido. Era um agente da policia.

Passados annos, pagou-lhe a fineza.

Uma fatalidade collocara em situação apertadissima aquelle homem. Precisavam-se duzentos e sessenta mil réis no praso de vinte e quatro horas.

José Estevão, apesar de pobre, arranjou a somma.

Soube-se do caso, porque o beneficiado, agradecido, não teve mão em si, e disse-o a algumas pessoas, d'entre as quaes uma fui eu.

V

Com a Regeneração, principiaram os ultimos e brilhantissimos dez annos da vida de José Estevão.

O paiz surgia da somnolencia morbida e aviltante.

Como a bordo da náo nas grandes manobras, a faina era geral.

Rodrigo da Fonseca, com o seu systema politico, diluia os partidos.

Deu isso gravissimos resultados, e José Estevão foi o primeiro que os viu, e caiu em si!

O ministro do reino captava e punha de seu lado todos ou quasi todos os moços de talento. Nascera para captar aquelle elevado e agudissimo engenho!

O paiz desbravava-se. A charneca, na admiravel phrase de A. Herculano nas suas ultimas cartas sobre a emigração, fugia para o horisonte. Onde era a forca, symbolo hediondo do despotismo, assentavam-se os primeiros carrís de ferro portuguezes. Faziam-se estradas, levantavam-se postes do fio electrico, estabelecia-se a mala-posta, resgatavamo-nos finalmente aos olhos da Europa, do opprobrio a que nos reduzira a tenacidade proterva do paço.

José Estevão era a alma do parlamento. Uma idéa nova, um rasgo audaz, um melhoramento atrevido tinha n'aquella voz o seu missionario e o seu ministro.

Depois de uma enfermidade, que o poz ás portas da morte, appareceu rejuvenescido e florente como a primavera depois de inverno caudaloso. Diante d'aquella grandeza emmudeciam as invejas corrosivas das mediocridades enredadeiras.

José Estevão, debaixo da desordem apparente, tinha grande tacto e grande juizo politico. Alem d'isto, os seus estudos economicos eram mais vastos do que muita gente cuida, e o seu conhecimento da lingua mais profundo do que muita gente pensa.

A facilidade de palavra primava n'elle desde os mais tenros annos.

Em Aveiro, sendo criança, quando os pescadores, com a vivacidade peculiar d'aquelle paiz, se amotinavam, o pae dizia-lhe:

—«José, vae accommodar aquella gente.»

O pequeno arengava ao povo e o povo socegava.

Tem havido oradores mais correctos, mais eruditos, mais profundos—mais expontaneos, nem mais inspirados, nunca houve nenhum.

Emilio Castelar, o primeiro orador, hoje, da peninsula e da Europa, na réplica e na invectiva é inferior a José Estevão.

A erudição, principalmente historica, é muito superior á do nosso tribuno. Senhor de uma memoria prodigiosa, accode ás minas da historia, de repente, e enriquece as suas orações com parallelos felizes, relações de circumstancias e de lances, que lhe fornece a tela vastissima que se desenrola improvisamente aos olhos do seu espirito.

Nenhum repentista, (como os de José Estevão, os discursos de Emilio Castelar, com re-

lação á fórma, são sempre improvisados), nenhum repentista iguala Castelar no esmerado, flórido, acabado e primoroso do periodo e da phrase.

N'isso realmente é um assombro.

Não se descreve: é preciso ouvil-o. Chega a parecer incrivel que apostrophes, antitheses, figuras, analogias, citações historicas, saiam de improviso.

Fogoza e ardente, a imaginação de Castelar tem, talvez, exuberancia excessiva. Pecca algumas vezes no carregado dos arabescos e no oriental das figuras. A eloquencia de José Estevão, variada e pittoresca, tinha um sabor agreste, —sabor proprio dos grandes tribunos. As suas imagens eram sobrias, porém havia n'ellas a elevação e elegancia das linhas gothicas.

Oh! quem podéra ouvir o nosso grande liberal n'um congresso como o de Hespanha, no meio d'aquelles oradores, entre luctas gigantêas, advogando abertamente os mais largos e santos principios da democracia!

Lamartine era alto, correctissimo de feições: tinha a voz sonora e cheia, porém sem transportes. O gesto tambem no poeta do Jocelin era monotono. José Estevão, na anchura de hombros e de peito, na mobilidade e ardor da physionomia, na voz unica, nos movimentos leoninos, era realmente o ideal do tribuno!

Na promptidão do áparte, na graça e agudeza do epigramma, ninguem o igualava.

O proprio Garrett, sobranceiro a todos, não se atrevia com elle n'esse genero.

E agora vem a proposito rectificar uma anecdota, referida pelo meu velho e querido amigo Paulo Midosi n'uma espirituosa biographia, publicada em 1874, se me não engano, pelo chistoso escriptor e illustre jurisconsulto. Não foi de Garrett a réplica a proposito da «formosa princeza», foi de José Estevão.

Eis o caso:

Garrett defendia pertinaz e entranhadamente as prerogativas da corôa.

José Estevão, fallando e referindo-se a certa princeza de Portugal, que a historia diz ter sido muito feia, exclamou:

— «A formosa princeza...»

Garrett, com ar solemne, que lhe era habitual, atalhou:

— «Por signal que era bem feia!...»

— «Bem sei; mas tive medo de offender as prerogativas da corôa, chamando feia a uma princeza de Portugal», replicou José Estevão.

Riu a camara, riram as galerias, e Garrett tambem riu, porque o verdadeiro talento não se morde com o talento dos outros.

Outra vez, sendo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães, José Estevão terminava um discurso por estas palavras:

— «Senhor presidente: O povo não conhece os seus direitos; se os conhecesse, agarrava do ministerio, vestia-lhe uma alva de condemnado, punha-lhe uma corda á roda do pescoço e levava-o ao patibulo!»

Este epilogo produziu grande impressão no auditorio.

Rodrigo levantou-se para destruir aquella impressão, e, com a sua cara immortal, olhando por cima dos oculos para o adversario, exclamou, com voz de fazer estalar corações de pedra:

«É pena, Santo Deus, é pena que o illustre orador, tendo paramentado tambem a victima, se esquecesse de lhe pôr o crucifixo na mão!...»

Ia rebentar o riso nos circumstantes, quando José Estevão se levantou, e, apontando para o ministerio, disse com o maximo impeto:

«Não me esqueci: se lhe não puz o crucifixo na mão é porque o ministerio morre impenitente!»

Outra vez ainda:

Um deputado, homem honradissimo e intelligente, defendendo a sua candidatura, começou o discurso com as seguintes phrases de rhetorica.

— «Sei que vou morrer, porém quero morrer como Mirabeau: ouvindo as musicas mais bellas e melhor concertadas, aspirando os perfumes mais raros, vendo em riquissimos vasos de alabastro as flores mais exquisitas....»

N'este ponto levanta-se José Estevão e diz-lhe:

— «Se o illustre deputado quer morrer, que morra mais barato, porque no orçamento não ha verba para tanto.»

Musicas, flôres, Mirabeau, rhetorico, deputado e candidatura caíram fulminados por uma salva de gargalhadas!

N'este genero seria um nunca acabar se quizessemos referir os chistes, as agudezas, as saídas, os epigrammas e calemburgos que borbulhavam d'aquella veia fecundissima, a todas as horas e em todas as situações.

As raridades do seu caracter tambem só as póde crer quem viveu com elle.

José Estevão não sabia escrever.

Elle proprio desconhecia os signaes cabalisticos a que chamamos lettras.

Tinha um secretario, mas quando o secretario lhe faltava, perguntava ao primeiro amigo que lhe apparecia:

— «Sabes escrever? Não te escandalises, porque eu não sei. Se sabes, faze-me a obra de caridade de escrever as tolices que eu vou dictar.

Dava uma volta pela casa, depois parava diante do amanuense improvisado ou do secretario encartado, e erguendo o braço direito com o dedo indicador em pé, a primeira palavra que dizia era:

— «Ponto!»

Sem este introito nunca dictou cousa alguma.

José Estevão tinha uns ataques de somno repentinos, que o faziam caír como fulminado.

A um terço ou meio do artigo que estava dictando, — á noite principalmente, — era raro que de improviso não dissesse:

— «Lá vem *elle*, lá vem *elle*, lá vem o *diabo*.»

Este *elle*, este *diabo*, era o somno.

Não podia resistir. Adormecia profundamente.

Quinze ou vinte minutos depois abria os olhos, e sem repetir a phrase que ficára suspensa, proseguia discorrendo pelo mesmo fio, com igual correcção e facilidade.

Isto foi presenceado por varias vezes por Thomás de Carvalho, Rodrigues Sampaio, Freitas e Oliveira, por mim e muitos outros.

Nunca conheci homem de superior talento que não tivesse puerilidades.

José Estevão tinha horas em que saltava em impetos de alegria, bem como o estudantinho que sae da escola, com os companheiros, pulando no terreiro ou no adro da igreja da aldeia.

Só as mediocridades enfunadas é que andam sempre muito sisudas.

Um dia — foi no verão de 1856 — a cholera-morbus devastava a cidade. De noite as praças e ruas da capital tomavam o aspecto de um acampamento depois da batalha: por toda a

parte fogueiras como fogos de bivaque, mas bivaque do exercito vencido; não se ouviam os brados alegres da victoria.

Vultos sombrios e silenciosos percorriam vagarosamente as ruas, outros corriam em busca de medicos ou do Viatico, que saía sem pompas. As macas, em sinistra romaria, passavam para os hospitaes da cidade: os enterros seguiam lentamente até altas horas.

A população apresentava-se silenciosa e sombria. A dôr ainda não tinha chegado ao delirio, e por isso não se bailava nos cemiterios, como na peste de Florença.

José Estevão, que aos primeiros rebates da epidemia se mostrára grandemente atterrado, assim que se travou a batalha, readquiriu todo o sangue frio e bom humor.

Um dia, de manhã, fui a casa d'elle. Escrevia eu n'essa época os folhetins da *Revolução de Setembro*.

José Estevão tinha comprado no Centro promotor duas jarras de uma loiça vermelha, muito usada então, e parecia, como uma criança, namorado d'aquelles objectos.

As jarras estavam em cima de uma mesa de jogo encostada a uma das paredes da casa de jantar. Tinhamos terminado o almoço quando padre Antonio entrou. José Estevão disse-lhe immediatamente:

— «Padre, tu és de Chaves, és meu inimigo

politico (o padre era realista), tens a força de um mastodonte, essa força humilha a minha dignidade de liberal. Vamos á lucta.»

— «Ora, por quem é, senhor José Estevão!»

— «Quer-se ver quem bate com os costados no chão.»

— «Fique certo que ha de ser o senhor José Estevinho», disse o padre em tom compungido.

José Estevão, que era forte, atirou-se a elle n'um pulo de panthera. O padre (passava já dos sessenta) ficou firme como uma rocha. Deitou-lhe os braços poderosos á roda da cintura, levantou-o, e virando-o no ar ia depôl-o no chão, sem o molestar, mas os pés de José Estevão bateram sobre a mesa onde estavam as jarras, e mesa e jarras vieram ao chão com grande fracasso. N'isto sente-se a voz de uma governanta ingleza, que era muito respeitada na casa. José Estevão foge para o vão de uma janella e esconde-se com as cortinas. Padre Antonio olha para a governanta e para os fragmentos das jarras com ar apoplectico.

— «Quem fez isto?» perguntou a ingleza com grande alvoroço.

Silencio profundo.

— «Quem foi que fez isto?» continuou a bradar com toda a força dos seus pulmões britannicos.

Padre Antonio, com os braços caídos e as lagrimas nos olhos, respondeu:

—«Fui eu, minha senhora, porque sou um bruto.»

José Estevão disparou uma gargalhada, e saindo do seu esconderijo veiu desfazer-se em satisfações á sua governanta, como a criança que fosse apanhada em flagrante delicto de uma grande travessura!

VI

Na sua vida agitada, não raro batida de grandes desgostos, faltava o maior dos golpes. Este golpe era a morte do pae.

Luiz Cypriano tinha em volta da cabeça veneranda a aureola dos patriarchas. Aquelle filho era o primogenito do seu amor, o seu unico orgulho, a sua maxima gloria.

Nos braços d'elle devia soltar o derradeiro suspiro, sem que a sombra de um remorso se lhe projectasse á beira da sepultura.

Ditoso o que póde despedir-se assim d'este mundo!

Luiz Cypriano tinha vivido largos annos. Havia muito que estava na idade senil, e os rebates da morte apresentavam-se naturalmente: exhaurira-se o corpo como a lampada sem oleo.

Quando um ente querido nos morre assim, o golpe é muito menos doloroso do que no lance

terrivel em que a fatalidade nos arrebata, imprevistamente, esse ente, na fôrça da vida.

José Estevão esperava o desfecho lugubre, media-o com a philosophia do homem afeito aos grandes revezes d'este mundo, mas o coração, no despotismo do sentimento, doia-lhe com o espinho agudissimo da saudade!

Luiz Cypriano, que fôra grande caçador, tinha ainda um perdigueiro velho quando caíu no leito da morte.

José Estevão, no penultimo dia da vida de seu pae, passeava no quintal, extremamente agitado.

O cão fiel veiu afagal-o, soltando um latido doloroso, como se lhe pedisse novas do dono moribundo, que tão affectuoso fôra com elle.

José Estevão, no desvario da sua afflicção, poz-se a fallar com o animal, lamentando-o pela perda do seu velho dono. Os que ouviram aquelle monologo dizem que não havia coração de pedra que se não partisse com a voz, as lagrimas, as palavras do grande homem, nivelado pela dor com a criança ingenua e amantissima!

Quem sabe o que o cão sentiria!... A sciencia já nos tem dito muito e ha de dizer-nos muito mais a respeito das pobres alimarias, ás quaes o homem, em seu orgulho impio, não quiz reconhecer certas faculdades.

Chegou a hora funebre.

José Estevão recebeu-lhe o ultimo suspiro,

deu-lhe o derradeiro osculo, e cerrou-lhe as palpebras com mão filial e piedosa.

Depois disse para os que o cercavam:

— «Quando estiver vestido e no caixão para ir para a cova, chamem-me.»

Obedeceram.

Uma hora antes de sair o prestito, foram avisar José Estevão.

Veiu, ajoelhou ao pé do cadaver do pae, beijou-o na testa, beijou-o repetidas vezes nas mãos. Por largo espaço se ouviu o sussurrar das lagrimas e o soluçar cortado. De repente ergueu-se, e com semblante sereno disse, voltando-se para a eça onde o pae dormia:

— «Estás ahi bem, estás como um principe. Até breve, até qualquer dia!»

E não tardou muito esse dia!

Passados poucos annos, o filho ia descançar para junto do pae, no chão dos ciprestes, na mesma terra que ambos, cada um por seu lado, tinham amado e honrado tanto!

VII

O partido ultramontano, subrepticiamente introdusido em Portugal havia muito, começou a robustecer e a levantar a cabeça ufana, com a força da reacção em França.

O imperio tinha posto nos hombros a purpura dos cesares, soccorrido pela burguezia atterrada com o movimento democratico de 1848, e pelo braço nefando, porém ainda hoje robusto, do clero.

O Summo Pontifice, ao passo que mandava o osculo da paz ao orbe catholico, experimentava o alcance dos «bons chassepots» no peito amplo dos liberaes italianos.

O heroe, que deu ao mundo o não visto exemplo de capitular atirando para o chão, em campina rasa, com cerca de duzentas mil espingardas, queria exercer a hegemonia na Europa.

A França, que teve em Napoleão I o braço e a cabeça de Julio Cesar, deshonrou-se na historia curvando a cerviz a um Claudio, fanfarrão, sanguinario e devasso.

Custou-lhe caro! Desconfio muito que ainda lhe não serviu a lição, — e em breve o veremos!

As irmãs da caridade francezas foram as missionarias piedosas da reacção em Portugal.

A aristocracia, que tem os seus elementos de vida no ultramontanismo, abraçou-se a ellas.

Era preciso tomar de assalto as mães de familia, a cujos desvelos está entregue a educação do homem, desde os primeiros até aos ultimos dias da puericia.

Era necessario tambem redimir alguns pecadilhos proprios das verduras da mocidade fe-

menil, e para isso não ha como S. Francisco de Paula e S. Ignacio de Loyola.

A burguezia feminina, por moda e para «aristocratisar-se», acudia aos conventiculos, ás paraneses misticas, aos milagres de Maria, e dentro de poucos annos a educação da infancia estaria sob a egide piedosa dos servos meretissimos do ultramontanismo. O coração de José Estevão vibrou de colera, e começou a apertar com os seus collegas na «Regeneração».

Infelizmente as primeiras cabeças d'esse partido tinham vestida, por baixo do manto de arminhos, das fardas de ministros, e de creados mores do paço, a roupeta humilde do famoso fidalgo do cerco de Pamplona.

Separado d'esse partido, assim que uma parte dos seus cabeças se filiára na reacção, a José Estevão cabia a honra de levantar a questão na camara, e o academico da «Frecha dos mortos» e «Bateria da lomba» viria, passados trinta annos, bater novamente em brecha a reacção armada, de pés á cabeça, no parlamento.

O discurso sobre as irmãs da caridade é uma obra de arte, onde os mais elevados conceitos politicos e sociaes se alliam a primores de fórma, a toques profundos de paixão e eloquencia assombrosa.

O que appareceu d'aquella monumental oração nas folhas do «Diario do Governo» não é nada, ou é um reflexo apenas.

Houve um momento, — no dialogo do pae com a filha, — em que a camara inteira, amigos e inimigos, toda a galeria, se ergueu com os olhos rasos de lagrimas, para saudar em silencio, e com o fundo respeito que nos produzem as manifestações do genio, aquella magica eloquencia!

D'esse dialogo apenas póde encontrar-se no «Diario» a parte piccaresca; os grandes movimentos que arrebataram o immenso auditorio, foram-se!

Quando o «orador» se referiu ao dia 11 de agosto na «Villa da Praia», á «Ladeira da Velha», ao «desembarque do Mindello», e perguntou ás cabeças que via alvejar com as neves do inverno, se aquelle gelo lhe havia caído no coração, resfriando n'elle o amor da liberdade e fazendo-lhes esquecer o glorioso passado, todos responderam, — e alguns a seu despeito — com impeto juvenil: «Não esquecemos, não esquecemos!» Ainda que pallidas e truncadas citarei algumas phrases de certo periodo do discurso:

Tratando da missão das irmãs da caridade, José Estevão, dizia:

«O padre Vieira, fallando de certos governadores do ultramar, que já n'esse tempo iam encher-se de riquezas a essas possessões, comparava-os ás nuvens — não sei se a figura philosofica é bem cabida, — que vão encher-se ao

mar e que levantando-se ao firmamento despejam em longiquas provincias.

«Vinde cá, dizia-lhe elle, vinde cá, ó nuvens ingratas, que vieste encher-vos aqui e que levaes o fructo que colhestes para remotas paragens.»

«Digo eu tambem: Virgem bella, que educada debaixo das vistas de teu pae eras para elle a sua esperança, o seu contentamento, a sua congregação religiosa, para que vaes levar tão longe o fructo dos exemplos paternos. Não tens aqui os teus pobres queridos!

«Acho desnecessaria a instituição.

«Pois ha de ir uma irmã da caridade transportada em vapôr, em caminho de ferro, para acudir aonde?

«Onde está essa terra privilegiada de males e de doenças? Onde não ha enfermos a tratar, creanças para instruir ou velhos que precisem ser consolados?

«Para que vale esta organisação como a dos grandes exercitos, esta obediencia ás ordens dos superiores, estas marchas constantes para a America e da America para a Africa e da Africa para a Europa?

«Se isto não se citasse, era bom; mas tudo se sabe, tudo se reproduz no parlamento, tudo se escreve nos jornaes.

«Se Deus quer que a caridade seja tão occulta que a mão direita não saiba o que dá a

esquerda, para que é então decorar a cabeça de suas sacerdotisas com certo ornato, cingir-lhe o corpo com certa e determinada fazenda, proclamando, festejando e assignalando assim a caridade? Eu queria que a caridade, podendo ser, fosse invisivel, e as irmãs da caridade teriam redobrado as suas virtudes se apparecessem as suas obras sem se saberem os nomes ou apontarem as pessoas que as praticavam.

«A mulher, sobre tudo de alta classe, que vae com os pés mimosos, costeando as portas menos abertas á limpeza, até chegar ao leito do pobre, e que vae ahi com a ignorancia da sua propria familia, envergonhando-se da propria virtude, mas sempre fiel aos seus sentimentos, lembrando-se das angustias dos seus similhantes, essa mulher é mais christã, mais senhora e mais nobre do que todas as irmãs de caridade.

«A mulher de piedade verdadeira, sobre tudo a mulher de alta gerarchia, que ajoelha perante o leito do humilde enfermo, querendo praticar a caridade, não ha de estar a ver-se ao espelho das suas grandezas, não se ha de lembrar de quantos degráos desceu do seu palacio, mas de quanto subiu ao entrar no albergue desmantelado: ha de esquecer-se de todos os fastos, de todas as grandezas, para se recordar unicamente de que está debaixo da mão de

Deus e junto do povo que nasceu do pó, como ella, e como todos os grandes!

«Esta é, a verdadeira caridade.

«A caridade para mim deve ser livre, expontanea, instinctiva, isenta de todas as suspeitas de vaidades humanas. A caridade não admitte recompensa, nem menção, nem galardão. A caridade está toda dentro do coração do homem e da mulher, e o homem caridoso envergonha-se de que sejam citadas as suas acções virtuosas.»

O orador deve ser ouvido e visto. Era preciso ver e ouvir aquelle homem n'esse momento para julgar possiveis os raptos da inspiração superior.

A mim nem os grandes cantores, nem os grandes concertistas, nem os grandes tragicos me produziram jámais tamanhos abalos no espirito e no coração.

José Estevão estava no periodo da idade em que todas as faculdades intellectuaes do homem chegaram ao maximo de perfeição.

Tinha cincoenta annos.

Contava ainda com o futuro: queria deixar ligado ao seu nome de tribuno o nome merecido de estadista, e por isso os seus desejos de ser ministro não nasceram de pruridos de vaidade, mas da nobre ambição de fazer alguma cousa vardadeiramente grande.

E havia de fazel-o, embora depois de bastan-

tes erros e desvarios, que assim era o seu genio!

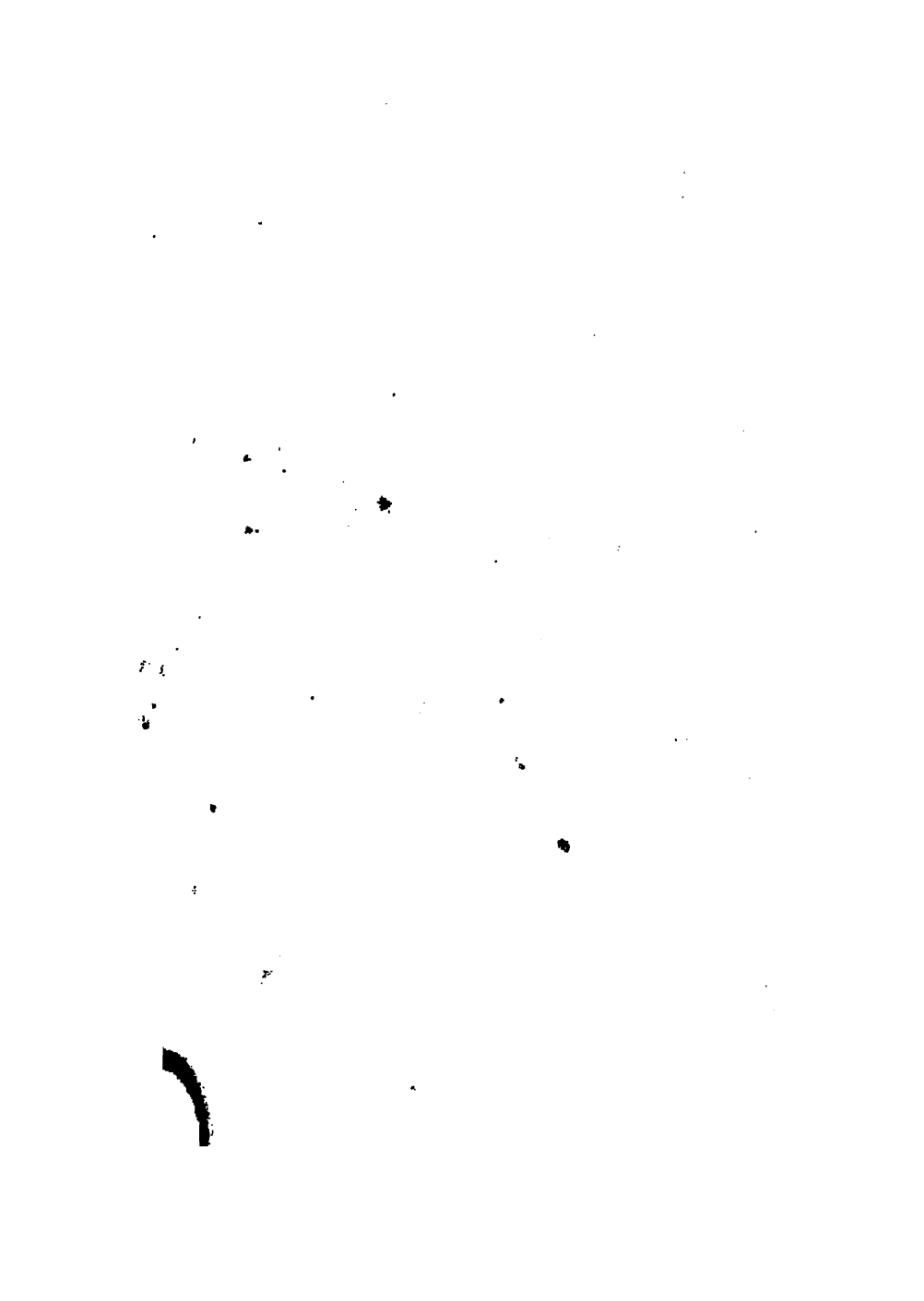
José Estevão não deixou sómente orphã a sua cadeira em S. Bento; deixou na conversação familiar uma lacuna, que não sei quando se preencherá!

Elle, e Rebello da Silva, não só foram os dois melhores oradores, posto que de indoles oppostas, como foram os mais elegantes e espirituosos conversadores da nossa sociedade, nos nossos dias.

Como o nivel da eloquencia baixou em Portugal desde que elles desappareceram!

Oh! terra, porque fostes tão ambiciosa dos corpos que encerravam aquelles brilhantes espiritos!

Que saudade!

RODRIGO PAGANINO E JOÃO LUIZ GONÇALVES

CAPITULO IX

RODRIGO PAGANINO E JOÃO LUIZ GONÇALVES

Os mestres e os discipulos.— Retratos.— João Luiz Gonçalves.— Duas cartas.— Nos braços do amigo.— Ultimo premio! — Rodrigo Paganino.— Actividade litteraria.— «Os contos do tio Joaquim».— Ella.— Noiva do imprevisto.— Derradeira entrevista.— A carta.

I

Na primavera de 1856, quem fosse de tarde ao «Passeio publico» e entrasse de noite no «Café Martinho», encontraria, com raras excepções, ou sentados n'um banco debaixo das arvores, ou em roda de uma mesa do «Café» illuminado, cinco homens, cujas phisionomias, cada uma por seu estylo, lhe captivariam a attenção.

Tres d'esses homens estavam na adolescencia: os outros dois entre os trinta e cinco a quarenta annos. Os tres rapazes eram estudantes do quarto anno de medicina; os dois homens feitos— eram os seus lentes.

Vou descrever rapidamente os mestres: depois fallarei dos discipulos.

II

Um d'elles era alto, robusto, moreno, mordido das bexigas, tinha olhos negros vivissimos, nariz pequeno com relação á estatura; bôca rasgada, beiços grossos; testa ampla e abobadada; barba espessa, escura e revolta; voz forte, porém sonora; palavra facil e pittoresca. A expressão audaz dos olhos faiscantes e perspicassissimos denunciava a força da sua alta rasão.

Em circumstancias difficeis e imprevistas, quando se perturbava o animo dos mais decididos e titubiava o valor dos mais competentes, elle, como tirando forças do apertado lance, resolvia com a firmeza, promptidão e coragem, que leva ás vezes o medico a parecer-se com o general no campo da batalha — até na confiança, que este inspira aos soldados e aquelle aos enfermos.

As lettras, principalmente gregas e latinas, tinham sido o encanto da sua mocidade e continuavam a ser como um suave remanso depois do profundo estudo das sciencias experimentaes, cuja aridez, por vezes, lhe afadigava o espirito peninsular e ardente.

Este homem era o grande operador José Eduardo Magalhães Coutinho, cuja poderosa acti-

vidade intellectual parece haver adormecido no ambiente perfumado e morbido dos «paços reaes», onde ha muito tempo respira.

III

O outro era baixo; com testa magnifica; angulo facial soberbo e maçãs do rosto proeminentes.

Através dos oculos, encaixilhados n'um aro de ouro delgado como uma linha, scintillavam os olhos pequenos, mas intelligentissimos. A bôca fina e graciosamente recortada contraía-se com ironia bem differente, porém, da ironia malevola e suez, que se compraz em morder na sombra e na fama do proximo; muito menos cruel que a de Voltaire, muito mais pungente que a dos poetas satanicos,—creaturas mansas como cordeiros, embora aspirem o aroma das «Flores do mal» de Carlos Bandelaire, e se abracem em attitude sinistra com o rabecão grande de V. Hugo no anno «Terrivel». Tomára o gráu de doutor em medicina em França. Ahi travou relações intimas com José Estevão, na sua segunda emigração. Ouvíra na cathedra a palavra lucida e profunda de Francisco Arago —como admirára a pasmosa eloquencia didactica de Trousseau nas suas lições de medicina. Assistira ao movimento democratico de 1848 em Paris, e, entre tantas vozes inspiradas, es-

cantára a voz arrebatadora de Lamartine nos dias milenarios d'aquella malograda epopêa.

Chegando a Lisboa, n'um concurso deslumbrante, tomou de assalto a cadeira de anatomia.

Homem tanto de sciencia como de lettras, ninguem o igualava no talento especial de amenisar as cousas mais aridas, convertendo ás vezes a descripção de um osso, sem faltar á verdade scientifica, n'uma descripção deleitosa.

Nos jornaes litterarios, como nos artigos de polemica, como no parlamento, em toda a parte em summa, a ductilidade e agudesa de seu espirito lograva um logar privilegiado.

Este homem era o doutor Thomás de Carvalho, que hoje conserva as mesmas faculdades, robustecidas pelo estudo e amplificadas pela experiencia.

De taes homens eram discipulos — e discipulos amados — os tres moços de quem vou fallar, dois dos quaes já tem logar á sombra d'estes ciprestes!

IV

O mais velho tinha vinte e tres annos incompletos. Dava na vista, captivava a attenção, e attraía as sympathias o seu porte, a sua figura e a sua phisionomia.

Era alto. O pescoço elevava-se dos hombros robustos, mas airosamente descaidos; a cabeça fazia lembrar os retratos de Velasques, se as feições fossem tão duras como as dos cavalleiros, que immortalisou na téla o famoso pintor hespanhol. O rosto sereno e pallido, salvo quando um impeto de colera lhe alvorotava o sangue. Felizmente eram muito raros esses impetos e só depois de provocação insolita. Os olhos pretos, como os cabellos tambem pretos, abundantes e ondeados.

Barba crescida, negra, retinta e finissima. Era o mais bello moço do seu tempo em Lisboa, e os condiscipulos apontavam-no como o mais intelligente. Este rapaz chamava-se José de Avellar, e está hoje em Villa Nova de Portimão comendo excellentes figos em agosto, tratando dos seus doentes, respirando purissimos ares, contemplando um paiz encantador e... aborrecendo-se extraordinariamente!

Podia ser tudo!... É pouco mais de nada!... E faz bem, que ser «tudo» aqui é ser «pouco mais de nada» em qualquer outra parte.

V

O segundo era fransino e valetudinario, mas com uma actividade prodigiosa. Olhos castanhos claros, cheios de luz. Bôca fina, e por ve-

zes ironica. Uma agudeza de espirito e rapidez de comprehensão rarissimas. Seguia o curso de medicina, posto as suas tendencias fossem as do homem de lettras de larga esphera. Que o igualassem na facilidade de escrever tenho conhecido quatro homens: Mendonça e Rebello da Silva, que já lá vão, Latino Coelho e visconde de Benalcanfor, que felizmente vivem.

Os «Contos do tio Joaquim», paginas coloridas, pittorescas, imaginosas, por vezes profundas, sempre verdadeiras e brilhantissimas, primicias de um talento que promettia tanto, eram escriptas á mesa do café, ou entre uma palestra de amigos, ou sobre o joelho, a occultas, quando algum lente muito erudicto e muito semsabor lhe moía a paciencia com uma grande massada.

Este moço, que não teve tempo para fazer uma grande obra, que não deixou presa ao seu nome gloria litteraria inconcussa, porque a morte o atalhou no principió do caminho — chamava-se Rodrigo da Fonseca Paganino. Adiante tratarei d'elle. Falta o mais moço dos tres estudantes.

VI

JOÃO LUIZ GONÇALVES

Tinha dezenove annos então (1856), e estava no penultimo anno de medicina.

Era alto e forte como um colosso; cabellos louros, olhos azues, que aliavam a expressão meditativa do norte aos clarões peninsulares. Bôca francamente cortada, beiços grossos, sorriso aberto, dentes magnificos. Duas rugas, raras em tão verdes annos, lhe sulcavam horisontalmente a testa espaçosa. Chamava-se—João Luiz Gonçalves.

Desde os primeiros passos do seu curso de medicina fôra apontado pêlos condiscipulos como o primeiro estudante. Avellar e Paganino ufanavam-se com ver o seu companheiro alcançar o pomo de ouro na carreira da sciencia, e cada lição, cada exame, cada rasgo da sua bella intelligencia era um dia de jubilo e de orgulho para o desassombrado coração dos dois amigos.

Os invejosos são pelo revez d'isto. Ninguem ha n'este mundo mais desgraçado do que os invejosos. Andam-se a despedaçar constantemente com o escorpião do ciume repugnante, e, apesar dos tormentos que passam, não exis-

te alma, por evangelica que seja, que tenha dó d'elles!

Na verdade, ultimo dos desgraçados é aquelle que não encontra em olhos humanos o balsamo de uma lagrima para lhe suavisar o martyrio!

Como acabou João Luiz Gonçalves?

Aos vinte annos, no seu posto de medico, com um ataque de febre amarella, soltando o ultimo suspiro nos braços do seu primeiro amigo—José de Avellar.

Vejamos uma carta d'este, dirigida a Rodrigo Paganino, e publicada a 14 de novembro de 1859 no jornal o «Futuro»:

Meu caro Rodrigo:

«Bem longe de prevermos o que havia de acontecer, e em vista de alguns necrologios que por ahi appareciam nos jornaes, ajustámos e promettemos, nós dois e o nosso bom amigo Gonçalves, nunca emprehender similhante tarefa a respeito d'aquelle que primeiro deixasse de existir.

E realmente a religião do tumulo casa-se mais com a concentração e com o silencio.

Temos cumprido a promessa; mas agora que acabo de reler uma carta que me parece resumir bem alguns dos nobres caracteres do nosso chorado collega, não posso resistir ao dese-

jo de a dar a conhecer, acompanhando-a de ligeiros traços biographicos.

Julgo que se não póde escrever verdadeira biographia, nem traçar um elogio historico a proposito de uma existencia de vinte annos, porém é tal o terror que sinto, quando penso que póde apagar-se de todo a sua memoria, que me suffoca a vontade de fallar d'elle.

Estou persuadido que do mesmo modo que se experimenta alivio carregando com força nos sitios que nos dóem muito, sente-se tambem certo gráu de prazer em renovar recordações —embora dolorosas. Goza-se em expandir a alma desabroxando saudades e repassando pela mente os grandes dotes da virtude ou do talento dos que perdemos para sempre.

Quero fallar do nosso verdadeiro amigo, do nosso inseparavel companheiro João Luiz Gonçalves. Passarei rapidamente pelos primeiros annos da sua vida, em que todavia se manifestaram logo os grandes dotes de caracter, a elevação de intelligencia, a sensibilidade affectiva d'aquelle coração, que votava um culto ao amor de sua mãe, que lhe era a familia unica.

Antes dos quinze annos estava já habilitado com todos os importantes preparatorios, que se requerem para frequentar a escola medico-cirurgica de Lisboa, onde entrou causando logo a admiração de condiscipulos e augmentando a gloria dos mestres. Aqui era já o homem pen-

sador, para o qual nem na vastidão e minuciosidades extremas da anatomia, nem nas mais intrincadas questões phisiologicas, havia nunca embaraço.

A propria consciencia de collegas lhe deu logo o primeiro logar entre todos.

Lembras-te, Rodrigo, dos nossos estudos communs n'aquelles adoraveis serões? Da arte com que elle nos infundia o amor pelo trabalho? Como ia sempre adiante! e sobretudo do ardor que mostrava por estudos tão aridos?

No decurso do terceiro anno medico, foi onde patenteou em todo o fulgor as brilhantes qualidades do seu genio e o poder da sua vasta intelligencia. Foi comtudo uma circumstancia bem singular e digna da maior admiração a que produziu o redobrar de actividade do nosso desditoso amigo.

Singelo e regrado no seu viver, modesto nas suas aspirações, e feliz com os seus trabalhos queridos, quiz a fortuna, que se lhe embaraçasse o caminho com o primeiro revez de coração.

Não deve ser estranho que a par das faculdades da intelligencia se desenvolvessem largamente as da alma, e que um sentimento profundo, porque era o primeiro, e nobre, porque era d'elle, lhe absorvesse o espirito em doces sonhos de felicidade e de amor.

Ephemera esperança! Ou o não comprehen-

deram, ou ás vozes do seu grande coração não responderam cordas afinadas pelas suas. O que é certo é que, correndo descuidoso e cheio de crenças, quasi infantis, a abraçar a ventura que sonhára, deparou logo com o mais frio e cruel dos desenganos. Não lhe pertencia o coração da imagem que tão vivamente o impressionára. Foi mais este desgosto, que trazia concentrado no intimo da alma, do que o habito da meditação e do estudo, que lhe excavou na larga fronte aquellas rugas precoces.

Uma circumstancia tão commum na carreira de quasi todos os rapazes, e, a maior parte das vezes, precaria para a boa direcção moral da sua vida, serviu a Gonçalves de maior estimulo e enthusiasmo para o trabalho.

Quantas vezes repetia elle, talvez mais resignado do que convencido:

«E' no trabalho que se encontra a verdadeira felicidade!»

E com o trabalho parecia suffocar apparentemente as máguas que lhe iam no amargurado espirito! N'um anno adquiriu tal copia de conhecimentos, que aos proprios mestres causou espanto.

Como todo o homem de genio, era ávido de leitura e descansava dos graves estudos da sciencia no trato de livros mais amenos e faceis. Por isso era não pouco versado na litteratura, principalmente na franceza, da qual conhecia os me-

lhores modelos, e cuja lingua manejava ainda com mais facilidade e profundeza do que a propria: o que não é para admirar, porque as necessidades do estudo, e a grande latitude que lhe dava, o obrigavam a viver só e quasi exclusivamente com livros francezes. O seu poeta querido era Lamartine, o mavioso cantor da felicidade intima, o verdadeiro poeta da familia, e a Biblia, incluindo o Novo Testamento, livro que o extasiava. Talvez por mal tratado dos affectos humanos retemperasse assim a alma na leitura do primeiro, mais sublime e mais santamente amoroso de todos os poemas.

No anno de 1856, quando a terrivel epidemia do cholera-morbus invadiu Lisboa, onde deixou tantas e tão profundas feridas, era o nosso amigo ainda estudante, mas lá foi, prestadio e humano, mal convalescente ainda de uma enfermidade, soccorrer e aliviar a pobre e miseravel população de um hospital de cholericos.

Recordas-te de certo, meu Rodrigo, porque aquellas impressões ficam bem gravadas no espirito, da terrivel noite em que fomos visitar o nosso querido collega ao hospital de Santa Anna!

Que tenebrosa scena!

A luz bruxuleante de embaciados lampeões mal deixava descortinar os espaços entre as multiplicadas camas, onde os tremulos reflexos

desenhavam incertas e sinistras figuras! As lastimas, os gritos de afflicção, as ancias e arrancos dos enfermos, as fallas confusas dos enfermeiros, os gritos desconcertados dos que deliravam e o estertor dos moribundos, formavam um côro tão afflictivo, que gelava de pavor!

Os miseros atacados do mal chegavam ás dezenas e nem havia já onde os accommodar..

O terror tinha-se apossado de todos os animos, e os proprios enfermeiros e criados desertavam a cada passo. N'um hospital improvisado, como aquelle, em poucos dias, era quasi impossivel a regularidade.

Elle—uma creança de dezenove annos—accudia a todos e a tudo como um anjo de amor e de devoção! Confortava os esmorecidos, cuidava dos que mais soffriam, reprehendia os empregados covardes, louvava os solicitos, e com o exemplo animava todos ao trabalho. Oh! como n'esse momento era um heroe aquelle moço!

Hoje desvaneceram-se já na memoria ingrata do mundo os nobres sacrificios que então se fizeram.

Não importa! N'esse mesmo despreso dos homens está incluida a promessa de mais sublime galardão.

Abonançada que foi a tempestade, que ameaçou submergir Lisboa, e dispensado por isso dos encargos do seu sacerdocio medico, voltou-

se de novo Gonçalves para as gloriosas lides da sciencia. Tendo cursado o ultimo anno do seu tirocinio escolar com grande applauso, concluiu com a maior honra a sua formatura de cirurgião-medico, sendo premiado em todas as cadeiras.

Foi tão alto o conceito que d'elle fizeram os professores, que um dos mais respeitaveis, logo á saida do ultimo exame, lhe pedia que não faltasse ao concurso para o magisterio, que em breve devia dar-se.

Não só este honroso convite, mas os unanimes desejos de todo o corpo cathedratico da escola, foram talvez os motivos que o desviaram dos projectos que tinha de visitar, apenas concluido o curso, as faculdades medicas e hospitaes estrangeiros.

Fatal talento!

Ainda a cidade de Lisboa não tinha depostó as vestes de dó, e já novos dias de lucto appareciam com o principio do outono de 1857.

Rebentava a febre amarella.

O inimigo era implacavel; a ninguem respeitava na sua devastadora passagem; era preciso oppor-lhe soldados decididos, acesos pelo santo amor da caridade e inspirados pela abnegação.

É que o corpo medico lisbonense cumpriu brilhantemente o seu dever, deixando não poucas victimas no campo d'aquellas sagradas li-

des. Ao nosso querido amigo, como fervoroso sacerdote que era, pertenceu a palma do martyrio!

Como sabes, um golpe pungente, uma grande dôr de familia, me obrigou a ir engrossar as fileiras da numerosa tribu, que n'aquella desgraçada época emigrou da cidade.

Gonçalves foi o primeiro a aconselhar-me que partisse, porque a minha qualidade de estudante nenhuns deveres me impunha. No mesmo dia em que instava commigo para que fugisse, dispunha tudo para pôr em segurança sua mãe, por cujos dias tremia de receio. Pedi-lhe que a acompanhasse tambem, ponderando-lhe que, visto não ter emprego publico sanitario, e nenhuns clientes ainda, podia e devia seguir aquella de quem era consolação unica. A resposta deu-m'a elle fazendo os mais relevantes serviços e trabalhando com fervor, enthusiasmo, zelo e dedicação inteiramente evangelicos.

De Cintra, para onde fui, escrevi-lhe ainda uma carta, pedindo-lhe que deixasse Lisboa, e, reunindo todos os argumentos que pude imaginar, aproveitava a circumstancia de o não terem ainda nomeado para nenhum cargo de serviço publico de saude, para o convencer de que estava moralmente desobrigado de tudo.

A carta que vae ler-se, e que conservo como preciosa e sagrada reliquia, foi a sua nobre resposta.

José.

Junto com esta has de receber uma carta minha com data de 9, e que eu te não tinha remettido ainda. Verás por ella quanto me aborrece estar só, pois que realmente me não posso considerar de outra fórma.

Recebi hoje a tua — e fez-me bem mal — porque repetes o mesmo argumento já adduzido por minha mãe, que quer ardentemente ver-me fóra de Lisboa, e que entretanto receia pedir-m'o em demasia.

Fica-te mal, fica-te muito mal a ti, José, a ti, o meu melhor amigo, pedir-me que saia de Lisboa, sendo aqui o meu logar de obrigação. Fica-te muito mal, repito-o.

E fica-te ainda peior pedir-me uma cousa que eu tanto mais desejava, quanto não encontro em roda de mim o que me poderia reter com mais força, isto é, as affeições; antes pelo contrario vejo, por toda a parte, baixezas, invejas, vis lisonjas, que me affligem, e que fazem com que ardentemente deseje saír d'aqui.

E, depois, empregas para me convencer uma arma poderosa, fallando-me na inquietação de minha mãe, essa inquietação, que eu conheço em menor gráo talvez do que a sentia quando ella estava em Lisboa, exposta á febre e á morte, porque tambem a sentia quando tu mesmo aqui estavas arriscado. Mas quando pedi a mi-

nha mãe que saisse e me deixasse no meu posto, previa essa inquietação, e todavia preferi, egoista, deixal-a em similhante estado a arriscal-a comigo.

E' soberbo o vosso argumento! mas ámanhã, um pobre que não tiver quem o trate, póde vir chamar-me, e, só por esse pobre que fosse, eu devia ficar aqui.

Agradeço-te todavia a affeição, que te leva a pedir-me uma cousa, que, se pensasses melhor ou por mais tempo, me não pedirias.

Julgas tu, porventura, que haveria para mim maior prazer do que viver fóra d'esta cidade, livre de quaesquer questões parvas, com que me amarguram desde pela manhã até a noite? Tu, que me conheces, imaginas que posso viver feliz na inacção, quando o meu trabalho talvez podesse ser util?

Oh! bem o vês—preciso desabafar, preciso dizer-te o que desejava dizer a toda a gente: estou prompto a servir, a desempenhar a minha missão de medico; seja qual for o perigo que haja de affrontar, dêem-me um logar, facultem-me um meio de trabalho, porque esta inacção e este vacuo matam-me.

Tinha precisão de te dizer isto a ti, que o guardarás comtigo; os outros hão de suppor-me contente.

Comprehendo-te, José; desejavas ver-me em logar de segurança, por isso que não trabalho;

mas póde chegar o momento e devo estar prompto para tudo.

Perdoa-me não acceder ao teu pedido: tu mesmo acharás que tenho rasão.

10 de outubro de 1857.

João Luiz Gonçalves.

VII

Dias depois, José de Avellar recebia em Cintra estas palavras do seu inseparavel amigo:

«Estou em Carnaxide e com os primeiros symptomas da febre.

«Vem ver-me.»

Ha horas, na vida, em que nós prevemos a desgraça que nos vae succeder, como uma cousa infallivel.

José partiu levando o coração alvorotado.

Eram, de facto, os primeiros symptomas da terrivel enfermidade. A peste luctava com a colossal organisação do moço medico, e, apesar da força que lhe oppunha a robustez da natureza, ia ganhando terreno.

Ha certos males que parecem ter uma intelligencia viva e diabolica, paixões, onde entra o orgulho, a vindicta, a traição! Como que se enfurecem com a resistencia pertinaz de uma natureza forte e generosa, e por isso redobram

no impeto, e combinam todos os meios de ataque. N'um momento retiram ou occultam-se, para n'outro momento saltarem de improviso, — com as garras, com o odio, com a traição do tigre! Passam pelo enfesado, anemico, rachitico, ás vezes pelo velho caduco, e tocam-lhe ao de leve, e deixam-no para se atirarem a um homem válido, na flor da mocidade, pujante de corpo, esplendido de intelligencia.

A sciencia, até certo ponto, explica isto, mas é só até certo ponto.

Na maior parte das explicações da sciencia ha sempre um «certo ponto», uma insignificancia, um nadinha, que é um grande mysterio!

Gonçalves seguia todos os movimentos da doença com animo sereno e intelligencia clarissima. O combate era renhido, mas o inimigo avançava sempre. Gonçalves não soltava uma palavra que denunciasse esmorecimento.

Sabe Deus o que lhe ia no intimo!

Um dia vieram convulsões e agonias mortaes. No momento mais terrivel fugiu-lhe do coração um grito, — grito que era uma supplica, onde palpitava o amor da vida, do futuro, da gloria! — e deitando os braços ao pescoço do seu atribulado amigo, exclamou:

«Salva-me, José! Salva-me!»

Que lance!

E ha lances taes na vida!... todos os dias, a todas as horas, a todos os instantes! — A mãe

com um filho moribundo nos braços!... o amante a cerrar os olhos da amante!... o amigo a expirar no seio do amigo!... E sobre estas catastrophes as difficuldades, as dôres, as miserias, o labutar constante, debaixo de agua, e ao sol, e ao vento... tudo isto para um homem viver meia duzia de annos com uma mulher e uns filhos de roda de si!... E ha ainda um demente que falla em inferno... depois d'este em que vivemos!

Quando Gonçalves soltou aquelle brado de dôr: «Salva-me, José!» — nos olhos do amigo, sêccos, brilhantes, desesperados, olhos de suprema afflicção, como não são os das lagrimas, conheceu que estava perdido.

Então accudiu-lhe o grande animo e encarou a morte com desassombro.

Um sorriso resignado, um longo olhar de saudade para a mãe e para o amigo e... uma longa e cruel agonia!

Que faria ao Deus de bondade, ao Deus magnanimo, ao Deus que é todo amor e todo ternura, aquelle moço, que desde a infancia teve o coração mondado de sentimentos ruins, que cumpriu com a lei do trabalho, que amou o proximo, que foi ao chão na unica batalha santa que ha n'este mundo, para ter morte tão afrontosa depois de uma tão prolongada e cruelissima agonia?!

E o ser tudo isto por causa de uma maçã

que se atravessou nas guelas sofregas do nosso pae Adão... é o que mais me custa!

Em janeiro do anno seguinte, mez e meio depois da morte de Gonçalves, fazia-se a sessão solemne de abertura na Escóla Medico-Cirurgica.

No fim de um brilhante discurso de Magalhães Coutinho, o secretario fez a chamada dos alumnos premiados no anno anterior. Ao nome do primeiro premiado: João Luiz Gonçalves, ninguem respondeu.

Não podia coroar-se com as palmas d'este mundo, mas, em compensação, as primeiras relvas do inverno ornavam-lhe graciosamente a sepultura. Quem sabe quanto haveria já d'elle, n'aquellas relvas viçosas!

Não teve tempo para firmar o seu nome n'um grande trabalho, mas para ter um logar n'este livro bastam-lhe as sublimes palavras da sua carta:

«Amanhã um pobre, que não tem quem o trate, póde chamar-me, e, só por esse pobre que seja, devo eu ficar aqui».

VIII

RODRIGO PAGANINO

Na primeira refrega d'esta batalha da vida, dos tres inseparaveis amigos um caíra prostrado em terra.

Restavam dois.

Rodrigo Paganino affirmava, com a maior serenidade, que, dentro de muito poucos annos elle seria o segundo. Dizia isto, comprimindo com a mão direita o lado esquerdo do peito, onde sentia bater o coração nos prodomos da lesão fatal.

Homem singular!

Ninguem mais do que elle tinha a ambição da gloria, a necessidade impreterivel de movimento, n'uma palavra, o amor da vida, e ninguem olhava com mais despreso para a morte!

A actividade d'aquelle espirito era pasmosa. Publicavam-se n'esse tempo, em Lisboa, quatro jornaes litterarios por semana e um satyrico diurno. Paganino escrevia nos quatro jornaes hebdomadarios, no diurno, e exercia a sua clinica numerosa em pobres, que tratava de graça, com a maior solicitude, accudindolhe a toda a hora que fosse chamado.

Paganino, nos ultimos dois annos da sua vi-

da, não faltava um sabbado na Ajuda. Pasmavam todos da energia, do vigor de espirito d'aquelle moço, que media, com o dedo na arteria e o sorriso nos labios, a approximação da hora funebre.

N'esse tempo a lucta, que principiara com o desatino dos padres, no verão de 1859, contra o auctor da «Historia de Portugal», que negava o «milagre de Ourique», lucta que provocou o opusculo «Eu e o clero» e a «Solemnia verba», tomava, em 1859, caracter mais geral e mais grave.

Muitos homens, que, levados pelas circumstancias, tinham abraçado o partido progressista, figurando com distincção nas fileiras dos chamados «patuleias» na revolução da «Maria da Fonte», arrependiam-se e queriam oppor ao curso natural das idéas a barreira do ultramontanismo, para poderem aliar os proventos recebidos da liberdade com as franquias, immunidades e privilegios do seu passado.

Uma parte da aristocracia que, perseguida e vexada pelo despotismo de D. Miguel, abraçara o partido liberal, não comprehendera os resultados logicos da revolução no primeiro relance de vista, e, arrependida no intimo, simulava ostensivamente amor por idéas que eram a antithese das idéas da sua classe, — e no primeiro ensejo opportuno manifestou as tendencias nativas.

«Chassez le naturel: il revient au galop».

Sob o pretexto das «irmãs da caridade», mote sympathico ás mulheres e ao povo ignaro, toda a aristocracia masculina e feminina de Portugal, com rarissimas excepções, se levantou, cobrando animo para entrar a peito descoberto na santa cruzada do ultramontanismo.

Era preciso combater os adversarios, avisar os incautos, convencer os incredulos, animar os tibios e excitar os indifferentes.

Rodrigo Paganino, com o ardor dos vinte e cinco annos, o fogo da sua imaginação, a facundia do seu talento, o vigor e sinceridade das suas crenças, alistou-se nas fileiras commandadas na imprensa por Alexandre Herculano, e na tribuna por José Estevão.

Diserto com a palavra, como fluentissimo com a penna, nas reuniões politicas e nas sociedades secretas, Paganino era incansavel em propagar os sãos principios da democracia, trazendo para o credo liberal novos adeptos arrancados da classe operaria e das camadas populares.

Fransino, debil, nervoso, a alma fallava-lhe nos bellos olhos transparentes e perspicacissimos.

Depois de orar largo tempo, de caír offegante e extenuado na cadeira, aos applausos do auditorio seguia-se um olhar de sympathia e de tristeza d'aquelles que, vendo-o tão cheio de

talento e tão moço, presentiam quão breve seria a sua preciosa existencia!

Vem a proposito narrar aqui um lance da vida de Paganino, lance que tanto lhe amargurou e abreviou os dias.

É da vida intima e está no caracter d'este livro, consagrado, principalmente, á historia particular dos homens notaveis com quem lidei.

No meio do ardor febril, que levava o moço escriptor a apparecer, como por encanto, nos cafés, nos theatros, nas reuniões politicas, no escriptorio dos jornaes, á cabeceira dos seus enfermos, Paganino, subitamente, ausentou-se de todos os circulos.

Produziu grande extranheza, em quantos o conheciam, aquella mudança.

Em breve correu-se o véu mysterioso. Rodrigo Paganino, o moço devotado á sciencia, ás letras, á politica, o epigramma vivo, que chasqueava, nos revezes de coração, os seus amigos mais intimos, estava perdidamente namorado.

Alma virgem, enthusiasta, inspirada e nos dias germinaes da primavera da vida, o amor foi para elle como um clarão sidereo, que o illuminou todo, deslumbrando-lhe a rasão, subjugando-lhe a vontade, embriagando-lhe os sentidos.

Sciencias, letras, ambições politicas, vatici-

nios fataes do medico sobre o estado do proprio coração — tudo desappareceu!

O coração, se palpitava, era em transportes de jubilo! O amor operara o milagre! Estava robusto aquelle coração, porque podia com tanto amor!

Um domingo de manhã recebi um bilhete de Paganino, pedindo-me, instantemente, para que fosse passar com elle o dia n'um suburbio da cidade, nas proximidades do Poço do Bispo.

Fui.

Era em meiados de novembro.

O ar estava sereno, puro e frio.

O céu, azul ferrete, nadava em luz.

Quando cheguei, esperava-me na estação do caminho de ferro.

Saltou-me ao pescoço alvoroçado, palpitante, n'um jubilo infantil, precipitando e cortando as phrases, como o homem que quer dizer mil cousas a um tempo, não podendo accommodar a anchura do pensamento no molde estreito da palavra.

Andando e declamando, exclamava constantemente:

—«Tinhas rasão; os poetas são grandes homens. Estudo, sciencia, enredos politicos, a propria humanidade, que valem? Que me importa a mim que a Russia venha a ser republicana e a America Ingleza absoluta. A humanidade não vale nada, o amor é que vale tu-

do. Os poetas é que são os sublimes pensadores.

«Olha, proseguia elle com pasmosa loquacidade, e comprimindo com a mão o coração, que no bater descompassado parecia querer saltar do peito, olha, todas as apprehensões que eu tinha a respeito do meu estado de saude desvaneceram-se. O que suppuz uma lesão organica não era mais do que uma grande excitação nervosa, proveniente da maldita politica. Estou bom, estou para viver cem annos. Este abalo de alma transformou toda a minha organisação».

—«Tu o que estás é doido varrido», atalhei eu.

—«Bem sei; pouco me importa, porque estou felicissimo. Vem vel-a», proseguiu elle.

De facto felicissimo estava, n'esse momento, aquelle excellente rapaz!

Acompanhei-o. Minutos depois tinha-me apresentado ao seu idolo.

Desculpavel ou antes plausivel era a loucura do meu pobre amigo!

Á entrada de uma casa ao rez do chão, avançada por um jardimzinho perfumado de violetas, estava ella, esperando o noivo e o hospede annunciado. Estava em pé, entre a porta de grades, aberta de par em par, que dava entrada á casa. Shakespeare, se a visse, exclamaria:

Ella nasceu para matar de encantos,
Eu para amando-a em vão, morrer de amores!

No ambiente da manhã, onde brilhava uma tenuissima poeira de oiro, recortava-se a sua figura um pouco mais do que mediana.

No primeiro aspecto tinha um ar recolhido, mas tambem no primeiro relance entremostrava um não sei que de mundano, mixto que se não póde precisamente definir, comparavel, talvez, ao que se observa em certas figuras do quadro da morte de Orcagna, que por entre o mysticismo da idade media prenunciam já a alma nova e sensual da Renascença.

Á primeira vista fez-me singular impressão: attractiva e repulsiva.

Depois, e ao passo que fallavamos animadamente, observei-a com toda a attenção. Observei-a como se visse e estudasse pela primeira vez a mulher destinada a casar com meu filho.

A cabeça era pequena. O cabello, castanho finissimo e tanto, que chegava a incommodal-a com o seu peso, terminava abaixo da nuca, por umas espiraes tão delicadas, que faziam lembrar os lineamentos tenuissimos de certas plantas marinas vistas atravez do crystal das aguas.

O pescoço, alto e airoso, sem turgidez burgueza, produzia os movimentos de cabeça com

a graça provocadora de certas aves quando arrulham ou saltam gorgeios para captivar o amante.

A bôca sem exageração diminutiva e os labios pronunciados, vermelhos, similhantes á rosa traspassada pelos raios do sol n'um dia calmoso de primavera. Quando se entreabriam n'um sorriso voluptuoso, deixando ver os dentes meudos, bem talhados e alvissimos, pareciam aquelles labios, como os da Sybila de Delphos quando, virgem e adolescente, auria as delicias do beijo arrebatado do deus da formosura.

Tinham o tom e como que a rigidez marmorea o pescoço, os hombros descaídos, os braços torneados e a ondulação virginal do seio bem dividido, similhante na fórma áquelles frutos de que falla Camões, n'uma das suas imagens mais verdadeiras e graciosas.

Os olhos castanhos, ora brilhantes, ora velados. Havia scintillações subitas nas pupillas, que produziam o effeito de correntes electricas.

Só descaíam quebrados e languidos aquelles olhos nos olhos do amante, mas a furto miravam para os outros homens com expressão profunda e selvatica.

Se um olhar audaz surprehendia o d'ella, uma onda de sangue vinha-lhe ás faces.

Seria o rubor da castidade?

A tez era do branco sem brilho, branco ma-

te, como dizem os francezes e tambem se póde dizer em portuguez com certa auctoridade. O nariz picante e um nadinha arrebitado.

Aqui está o que era esta mulher illuminada com os raios de oiro do sol da plena adolescencia.

Facil e graciosa na conversação com os homens, mas por extremo recatada.

Quando, porém, segredava ao ouvido das suas amigas, uma fazia-se vermelha, outra reprimia o riso a muito custo.

Que segredos seriam os da virgem, que enlouquecera o meu enthusiasta e desventurado amigo?

IX

Correram alguns mezes.

Auras serenas, mar tranquillo, noites cravejadas de estrellas ou nadando em ondas de luar, auroras côr de rosa, crepusculos suaves como a violeta, n'uma palavra—idyllio completo,—era a vida para o joven medico.

Frequentava a casa da noiva, com grande intimidade, um rapaz muito moço ainda, pequeno, lymphatico, quasi anemico, escutando os largos e brilhantes improvisos de Paganino, com um sorriso, que estava a pedir um logar de bem-aventurado no céu.

Rodrigo chegava a achal-o sympathico e talvez intelligente.

Considerava-o um objecto de casa!

Um dia correu a noticia de que havia saído uma sorte da loteria da Misericordia de Lisboa ao rapaz enfezado, que se mettia ao canto da sala, ouvindo discorrer com um sorriso de justo na bôca insignificante.

Chegava a primavera.

A noiva do meu alucinado amigo regressava para a sua vivenda do campo.

Deixavam a cidade mais cedo esse anno: não havia que estranhar; abril vinha cheio de clarões, de verduras, de flores, de perfumes, de cantos, e o amor — eterno no mundo — dá-se tão bem com as rosas, com o sol, com os aromas, com os gorgeios dos passaros!

Á despedida passou-se o seguinte dialogo — quasi textual — entre o noivo e a noiva.

— «D'esta vez não pude vencer a teima do papá. Resistiu a tudo: é a primeira vez. Não imaginas; vou desesperada».

— «Posso ir ver-te quasi todos os dias ou todos os dias. O campo faz-te bem...»

— «Olha; não vás este domingo, vae no outro...»

— «D'aqui a dez dias...; que idéa é essa?»

— «É um segredo; saberás depois, mas promette-me...»

Elle instou por saber o segredo; ella con-

servou o mysterio, envolvendo-o n'um olhar, tão ardente e tão promettedor!...

O noivo não instou mais.

Veiu o suspirado domingo.

Rodrigo Paganino logo correu a visitar a noiva.

Quando chegou á estação do Poço do Bispo fez-lhe estranheza a ausencia da noiva ou de alguma pessoa de sua familia.

Chegando a casa encontrou uma criada, que não era sua conhecida:

—«Onde estão as senhoras?»

—«Foram para a igreja; é hoje o casamento».

—«Casamento? Qual casamento?»

—«O da menina com o senhor F...»

—«Querem ver», disse Paganino comsigo mesmo, «querem ver que o pateta do F..., que se pilhou agora de sorte grande, vae casar com a prima... É que não é outra cousa... Está descoberto o segredo, a surpresa... É o casamento...»

E com animo desafogado e folgasão encaminhou-se para a igreja.

Quando chegou ao adro o povo apinhava-se em volta dos noivos.

Paganino rompeu por entre o povo e viu a sua noiva, de véu branco e flôres de laranja, pelo braço do rapaz anemico, que se mettia ao canto da casa, de sorriso seraphico, e a quem ti-

nha saído a sorte grande da Misericordia de Lisboa havia tres mezes!

Rodrigo Paganino, no primeiro instante, sentiu faltar-lhe a terra debaixo dos pés, um sabor sanguineo na bôca, e como faiscas chrispando-lhe diante dos olhos.

Depois soltou uma gargalhada secca, nervosa, estridula, gargalhada de ironia mortal, e nunca mais, senão muito de leve, e aos seus mais intimos amigos, fallou d'aquella mulher.

Ainda voltou á imprensa periodica, ás reuniões politicas, aos jantares dos sabbados; ainda escreveu as paginas finaes e as mais bellas dos « Contos do tio Joaquim », e ao cabo de quatro mezes morreu.

Aqui está a carta que eu escrevi, pela imprensa, a uma intelligente e amavel senhora, que tinha sincero enthusiasmo e verdadeira estima pelo moço escriptor:

Cara amiga!

Pede-me, na sua ultima carta, que lhe diga se continuam as melhoras de Rodrigo Paganino. Respondo com as palavras de Christo aos discipulos: «O nosso amigo Lazaro dorme».

Infelizmente não posso acrescentar: «Mas eu vou a Bethania acordal-o».

O infeliz expirou ha dois dias.

Nos ultimos mezes da sua longa e cruel enfermidade, o que padeceu é só comparavel aos paroxismos da agonia!

A morte veiu finalmente dar-lhe o beijo da paz! E com que resignação a encarou elle!

Sabe a minha excellente amiga, que as dôres moraes encontram, se não completo remedio, ao menos allivio na propria dôr. É por isto que acho um certo prazer pungitivo, se me é permittida a expressão, em lembrar circumstancias que precederam o transe angustioso da morte do nosso querido amigo.

Recorda-se, minha senhora, do terrivel golpe que a fatalidade descarregou, ha pouco mais ou menos seis mezes, no coração de Rodrigo Paganino? Sei que se recorda bem; foi v. ex.ª a melhor confidente e consoladora que elle podia ter.

Começou aquelle melindroso e elevado engenho a sentir os primeiros rebates da doença fatal quando viu a imagem, a que votava adoração fanatica, caír do altar e manchar-se no lodo das miserias humanas. Como não havia de quebrar-se-lhe o coração, se elle só no espaço de uma noite bateu por annos!

Em agosto vi-o pela ultima vez. Era de manhã; estava sentado ao pé da janella olhando para umas arvores, que lhe ficavam fronteiras, e estendendo os pés, faltos de vida, para uma restea de sol vivificador.

Alegrou-se quando nos viu a mim e a José Avellar, companheiro de infancia e collega nos mesmos estudos.

— «Rapazes, tenho tudo preparado para a jornada; vou-me no outomno, que é a minha estação favorita».

A voz era de um moribundo; o sorriso de um martyr!

Respondemos-lhe não sei o quê, e cada um de nós tratou de esconder as lagrimas o melhor que pôde. Havia em roda da cabeça d'aquelle moço de vinte e oito annos, medico, escriptor distinctissimo, que deixava a vida com tal abnegação, o quer que fosse já de uma aureola do céu!

As duas irmãs, que davam a vida por elle, estavam ali a olhar com indisivel affecto para o irmão da sua alma, e, de quando em quando, ainda um raio de esperança lhes vinha animar os rostos.

Imagine v. ex.ª agora no fundo do quarto o pae e a pobre mãe, pedindo, talvez em secreto, a Deus mais dois logares na mesma cova do filho, e terá completo o tristissimo quadro que nós contemplámos!

Por uma antithese singular a natureza ria toda em volta de nós com a festa do verão.

Paganino não se enganou: partiu no fim de setembro.

Se me fosse dado, minha senhora, designar

a época da minha morte, quizera tambem cerrar os olhos com o expirar do outomno!

Seria um deslisar suave d'este mundo transitorio para o frio do tumulo — como é suave o deslisar d'esta quadra de transição para os gêlos do inverno!

Um bom aperto de mão.

Setembro — 24 — 1863.

De v. ex.ª

humilde escravo e affectuoso amigo.

Bulhão Pato.

L. A. REBELLO DA SILVA

CAPITULO X

L. A. REBELLO DA SILVA

A época e os oradores.—Oradores inglezes.—Sheridan.—O discurso sobre Warren Hastings.—Opiniões de Burke.—Rebello da Silva em Coimbra.—As tres raposas.—Na Ajuda.—O jornalista e o orador.—Na conversação intima.—Os jantares das quintas feiras.—A. X. Rodrigues Cordeiro e os seus improvisos.—Vingança da opposição.—O rapazio perseguindo o ministro.—O poeta desbaratado na urna.—A casa do valle de Santarem.—O gigante do valle.—Descripções épicas de Rebello da Silva.—Como se escreveu a «Ultima corrida de toiros em Salvaterra».—As lições do curso.—A pistola e a frecha.—Rasgos de alma.—Na camara dos pares.—Ultimos improvisos!

I

Diz-se, e não raro, que a ausencia actual de oradores, na nossa terra, não provém da falta de engenhos n'este ramo frondosissimo da arte, mas sim da indole da época.

O enthusiasmo arrefece, para deixar o passo livre á rasão fria que, em nome da sciencia, trata de resolver os problemas sociaes. As paixões cáem diante do criterio, a arte converte-se n'um instrumento de utilidade; a litteratura, capitulada de aristocratica, terá de emmudecer diante da democracia, que é scientifica.

Não creio na influencia fatal d'esta época sobre os oradores, — lá está Castellar em Hespanha e Gambetta em França, nem na morte das paixões pelo ki[illegible]terio[illegible],—nem na aristocracia da litteratura, nem [illegible] democracia da sciencia.

Litteratura aristocratica!... sciencia democratica!...

Palavras!

Quem entende melhor o povo — Beranger ou Laplace?

Paixões! santo Deus! Pois querem paixões mais energicas do que as que se agitam por todo esse mundo?! De um lado a liberdade, a justiça, o bello — paixões santas e vehementissimas; do outro o despotismo com o seu apanagio de crimes e de miserias: o progresso a braços com o ultramontanismo, a demagogia infamando a democracia! E não ha paixões?!

Umas pela ambição sombria do mal, outras pela aspiração generosa do bem, ahi estão frente a frente, e, n'alguns pontos, já com a espada na mão, no campo ensanguentado da batalha.

Entre nós o que falta são oradores.

Até no meio da paz, discutindo as questões mais positivas, apparecem elles, quando os ha de lei.

Thiers, se não tem os repentes apaixonados de Berryer, de Lamartine, de Louis Blanc, vejam com que elevação, graça e primor de fórma

trata dos assumptos mais aridos: ás vezes até as cifras de um orçamento!

O orador não é só o tribuno que, n'um momento dado, leva o povo ás bôcas dos canhões, deslumbrado com o prestigio e pompas da sua palavra. A Inglaterra, depois de Carlos I até aos nossos dias, teve os primeiros oradores do mundo contrastando todas as idéas economicas, politicas e sociaes.

Proferiam os seus discursos na praça, em meio das terriveis erupções populares, entre as ondas revoltas da «Convenção», ou ao abrigo da lei, no centro grave e austero do parlamento inglez?

Discutiam, argumentavam, mas com energia: tinham letras, tinham sciencia, tinham fórma; eram oradores.

Sem fallar dos patriotas irlandezes, que, ao resgatarem-se do despotismo, produziram os maiores prodigios da eloquencia moderna, principalmente representada por Burke, Sheridan e Grattan, a tribuna ingleza, desde Fox e Pitt até Lord Macaulay, foi um assombro de eloquencia, resolvendo por meio da palavra os maiores problemas da economia politica e da economia social da Grã-Bretanha.

E' complexa e variadissima a indole dos oradores.

Posto não seja frequente póde e tem havido oradores sem expontaneidade na conversação

particular e incapazes de um verdadeiro improviso.

Sheridan na palestra familiar e das salas não tinha um repente, uma réplica, uma saída.

Os seus discursos eram filhos de largas vigilias litterarias. Ao invez de Fox, que se inspirava no momento, Sheridan modelava, remodelava, corrigia, limava, polia as suas orações, e a arte era tal que ao pronuncial-as não se lhe sentia o trabalho aturado, antes parecia que o cinzel estava arrancando da pedra bruta a imagem e realisando improvisamente o ideal.

No seu famoso discurso contra Warren Hastings levantou todo o parlamento, como Massillon, do pulpito descrevendo uma tempestade, fez levantar os ouvintes aterrados, e Garrick toda uma platéa, proferindo a maldição do Rei Lear.

A proposito d'esse discurso diz Burke, a maior figura entre aquelles homens extraordinarios, estas memoraveis palavras:

«A oração contra Warren Hastings petrificou de admiração milhares de ouvintes que estavam na camara.

«Foi um prodigio unico na historia da eloquencia; prodigio que reflecte a maior honra sobre o orador, o maior lustre sobre as letras, e maior gloria sobre a patria.

«Jámais a eloquencia antiga e a moderna, a profundez da jurisprudencia, a dignidade do senado, a paixão do foro, a moral do pulpito chris-

tão, produziram nada comparavel ao que nós ouvimos na sala de Westminster.

«Que orador sagrado ou profano, que historiador, ou que philosopho apresentou nunca cousa que se aproxime da torrente de imagens sublimes, de metaphoras atrevidas, de pensamentos fortes, de maximas scintillantes de luz, como as que admirámos hoje n'um transporte extatico?

«Desde a mais alta poesia até á mais alta eloquencia, não houve genero de composição onde não possam achar-se modêlos completos no immortal discurso contra Warren Hastings.»

As orações de um homem d'estes eram resultado do lavor aturadissimo.

Um critico inglez, referindo-se á mingua de facilidade que Sheridan apresentava na conversação, dizia com chiste e conceito, que era como um banqueiro que tivesse montes de oiro, mas que saisse para a rua sem metter um real no bolso.

E' uma excepção a de Sheridan, e sobre tudo entre nós, os peninsulares, imaginosos e disertos, mas prova ella bastante quanto o estudo e o lavor constantes podem influir nos oradores.

Hoje a maior parte dos moços, aliás de talento, que miram a alta eloquencia, não tem fórma nem sentimento verdadeiros: tropos, imagens, allegorias, antitheses e até a propria de-

clamação, tudo é emphatico, postiço, mil vezes peior do que a phrase chã e vulgar.

No genero didactico, n'esse, sim, n'esse temos homens de incontestavel merito.

II

Rebello da Silva, como José Estevão, nasceu orador, mas procurou, durante toda a sua vida, descobrir com o maior desvelo os segredos da palavra.

No auctor da «Mocidade de D. João V» o sol do engenho rompeu muito cedo e muito brilhante. Os seus primeiros ensaios de palavra foram na «Sociedade Escolastico-Philomatica de Lisboa.»

Já ahi se revelou, embora balbuciante ainda, o seu grande talento.

Com o que não podia accommodar-se aquelle independente e scintilante espirito era com o rigor das disciplinas academicas.

Dá-se isto ás vezes.

Chegado a Coimbra não passou do «pateo», ou antes de lá saiu, depois do exame de latim, perseguido pelos dentes afilados de tres implacaveis raposas!

Os pedantes correram-no com vaias.

Os moços d'aquella notavel geração, que produziu jurisconsultos como Silva Bruschy, poe-

tas como João de Lemos, prosadores como A. A. Teixeira de Vasconcellos, oradores como Casal Ribeiro, etc., perdoaram-lhe as syllabadas e perceberam que no fuzilar d'aquelles olhos havia um raio de genio!

De Coimbra recolheu para o apartado eremiterio da Ajuda, onde principiou a trabalhar ferverosamente á sombra de A. Herculano, não esquecendo o latim, pelo menos o preciso para poder caminhar com desassombro nos seus estudos historicos.

A politica ainda o não havia tentado com as perfidas, mas, ao que parece, seductoras caricias.

O retiro da Ajuda era o sanctuario da paz. As paixões acres, violentas, malevolas, redemoinhavam, zumbiam, estrondeavam em volta da casa, mas recuavam quando iam a penetrar os umbraes da estancia consagrada ao lavor abençoado das letras e da sciencia.

Rebello da Silva tinha então vinte e dois annos. Estatura mediana; debil, lymphatico; fronte espaçosa e abobadada, na fórma da testa de Shakespeare, segundo representam o Eschylo inglez. Cabello basto, excessivamente negro e fino. Olhos pretos, faiscando como dois brilhantes negros das mais finas aguas. Bôca voltairiana. Rebello tinha o epigramma prompto, cortante, agudissimo, mas a sua ironia não era nem dicaz nem venenosa.

Ainda na adolescencia, o corpo acurvava-se, como se estivesse na senectude. Tinha o vicio de Bocage: roia desesperadamente as unhas. A sua physionomia, olhada perfunctoriamente, parecia vulgar, estudada com attenção era a physionomia de um homem superior.

Quando se erguia para fallar todo elle era outro.

O semblante illuminava-se-lhe com o fulgor da verdadeira inspiração. Os olhos chispavam. Não podia esconder o tremor dos dedos nos primeiros periodos do discurso; todavia a voz era firme, voz redonda, sonora, não demasiado extensa, nem com grande diversidade de notas, como a de José Estevão, mas insinuantissima. Depois de dois annos seguidos de vida de estudo na Ajuda, Rebello atirou-se, como um athleta de musculatura colossal e ungido de balsamos, para meio da arena politica. Redigia um jornal, a «Carta», e redigia-o nas circumstancias mais difficeis.

O moço publicista, assim que floreou o gladio, conquistou immediatamente um logar de honra entre os primeiros jornalistas politicos de Portugal.

Entrou na camara ainda no tempo do conde de Thomar, mas a sua grande estreia oratoria foi nos primeiros dias da «Regeneração».

O poeta das «Folhas caídas» era ministro dos estrangeiros; Rebello da Silva era opposição.

Levantou-se para atacar o governo, mas, parando diante do mestre, que estava sentado no banco dos ministros, saudou primeiro o grande orador e grande poeta.

O prologo d'esse discurso é um dos pedaços mais elevados, mais brilhantes, mais bellos da eloquencia portugueza! Infelizmente não resta d'elle mais que umas notas mutiladas no «Diario do Governo».

Como jornalista, com o primeiro artigo conquistara um logar entre os maximos da imprensa periodica, e orador, com o primeiro discurso alcançara a corôa de laureis n'aquelles «jogos floraes» da politica!

Note-se que o jornalista e orador publicava ao mesmo tempo, todas as semanas, na «Revista Universal», um capitulo d'aquelle primor litterario que se chama «Mocidade de D. João V».

Garrett, que não malbaratava elogios, por muitas vezes me disse:

—«É um assombro de talento este rapaz!»

III

Todas as quartas feiras Rebello da Silva recebia a jantar os seus amigos intimos, A. Herculano, Rodrigues Cordeiro, Lopes de Mendonça, Lima Felner, F. Maria Bordallo, e eu.

Ao café appareciam ordinariamente Oliveira Marreca, Latino Coelho, Andrade Corvo.

A mesa franca, excellente e abundantissima.

O maior agasalho, a mais affectiva lhaneza nos donos da casa.

Rebello, diga-se a verdade, na torrente esmaltada e luminosa da palavra não tinha quem o igualasse.

Era um conversador prodigioso! A phrase saía-lhe sempre elegante, correntia e primorosa. Nunca ouvi ninguem fallar assim. A abundancia e propriedade de epithetos reunia a graça expontanea e uma força de colorido inimitavel.

Vel-o executar, de improviso, um inimigo politico, pregando-o no pelourinho do escarneo!...

Que imaginação no inventar de supplicios! Cada epitheto era um sêllo de ridiculo indelevel para a victima, e até para a sua desventurada geração!

Em dois traços, ás vezes, completava o retrato de um personagem.

A sua facundia primava em qualquer genero. Corria todas as gammas com a mesma facilidade.

Era shakespeareano na palestra. Agora uma ironia fina, logo a observação profunda; subitamente uma chapada de côr propria para provocar a gargalhada franca e popular, como em pleno entremez; de improviso a descripção pittoresca; a proposito um quadro luminoso da

historia, ou uma scena politica das grandes assembléas, — tudo isto borbulhando facil e crystallino, como a fonte que se desata e referve no impeto de abundantissima veia nativa.

O charuto ao canto da bôca, entre uma nuvem de fumo e um copo de cognac, os olhos scintillando de inspiração e alegria, que horas nos fazia passar esse homem privilegiado pelo talento e privilegiado tambem pelo seu nobre coração!

Que bom humor era aquelle!

Ser alegre é ser bom.

Homem que está sempre sorumbatico, tenham-me cuidado com elle! E' raro que não ande cavilando no meio de pregar alguma ao seu similhante!

A. X. Rodrigues Cordeiro, então na força da mocidade e no fervor do enthusiasmo da sua excellente alma, era um dos convivas mais joviaes e mais animados d'aquellas reuniões intimas. O dulcissimo poeta das margens do Liz tinha o seu tanto ou quanto da veia humoristica, tão facil e abundante, nos principios d'este seculo, entre os vates da escola bocageana.

Era improvisador.

Rodrigues Cordeiro, como todos os convivas da casa de Rebello da Silva, que entravam em politica, pertencia n'essa época á opposição.

Estava no ministerio Julio Gomes da Silva Sanches, homem honrado e liberal sincero.

Os proprios adversarios o tinham como tal, mas eram adversarios, e não podiam furtar-se á dicacidade propria de inimigos politicos.

Um dia, ao postre, notou-se que o nome do ministro, Silva Sanches, tivesse apparecido, na vespera, n'uma folha, beneficiado com dois novos appellidos.

Augmentara o pessoal, já opulento, do seu nome, com mais: «Machado Rocha».

— «Aposto, disse um de nós, interpelando o poeta, aposto que não és capaz de pôr em verso o nome do teu implacavel adversario.»

— «Não sou?! disse Cordeiro, erguendo-se com os olhos scintillantes e ferido no seu orgulho de improvisador. Não sou?! Ora essa! Ahi vae.

E em seguida exclamou:

Ó Julio Gomes
Da Silva Sanches
Machado Rocha,
Não te desmanches,
Não vás alem:
Deixa esses nomes,
Fica no Gomes,
Que ficas bem!

O repente foi applaudido. Rebello da Silva fez-lhe os commentarios em prosa.

Era uma saraivada de novos e lancinantes epigrammas!

Não satisfeito ainda, — o que é a peçonha da

politica! — copiou os versos e pregou com elles n'um jornal, precedidos por um prologo viperino.

A perseguição ao honrado ministro não ficou aqui.

Dois gaiatos foram seduzidos, a troco de alguns tostões, e o nome do ministro, desconjuntado no procusto da redondilha, metteu-se n'um modilho popular. Em poucos dias o enxame zombeteiro, que alegra as ruas da cidade, cantava os versos por todos os angulos da capital, e o desventurado ministro não dava um passo sem que o mordesse o falsete escarnicador do rapazio folgasão e desenfreado, que lhe celebrava em metro e rima os appellidos!

Tremenda vindicta da opposição!

Rodrigues Cordeiro tinha de expial-a bem caro!

O ministro, asseteado pelos versos do poeta, de que eram rhapsodos os gaiatos da metropole, jurou desforrar-se. Cordeiro partira para Leiria a tratar da sua eleição. Julio Gomes usou de todas as armas de que dispunha, como ministro do reino, e o vate foi desbaratado na urna.

Passados dois mezes, n'uma quinta feira, quando já estavamos á mesa, entrou Rodrigues Cordeiro em casa de Rebello da Silva, que chegara n'esse dia da provincia.

As suas primeiras palavras foram:

— «Malditos versos! Nunca os eu fizera! Custaram-me quinhentos mil réis e a candidatura!»

Uma salva de gargalhadas acolheu a dolorosa exclamação do poeta!

IV

O auctor da «Mocidade de D. João V» tinha uma casa no valle de Santarem. A casa ficava no sitio descripto por Almeida Garrett nas «Viagens». Lá estava ainda um resto d'aquella janella da Renascença, onde ao entardecer assomava a menina dos «olhos verdes», para ouvir, quebrada com a languidez de duas primaveras, — a que tinha no coração e a que florecia nos campos, — os seus rouxinoes predilectos.

Os loureiros, que ficavam á beira do assude, eram os mesmos do tempo d'aquella adoravel Joanninha.

Os rouxinoes é que não; mas tinham talvez aprendido, nas tradicções de familia, a celebrar, em ardentes e namoradas endeixas, a noiva do valle, que ainda hoje, com a sua aureola de virgindade, de formosura e de martyrio, parece vagar nas noites serenas por aquella deliciosa paisagem fallando á alma do scismador e do contemplativo. O valle de Santarem foi privilegiado da fortuna. Garrett escolheu-o para representar n'elle as scenas do seu drama sim-

ples, como Paulo e Virginia, como Atala, como Graziella; e Rebello da Silva para o habitar durante os melhores annos da vida, estudando, escrevendo, dando largas á sua ardente phantasia por aquellas alamedas umbriferas e devezas odorantes. Seja que a nossa imaginação, depois da leitura das «Viagens», augmente os encantos do logar; seja que o sitio tenha de facto alguma cousa de singular nas ondulações do terreno, na distribuição da luz, na suavidade das linhas flexuosas, no correr das fontes e dos regatos, na frescura da vegetação, a verdade é que não ha nada tão amenamente alpestre como aquelle suavissimo retiro!

Que horas, que dias, que mezes passei ali!

Até ao jantar trabalhavamos cercados de magnificos livros; depois saiamos a espairecer pelo campo, eu com o perdigueiro e a espingarda, Rebello com o seu cajado e um romance no bolso. Quando se fatigava, sentava-se e lia. Assim que eu regressava de bater as perdizes, principiavam as apostrophes e os epigrammas, desfazendo na minha destreza venatoria. Sempre a mesma veia!

V

Rebello da Silva tinha um rendeiro, que lhe servia de guardador da propriedade. Podia di-

zer-se que a propriedade estava fechada a sete chaves!

Ninguem se atrevia a tirar um sarmento.

Chamava-se Paponas, o homem.

Rebello da Silva a descrevel-o era impagavel!

Um dia notei que o honrado mastodonte não usava de cajado, como todos os homens do campo.

Rebello parou, olhando-me com ar entre severo e compadecido:

—«Tu não sabes que homem é esse, desgraçado?»

Depois proseguiu com a gravidade do hellenista, que nos descrevesse um heroe de Homero:

—«Cajado! Não conheces o collosso. Por esse valle creio que não faltam pinheiros de quatro annos e tanchões de oliveira. São as suas armas favoritas; tem-nas sempre á mão; não precisa de andar carregado. Quando se affoitam alguns bravatões da leziria a vir perturbar o socego do valle, Achilles sae da tenda. Deita o olho a um pinheiro, vê que está na conta, arranca-o, separa-o da copa, estalando-o no joelho, como tu estalas um caniço, e, brandindo a clava, atira-se á turba, que debanda espavorida. Elle, correndo sobre ella, só pára na testada do valle. Os guardadores, envoltos n'uma nuvem de pó, fogem a escape dos seus cavallos. Paponas, encostado ao tronco homicida, alar-

ga os olhos pela campina, deserta com o terror da sua sombra!»

Rebello dizia isto convencido, como se tivesse visto o moço Hercules desqueixar o leão nas selvas.

— «Espantas-te», continuava inspirado com a biographia do seu heroe, «espantas-te? Não estavas no outro dia quando elle soltou a voz no bailarico do selleiro? Estalou-me o vigamento. Parecia um toiro urrando á saída do curro. Á Josepha da Iria, que era o seu par, estoirou-lhe o sangue pelos ouvidos!

«E o caso do sevado? Ah, tu não sabes: estiveste quinze dias em Lisboa. Vaes ouvil-o.

«Paponas engordou um bacoro. Era de raça ingleza. Tu viste-o. Estava como um novilho. Tres dias antes de S. Martinho veiu o gigante celibatario pagar-me a renda das duas courellitas. Não lhe quiz receber o dinheiro. Paponas lançou um olhar voluptuoso para o lombo do cerdo. Chegava o momento propicio de dar opimas glorias a seu ventre! Deitou as mãos portentosas ás orelhas do animal, estendeu-o no banco, amarrou-lhe o focinho, e acabou-o, como Castilho promettia fazer a certa victima. Amanhado, com todo o asseio, metteu-se á obra, abrindo previamente uma pipa de agua pé. Ao cabo de oito dias contados a pipa estava exhausta, e o javardo tinha sido devorado desde os chispes até ás orelhas!

«Os echos de todo esse valle retumbam com a gloria do feito! A posteridade, um dia, dará as honras de heroe legendario a este minotauro santareno!»

E Rebello da Silva, como se não estivesse ainda satisfeito com a descripção, erguia o braço, com gesto de assombro, exclamando:

—«É inaudito!»

VI

Aquella imaginação ardentissima coloria tudo. E é notavel, que assim que entrava em cousas positivas accudia-lhe com a maior frieza a sua alta rasão. Ninguem via com mais lucidez o lado possivel n'um negocio intrincado. O seu conselho, no meio das excitações e difficuldades politicas, era uma luz que se accendia subitamente. A perspicacia e alcance de olhar provou-a bem quando esteve á frente dos negocios do estado no ministerio da marinha.

Escrevia com a mesma facilidade com que fallava.

Voltando a uma época anterior, contarei como foi escripta a «Ultima corrida de toiros em Salvaterra.»

VII

Na entrada do verão de 1848 houve uma corrida de toiros de curiosos na praça do Campo de Sant'Anna. Essa corrida tinha por fim beneficiar os que haviam ficado desamparados com os ultimos acontecimentos politicos.

O enthusiasmo era grande. O povo era patuleia.

D'entre o grupo dos bravissimos rapazes de então destacavam-se dois cavalleiros[1]. Gentillissimos ambos. Vestidos de malha. As fórmas correctas e flexiveis da adolescencia apresentavam-se em todo o esplendor. Uma pelle de tigre fluctuando sobre os hombros. As cabeças juvenís, altivas e descobertas. Os cavallos nús, por freio e redeas apenas uma fita vermelha.

Espectaculo unico e enthusiasmo unico tambem! Aquelles moços tinham estado, havia pouco, no campo da batalha. Eram sympathicos pela formosura, pela destreza na lide, pelo valor, e principalmente pela causa popular que haviam abraçado.

Na frieza e indifferença dos dias que vamos atravessando, não se póde fazer idéa do que foi

[1] D. João da Cunha Menezes e D. José de Mello e Castro.

a tarde de 13 de junho de 1848, n'aquelle circo onde estrondeavam delirantes applausos.

Rebello assistiu ao espectaculo.

Combinámos jantar juntos no dia seguinte. O ponto de reunião foi o Café Suisso, á esquina do largo de Camões.

Á hora dada, Rebello da Silva appareceu. Vinha pallido. Tinha as olheiras pisadas, mas o brilho do olhar e o sorriso denunciavam o contentamento intimo do coração do artista, a quem a consciencia disse — e é essa a sua melhor paga! — é bella a tua obra.

Dirigimo-nos á rua da Horta Secca.

Rebello pediu um quarto separado. Á sobremesa tirou do bolso um manuscripto, e leu-me a «Ultima corrida de toiros em Salvaterra».

Aquellas paginas, das melhores da sua penna, não tinham quasi uma emenda, e haviam sido escriptas no breve espaço de uma manhã!

VIII

Na época em que fui passar uma larga temporada com Rebello da Silva, na sua casa do valle de Santarem, preparava-se elle para abrir o Curso superior de lettras. Era uma tentativa audaz em Portugal, onde os estudos d'essa ordem de cousas andavam tão descurados. Rebello, na vastidão e flexibilidade do seu en-

genho, ao passo que tratava de trabalhos de outro genero, como membro do Conselho de instrucção publica, gisava as primeiras lições do Curso, procurando nos livros mais notaveis o oiro da boa critica e da alta hermeneutica.

Quando appareceu pela primeira vez na cathedra, o salão transbordava com quanto havia de notavel em Lisboa.

Todos accudiam a ouvir aquelle admiravel orador.

A fama que havia alcançado na tribuna politica não a perdeu n'aquelle fôro de lettras.

A eloquencia de Rebello, nas lições do Curso, tinha grande analogia com a de Emilio Castellar nas conferencias do Atheneo. Imaginação viva, colorido forte, grandes quadros, scenas deslumbrantes.

O principe, que fundara aquelle curso, ia assistir ás conferencias.

A physionomia serena e formosa ora se lhe illuminava, ora se cobria de nuvens, segundo a historia, nos seus variados lances, apresentava os dias ridentes das grandes idéas, que tem sido a Paschoa florente da humanidade, ou os momentos tremendos em que os povos, oppressos durante seculos pelo braço da tyrannia, sacodem as cadeias, e no furor da sua justa vindicta baptisam com sangue o advento dos grandes principios.

Rebello era imparcial, desassombrado e lar-

go na apreciação das paginas da historia, que ia illuminando de improviso.

Conheço hoje por ahi alguns republicanos, muito democratas e sociaes, que não teriam alma de dizer, diante de uma testa coroada, metade do que Rebello da Silva disse muita, vez, e com a maior anchura, na presença do Sr. D. Pedro V.

Não escreveu nenhuma das suas conferencias. Promettia-me sempre que no dia seguinte reconstruiria o discurso, mas nunca o fazia.

Foi pena!

As lições eram delineadas, ás vezes, á ultima hora.

A mais inspirada foi a descripção do martyrio de Felicidade Perpetua, no Circo Romano.

Explendidissimo quadro! Arrebatou a quantos o ouviram, e estavam presentes muitos e das primeiras intelligencias de Portugal.

Aquella grande actividade de trabalho, as luctas da imprensa, e principalmente da tribuna, não eram para a sua compleição fraca. Muitas vezes, depois de uma conversação animada, offegava cansado, e, levando a mão ao coração, dizia com um sorriso melancolico:

—«A minha morte está aqui.»

Isto passava como uma nuvem fugitiva. Acudia logo o bom humor, e a phantasia começava a debuxar na téla do futuro os paineis mais ri-
os.

Rebello atirava ás rebatinhas, na conversação, com figuras, imagens e apreciações largas, ditos agudissimos, como um perdulario atira oiro ás mãos cheias.

Elle porém não se arruinava. Aquelles gastos extraordinarios eram das sobras.

IX

O auctor da «Mocidade de D. João V», como todos os homens de talento superior, tinha os caprichos raros, mas proprios dos grandes engenhos.

Davam-se n'elle puerilidades incriveis. Uma das suas manias era julgar-se insigne atirador á pistola e á frecha. Possuia para isso duas grandes condições: ser excessivamente tremulo, e ter a vista curtissima! Mas a sua imaginação era tal que se figurava rival vencedor d'aquelle frecheiro, que matou Ricardo, Coração de Leão, e por um excesso de modestia dava o segundo logar, na pistola, ao marquez de Niza.

Podiam fazer-lhe quantos reparos quizessem a proposito das suas obras litterarias. Era de uma docilidade extrema, mas em se lhe negando a destreza na pistola e na frecha, enfurecia-se.

O homem é um paradoxo!

Outras excentricidades havia n'elle tambem, mas essas provavam a sua grande alma!

Fumava pessimos charutos, e tinha em casa os mais puros havanos, que offerecia, ás mãos cheias, aos amigos. Deixava ás vezes de comprar um objecto insignificante em que tinha appetite, e, em secreto, valia a muita gente, chegando a acudir com contos de reis a um amigo, a quem os desgarrões da má fortuna haviam collocado em apertadissimo lance.

Nunca d'aquella bôca saíu um gabo das suas nobres acções!

Quando as faculdades lhe chegaram ao maximo gráu de perfeição com a idade e a experiencia, os symptomas da enfermidade fatal começaram a apparecer.

É singular, e parece providencial! Principiou a attribuir a phenomenos nervosos o que julgava, quando os rebates eram muito pequenos, como uma lesão organica!

X

Em 1869 estava na camara dos pares, onde proferiu talvez os seus mais energicos e inspirados discursos politicos.

Na sessão de 30 de julho, Rebello da Silva fez um longo e vehementissimo discurso com-

batendo o governo presidido pelo sr. bispo de Vizeu.

A impressão foi grande na camara: poucas vezes a eloquencia de Rebello da Silva tinha assumido aquelle vigor tribunicio, e principalmente no fôro aristocratico, onde os mais desassombrados espiritos costumam sacrificar ás fórmas convencionaes.

Quasi no fim d'essa mesma sessão, a proposito de uma carta em que o famoso orador, Emilio Castellar, advogava abertamente as suas idéas sobre a união iberica, Rebello da Silva levantou-se e de improviso fez então outro discurso superior ao primeiro.

Transcrevemos aqui um relance d'essa oração, que prova, a par da riqueza de fórma, a facilidade e felicidade com que o auctor do «Odio velho não cansa» sabia aproveitar os seus vastos conhecimentos historicos.

Ainda com a voz cheia, redonda e insinuante, dizia:

«Admirei-me que o gabinete não achasse nada que responder ao sr. Castellar. Não fica mal aos ministros escreverem, e algum dos actuaes é primoroso estylista e polemista.

«Porquê? Passam em julgado as suas asserções audazes quando nos convida a despedir o rei e a fundar a republica iberica. Se se tratasse de alguma vaidade ferida, de algum acto proprio estranhado, não se demoraria a resposta.

«Porque reinou profundo silencio sobre um escripto importante? Não censuro os jornaes. Fizeram o que eu faria. Noto só a indifferença do governo.

«Emquanto á crise a camara fará o que entender, e os poderes publicos obrarão do modo que julgarem mais conveniente.

«Do governo não espero nada, e da sua re-constituição muito menos. O gabinete póde prolongar a agonia, mas não prolonga a existencia; póde-se collar ao poder, como o molusco ao rochedo, porém não resolve nenhuma difficuldade, não adianta um passo e espaça e adia com risco imminente a solução dos problemas de fazenda e de administração. A popularidade perdida não volta e os meios de governar faltam-lhe.

«Hoje é preciso que os ministerios provem vontade, consciencia, conhecimento dos negocios, patriotismo, e que a opinião publica os fortaleça. Se não tiverem tudo isto, os naufragios hão de ser successivos, e só peço á Providencia que nos poupe o ultimo, que nos livre da suprema catastrophe!

«Quando fito os olhos do espirito no passado e procuro entrever o futuro, estremeço vendo os gráus de analogia que existem entre os dias que atravessâmos e a dolorosa época de 1580.

«Foi n'essa época que a velha unidade da monarchia, já estremecida, caíu agonisante nos

braços de alguns homens, que tambem promettiam salval-a; foi n'essa época que se levantou o prior do Crato, inebriando as multidões com a palavra cheia de illusões de renovar os dias gloriosos do mestre de Aviz. Mas o braço do bastardo do infante D. Luiz não podia com a espada de D. João I, e a grande raça de heroes desapparecera nas sombras da decadencia. Ministros sem capacidade, conselheiros sem intelligencia, soldados sem chefe, e um rei cardeal, moribundo e dominado pelos claustros, como haviam de organisar a resistencia nacional?

«Tudo estava alluido, tudo desabava.

«Nas côrtes de Santarem e Almeirim a discordia, a inveja, a pussilanimidade e o egoismo. Só uma voz nobre fallava a linguagem heroica das outras eras. O bispo de Leiria estendia em uma das mãos aos deputados o documento que attestava as indecisões da corôa, e estendia na outra a cedula das promessas de Christovão de Moura.

«Tudo agonisava—rei, povo, liberdade, brios e independencia. Todos invocavam a patria e ninguem se lembrava senão de si... É assim que morrem as nações.

«O veneno da corrupção minava a maior parte das forças; o desalento e a descrença quebrava o resto.

«Nos areaes de Alcaçar, ou nos aljubes de Mar-

rocos e de Fez, jazia morta ou captiva a flor da nobreza. A par do lucto da derrota de D. Sebastião avivava a dôr dos que sentiam o lucto proximo da perda da independencia. A pobreza era geral. A fome batia ás portas do maior numero. Os cofres publicos vasios, quasi que desarmavam antecipadamente a defensa. A questão de fazenda apressava então a dissolução dos elementos, que ainda podiam congregar-se para acudir ao perigo. Assim, de ruina em ruina, de humilhação em humilhação, no meio da anarchia mansa, que precede de ordinario os grandes cataclismos, chegou-se ao ponto da ordem e da segurança serem apenas um desejo sem realidade, chegou-se ao ponto do maior numero (cumulo de infelicidade!), nas trevas caliginosas do desespero, já não ver luzir para si outra luz, nem outra esperança, senão o clarão sinistro despedido das lanças e mosquetes dos veteranos do duque de Alva.

«A lucta com o estrangeiro foi curta. Em Cascaes, na ponte de Alcantara e nas margens do Douro, o partido da independencia, sem cabeça e sem disciplina, caiu, para não mais se levantar.

«Depois..., até os que tinham pelejado com elle, foram rojar-se aos pés do conquistador e pedir-lhe o que não estava na sua mão conceder—que fizesse surgir d'aquellas ruinas e d'aquella podridão o Portugal nobilissimo de

seus avós. Mas o dominio estranho é esteril e triste como o captiveiro que representa, e a sua voz mata, não vivifica.

«Filippe II não povoou senão de patibulos, de verdugos e de delatores as solidões moraes rasgadas em volta do throno militar. Sessenta annos de oppressão, de desastres successivos e de aviltamentos provaram aos portuguezes que o leão de Castella podia devorar membro por membro os estados que associava ao seu destino, mas que não podia salvar-se a si nem salval-os a elles.

«A Hespanha, embrutecida pelo despotismo e pela intolerancia monacal, declinava rapidamente, e cingindo nos braços armados o pequeno reino, alvo constante da sua ambição, queria arrastal-o comsigo ao abysmo. O moribundo, já meio afundado nas aguas tempestuosas, queria levar-nos por força á mesma morte... Bastou uma hora, bastaram quarenta homens, quarenta fidalgos, auxiliados pelo sentimento unanime do paiz, para sacudir um jugo longo e detestado. Dentro de oito dias a casa de Austria, que ainda fazia tremer a Italia, e os inimigos alliados para a combater, não contou em Portugal, uma villa ou uma aldeia sua, nem um soldado, nem um canhão, e ficou sabendo o que vale a vontade de um povo quando quer e sabe ser livre.

«O povo disse *não*, e com a ponta da espada

gravou nos campos de batalha, com o sangue das veias, o glorioso protesto de Aljubarrota. Deus abençoou suas bandeiras, e a historia da independencia ornou-se com mais uma formosa pagina. O povo disse *não*, e manteve a palavra, mas é porque teve fé em si e em seus destinos, porque pelejou unido e resoluto, porque tomou a nacionalidade por divisa e o throno da sua escolha por base. D. João IV foi o rei do paiz, o rei do direito legitimo, affirmado pela soberania popular. A sua força invencivel nasceu d'estas duas circumstancias. Para as chancelarias estrangeiras representava a legitimidade ferida em 1580 pela usurpação hespanhola, para os subditos era o rei levantado em seus braços, ungido pelo amor da liberdade, e saudado pelo sincero enthusiasmo da emancipação e pelo orgulho da alforria victoriosa.

«O que perdeu o reino em 1580? A incapacidade dos ministros, a pussillanimidade do rei e das côrtes e o desalento geral.

«O que salvou o nação em 1640? A união das forças e das vontades, a fé viva e decisão heroica.

«D. João IV tomou ministros que souberam segurar-lhe a corôa na cabeça, teve generaes, como o que se acha n'este momento a meu lado, que souberam attrair a victoria a seus estandartes, retintas de sangue as folhas das es-

padas, como as d'este, e mutilados tambem, alguns gloriosamente como elle!

«Generaes que hastearam sobre a cupula da monarchia restaurada a bandeira rota das quinas, a bandeira que tantas vezes guiára á victoria Sancho Manuel, o marquez de Marialva, D. João de Castro, André de Albuquerque, Mathias de Albuquerque, e outros, que eram da familia de Mem Rodrigues de Vasconcellos e dos capitães de D. João.

«Quer a camara saber o que é, o que vale e o que significa um paiz sem ministros? Quer ver quaes são os resultados que póde trazer um governo sem força, sem plano, sem energia e sem prestigio? Contemple a época de 1807.

«O exercito de Napoleão, commandado por Junot, já atravessava as fronteiras de Portugal, e um gabinete adormecido e inepto ainda ignorava o tratado leonino que desmembrava a patria. As aguias napoleonicas adejavam com as garras abertas para empolgar a capital, e Lisboa ignorava tudo, quando já a sombra da invasão lhe escurecia o rosto. Á ultima hora um grito de angustia despertou a todos.

«Era tarde!

«Viu-se então um espectaculo que resumiu as maiores maculas humanas!

«A monarchia fugitiva entregava o paiz aos invasores! Uma rainha louca era levada entre

gemidos e soluços para bordo do navio, que havia de transportal-a longe da terra onde repousavam os ossos de seus antecessores. O principe regente, quebrando a espada sem combater, deixava as praias da patria aos inimigos, e via abrir as vélas das náus ao vento com a anciedade com que veria despregar as azas á esperança da crise de uma batalha decisiva.

«Arrancando-se dos braços do seu povo, ía esconder alem do Atlantico, na terra de Santa Cruz, o septro e a corôa de D. João I e de D. José, lançando os alicerces da separação de um grande imperio.

«Em roda d'elle, pallidos, consternados, vergados pelo remorso, apinhavam-se os ministros e os cortezãos, porque este immenso infortunio ainda achou cortezãos, e a bandeira britannica desfraldava-se sobre a catastrophe como penhor de segurança para os profugos.

«Esta foi a scena dolorosa do ultimo somno da monarchia. A do ultimo somno da liberdade trahida narrava-a o luctuoso periodo de 1828.

«Se um Nuno Alvares, um João das Regras ou um marquez do Pombal aconselhassem a monarchia, Junot teria recuado, como annos depois recuou Macena.»

Poderiamos citar muitos outros periodos d'este improviso brilhantissimo.

Rebello da Silva, como Emilio Castellar, quando se tornava mais colorido e mais imponente,

era quando entrava no campo da historia. Essas luctas parlamentares violentissimas, porque só na sessão de 30 de julho de 1869 fallou por duas vezes, fazendo dois longos discursos, contribuiram muito para accelerar a maldita enfermidade que, passados dois annos, o devia levar á sepultura.

Luiz Augusto Rebello da Silva tinha cincoenta annos mal cumpridos quando morreu.

Havia sido jornalista, orador, romancista, historiador, cathedratico e homem de estado, porque o maior e melhor ministro da marinha — pelo seu largo alcance de vista — foi elle.

Era uma das mais bellas cabeças que tem gerado Portugal, e um dos melhores corações que tenho conhecido.

Apesar de ter sido victima, muitas vezes, das mordacidades ferinas da vilanagem, aquella nobre alma não conheceu nunca nem a sombra do odio.

Com José Estevão e Rebello da Silva perdeu-se o padrão da verdadeira eloquencia em Portugal, e Deus sabe quando se tornará a encontrar!

A. DA SILVA GAYO

CAPITULO XI

A. DA SILVA GAYO

A mala-posta.—Influencia de Coimbra sobre a intelligencia.—A vida escolar.—Um estudante.—Vaidade offendida.—Leitura do «Mari».—Fr. Caetano Brandão.—Opinião minha.—A Magdalena.—Illusões.—Convite para o Bussaco.—Ultimo abraço!

I

No verão de 1862, instado por um amigo—João da Costa Albuquerque—fui correr as provincias da Beira. Era beirão o meu excellente companheiro, e das familias mais respeitaveis e illustres d'aquella provincia.

Viajava-se então na «mala-posta».

Nunca houve companhia, empresa, serviço, n'uma palavra, tão bem dirigido como aquelle, na nossa terra. Magnificas as carruagens, soberbos os tiros de cavallos, pessoal de empregados attentos e dilligentes, regularidade ingleza em todo o movimento.

Assim foi, a principio, o caminho de ferro. Quem diria que haviamos de chegar a essa sujidade que está agora para ahi!

Era em principios de julho, quando partimos da estação do Carregado e fomos seguindo por aquella estrada fóra entre outeiros e montes, entre varzeas e pomares, até ao Mondego, o rio dos salgueiros, das saudades, das lagrimas, e principalmente da mocidade!

Em Portugal não ha terra como Coimbra, desenganem-se.

Nem os transcendentes poderam acabar com ella. Enthusiasmo, se o querem ainda achar, vão a Coimbra. Só lá habita hoje, por mais que os capellos cobertos de suas borlas queiram pôr cobro nos impetos da juventude, que se desgarra, ás tardes e ás noites, por aquelle choupal ou por aquellas varzeas fóra, discorrendo, poetando, fazendo loucuras, bosquejando futuros impossiveis, mas dando, como resultado de tudo isto, a iniciação de uma idéa nova, salutar, grande, que virá a realisar-se e será prestadia!

E assim foi em todos os tempos.

Os criticos de certa escóla affirmam hoje que, para se apreciar devidamente uma obra de arte, é preciso recorrer ao estudo do paiz onde ella nasceu. A disposição do solo, a luz, o céu, o ar que se respira, tudo isso tem uma acção directa e fatal sobre o senso estectico do artista.

É possivel: rasão de mais para que os nossos reformadores façam quantas reformas qui-

zerem nas disciplinas da Universidade, mas que se não lembrem jámais de privar a mocidade portugueza de viver cinco ou seis annos da adolescencia no seio fecundo e jovial da Lusa Athenas.

Em 1862 o espirito da mocidade principiava a tomar uma nova fórma no seu modo de ver e de sentir. Não faltavam desvarios, milhares de absurdos, theorias que, levadas á pratica, produziriam monstruosidades, mas no fundo e por entre o dedalo de pensamentos, que borbulhavam de cabeças juvenis e ardentes, o progresso seguia mysteriosamente no seu caminho providencial.

Idéas sociaes, idéas philosoficas, politica, religião, patria, familia, lettras, artes, tudo se confundia, ou antes abalroava n'aquelle mar batido de paixões, que em nome da «critica», da «analyse fria e serena», da «synthese» e de não sei quantas cousas mais, promettia subverter este mundo em que vivemos. O que realmente havia n'aquillo tudo era talento, aspirações altas, crenças sinceras, com as alucinações proprias dos verdes annos e a falta de experiencia e reflexão, que só vem com a idade. Mal, quando seja mal, de facil remedio.

II

Uma tarde, depois de um dia ardentissimo de julho, passeiavamos, Silva Gayo e eu, no jardim botanico, que é hoje um horto de grande merito para os homens de sciencia.

Fallavamos dos rapazes que frequentavam a Universidade, e acabava de perguntar eu qual era o de mais valor, quando Silva Gayo apontou para um moço, que n'esse momento entrava, com direcção a nós, n'uma das alamedas do jardim, e me disse:

— «É aquelle.»

Era um rapaz de estatura pouco mais de mediana; delgado, cabeça nobre e arejada, cabellos louros, muito bastos, de um tom forte tirante á côr de fogo. O buço começava a pungir n'um frouxel avelludado. A testa era ampla. A linha do nariz altiva, como o porte da cabeça e o andar, denunciava certo orgulho. Passando junto de nós fez um leve aceno com um sorriso amigavel a Silva Gayo.

Não attentou em mim. O sorriso tinha grande expressão de bondade. Notei, se é permittida a phrase, a serena scintillação do olhar; olhar claro e limpido.

— «Adeus, Anthero» disse Silva Gayo respondendo ao aceno do moço estudante.

—«Anthero de Quental?» perguntei eu.

—«Justamente.»

—«Sou amigo do pae e do tio; desejava fallar-lhe, mas achei-lhe um ar soberbo. Estes estudantecos sabios são tão senhores do seu nariz...» Disse eu, picado da profunda indifferença que o estudante mostrara pelo «litterato» chegado n'aquella manhã da capital, e cuja fama devia ter enchido já toda a cidade e seus suburbios. Os homens são assim, e eu sou homem!

—«Não é soberbo», respondeu Silva Gayo, «é distraído. Como vês, pode chamar-se uma creança; pois está ali um homem de bem e um bello talento!»

«Ha n'esta terra, proseguiu o auctor do «Mario», de «Frei Caetano Brandão» e da «Magdalena», uns certos que levam os primeiros prémios, que blasonam de eruditos, que, por serem loquazes, se julgam oradores, por terem lido meia duzia de versões allemãs se capitulam de sabios. Põe-nos em obra, e verás o que te saem. Anthero de Quental é outra casta de rapaz.»

Foi d'este modo que eu ouvi fallar de um moço, que via pela primeira vez, que me picava a vaidade pelo ar desdenhoso com que passara por mim, mal pensando que, mais para o futuro, lhe havia de votar estima fraterna, ufanando-me de ter por amigo um dos homens de mais escolhido caracter e de mais elevado talento que tenho conhecido.

III

Silva Gayo era beirão e amava entranhadamente o seu paiz.

Tenho notado que os homens nascidos nas montanhas tem mais encarecido affecto ao berço nativo. Até são aquelles em que a nostalgia se dá com mais frequencia.

Quando lhe disse quaes eram os meus projectos e lhe gisei a viagem, fallou-me com grande enthusiasmo das suas paisagens, onde as amenidades dos prados e devezas contrastam com a imponente magestade das serranias brutas, soberbas e gigantes como o Caramulo e o Herminio.

—«A gente, disse-me Silva Gayo, participa do caracter da paisagem; não a pode haver mais amena, graciosa e affectiva; mas, quando a indignação lhe revolta o animo—é terrivel. Podiam-se escrever duzias de volumes, e interessantissimos todos, com as scenas que se tem dado na Beira no decurso d'estes ultimos trinta annos.

— «E porque não fazes um d'esses livros?»

— «Tenho pensado n'isso, e a fazel-o, havia de dar-lhe a fórma do romance; mas eu não sou escriptor.»

Silva Gayo fallava primorosamente: desde

os verdes annos, e durante o seu curso de medicina, cultivava as lettras na leitura de bons modelos; mas não provara ainda a mão escrevendo coisa alguma; pelo menos de que tivessem noticia os seus amigos mais intimos.

Na volta da minha viagem pela Beira encontrei-o em Coimbra, e fui ouvil-o nas suas lições de medicina.

Sabia inflorar a aridez da sciencia com elegantissima fórma didactica.

Silva Gayo, no trato intimo, era um rapaz desprendido de todos os fumos universitarios. Conversador optimo, conviva de espirito, de bom apetite e muita alegria.

Sem estas condições não ha convivas possiveis.

Tinhamos já n'essa época trinta annos cumpridos, mas, apesar d'isso, atirámos com o gorro por cima da ponte, como dizia Garrett, e vivemos vida de estudante, discorrendo por aquelles encantadores arrabaldes, entrevendo no futuro muita illusão doirada, e não deixando á noite, segundo as tradições escolasticas, de frequentar os Vateis da cidade, desde o «Paço do Conde» até ao hotel «Carolo», que era a *fashion* de Coimbra n'aquelle tempo.

IV

Decorreram quatro annos. Na volta da minha primeira viagem á ilha de S. Miguel estava um dia de manhã em casa, quando me entraram pelo quarto Silva Gayo e Manuel de Arriaga.

Silva Gayo trazia debaixo do braço um volumoso manuscripto.

—«Que manuscripto é esse?»

—«É o livro que, ha quatro annos, em Coimbra, me disseste que eu devia fazer. Venho jantar comtigo, e, se estás disposto a perder a manhã, desejava que me desses a tua opinião.»

Era o «Mario».

Confesso que, logo ao primeiro capitulo, me produziu grande impressão a leitura, porque na firmeza elegante e correntia do estylo se me apresentava, improvisamente, no meu amigo, um escriptor.

Crescia o interesse a cada pagina no tecido d'aquelle livro, que, por mais que as raivas da inveja façam ranger os dentes dos critiqueiros mordazes, é a manifestação de um bello talento.

Silva Gayo apparecia tarde como escriptor, mas por isso tambem apparecia escriptor feito.

O auctor de «Frei Caetano Brandão» tinha uma voz agradavel, velada já um pouco com os as-

somos da enfermidade que havia de arrebatal-o, na força da vida, á sciencia, ás lettras, á patria, á esposa e ao filho, o seu adorado Mario!

Lia com propriedade e naturalidade. Escapara ao influxo malefico da declamação coimbrã, que é uma peste.

V

A actividade do espirito de Silva Gayo, quando entrou no seu periodo de escriptor, era uma actividade febril. Terminado o «Mario», e ainda não impresso, delineava já nova composição: era um drama, com o mesmo assumpto do «Frei Luiz de Sousa».

Eu combati-lhe a idéa, e, apesar do «Frei Caetano Brandão» ser uma obra de subido merito, ainda hoje sinto que o auctor não tivesse acceitado as minhas ponderações e ouvido os meus conselhos.

Depois de Garrett ter posto na téla do drama a terrivel situação da mulher honesta, que se encontra, subitamente, com dois maridos, este assumpto devia de ser como o pomo vedado. Igualal-o seria muito difficil, excedel-o quasi impossivel.

Se com a sua fecunda imaginação Silva Gayo escolhesse outro assumpto, em que entrasse tam-

bem a elevada e sympathica figura do arcebispo, o exito, a meu ver, devia de ser muito maior.

VI

Nos ultimos annos da vida de Silva Gayo as nossas relações estreitaram-se cada vez mais. Sempre que estava em Lisboa vinha jantar todas as quintas feiras a minha casa.

O medico, como acontece tantas vezes, ignorava o proprio estado. Attribuia a symptomas nervosos os progressos lentos, mas constantes, da tisica laringea de que estava atacado. As suas crenças eram tão vivas, que chegou a enganar os proprios collegas durante algum tempo, e quando já o mal tinha grande desenvolvimento.

O espirito estava juvenil, energico e enthusiasta, como nos dias aureos da adolescencia!

Caminhava para o futuro com a cabeça erguida, seguro de que tinha um largo horisonte diante de si, sorrindo-lhe as illusões litterarias, que são tão fallazes como todas as outras d'este mundo.

Ditoso engano!

Quantas vezes, ao cabo de uma leitura ou de uma conversação animada, lhe batiam as azas do nariz, lhe arquejava o peito e o affogava a tosse!

Sorria então, dizendo com a convicção mais firme:

—«Os meus nervos estão hoje insurreccionados. Tambem não admira... Este tempo!»

O calumniado céu estava como uma safira, e o norte limpido encrespava as ondasinhas lampejantes do Tejo!

VII

Poucos mezes depois de representado o «Frei Caetano Brandão», appareceu Silva Gayo com um novo drama.

Era a «Magdalena»—a sua melhor composição.

Não chegou nunca a subir á scena esta peça, que tinha, alem de grande merito litterario, uma profunda e soberba allegoria politica.

Não faltou quem tentasse fanar os loiros tão justamente alcançados por este formoso talento com satyras grosseiras e injuriosas. Foi mais uma gloria para o auctor do «Mario».

Talento em que não morde a inveja, não é talento.

Depois de concluida a «Magdalena», por mais que o espirito energico de Silva Gayo quizesse reagir contra o corpo, as forças começavam a abandonal-o. As illusões, porém, eram as mesmas.

Recordo-me que depois de uma consulta en-

tre collegas seus, Silva Gayo veiu dizer-me com alvoroço:

—«Fui examinado com o maior escrupulo. Tenho uma garganta modelo. A prostração em que me sinto vem do excesso de trabalho. Vou pôr tudo de parte e embrenhar-me na minha matta do Bussaco. Olha que d'esta vez é que te não dispenso. Em vindo julho conto comtigo e com tua irmã. Leva a espingarda. Eu acompanho-te, embora não cace. Fica certo que me vaes achar forte como um toiro.»

Dizia isto com voz fraca e velada.

Tinha o nariz afilado, as orelhas brancas e transparentes, a respiração curta e offegante, os dedos tremulos.

O desventurado estava morto!

Esforcei-me por lhe mostrar cara prasenteira, e disse-lhe adeus, dando-lhe um abraço.

Posso dizer como Telmo Paes, a proposito de Luiz de Camões:

«Foi o ultimo!»

Lá partiu para a sua matta do Bussaco, onde passara os dias mais florentes da gloria e da mocidade. Com a esposa e os filhos acompanhava-o um amigo extremoso, Manuel de Arriaga, nobre intelligencia e grande coração. Em julho, no mez em que elle contava abraçar-me cheio de vida e de força, caia n'outros braços, que ás vezes são os resgatadores das miserias d'este mundo—os braços da morte!

GONÇALVES DIAS

CAPITULO XIV

GONÇALVES DIAS

Physionomia de Gonçalves Dias.—As mulheres, como juizes supremos.—Biographia no Almanach de lembranças.—Primeiros dias da mocidade do poeta—Grandes luctas.—Juizo critico de A. Herculano.—O jantar do Matta.—Jejum forçado.—O prato de Quiabos.—Indignação do poeta applaudida pelo historiador.—O bife á portugueza.—Gonçalves Dias lendo nos jornaes a sua necrologia.—Indole pratica do auctor dos «Primeiros cantos.»—O naufragio.—A morte no mar.

I

Pertencia tambem á época do «Trovador» Gonçalves Dias. Nascera no Brazil, e tinha nas veias o sangue ardente dos filhos do seu paiz.

Era feio, de uma fealdade original, com um não sei que de altivo e ingenuo na expressão dos olhos crystalinos. Adusta a côr da pelle, os beiços grossos, as maçãs do rosto proeminentes, as ventas dilatadas, como para aspirar desafogadamente as brisas balsamicas e sensuaes das suas florestas seculares.

Feio era, e pequeno de estatura, que é um grande senão no homem; mas as mulheres gostavam d'elle—áparte os seus versos, áparte o seu grande talento...

Seria pelo brilho excepcional dos olhos, pelo ar arrebatado e meigo da sua physionomia, tão irregular, mas tão viva, tão energica?... Seria... Fosse pelo que fosse, gostavam d'elle as mulheres, e era o bastante para que o poeta, com rasão, se julgasse um homem feliz, em certo sentido da palavra, a despeito das pechas que houvesse de pôr-lhe a esthetica e a plastica de todos os estatuarios d'este mundo. Em belleza masculina os juizes praticos, e que decidem em tribunal de onde não ha appelar, são as mulheres. No Almanach de lembranças de 1873 escreveu Rodrigues Cordeiro uma excellente biographia de Gonçalves Dias. Quando este livro fosse destinado a fazer a historia da vida dos homens com quem lidei, dando-lhe o caracter propriamente biographico, eu não teria nada a acrescentar ao primoroso estudo que sobre o poeta brazileiro fez o poeta das margens do Liz.

Como foi carregada de nuvens a infancia de Gonçalves Dias, como lhe correu sacudida pelos desgarrões do infortunio a vida, que havia de terminar n'um naufragio! Tudo nos conta Rodrigues Cordeiro no seu estylo corrente, portuguez e elegante.

Gonçalves Dias, deixando Coimbra, regressou ao Brazil, e, depois de haver luctado com grandes embaraços, publicou os «Primeiros cantos».

Este livro tève um exito extraordinario.

A. Herculano saudou com enthusiasmo o poeta americano, n'um magnifico artigo.

Foi regressando á patria que rebentou viva a veia fecunda d'aquella inspiração.

A vista das suas palmeiras, a voz do seu sabiá, aquelle sol, aquellas flores, aquellas auras nativas, aquelles pomos onde prima o ananaz, a manga, a fructa do conde, esse paiz, emfim, onde ha passaros vestidos com a purpura dos cardeaes, inflammaram o estro do poeta, e a sua alma desatou-se em novos e admiraveis cantos!

O Brazil ufanava-se de contar, entre os seus filhos, o moço escriptor, e a fortuna, tão avara com elle desde o berço, parecia finalmente abrir-lhe o convidativo e voluptuoso regaço.

Gonçalves Dias voltou á Europa incumbido de uma commissão importante.

O auctor dos «Primeiros cantos» tinha vasta erudição; mas nem com as fadigas do estudo, nem com os laureis da gloria, nem com a posição official, perdera a bonhomia, o genio desatado e folgasão dos primeiros annos da mocidade.

Gonçalves Dias era tambem dos convivas dos sabbados, na Ajuda, sempre que vinha a Lisboa.

Amigo intimo de A. X. Rodrigues Cordeiro, relembravam juntos, no estylo vivo e colorido, peculiar de ambos, os dias alegres do seu tempo de Coimbra.

O poeta brazileiro convidou-nos um dia a jantar no Matta. Eramos A. Herculano, Rebello da Silva, Bordallo, Rodrigues Cordeiro, Paganino e eu.

João da Matta, sabendo que o amphitrião era gastronomo e habituado ás filigranas da cosinha de Paris, esgotou toda a sua fecunda imaginação em procurar raridades francezas, e principalmente raridades brazileiras.

Eram pratos phantasticos. Alguns pareciam destinados ao estudo dos grandes archeologos, porque tinham a fórma dos hieroglyphos. Outros primavam no variegado e na lubricidez das côres.

As perdizes, as codornizes, as narcejas, as gallinholas haviam-se transformado em sabiás, em periquitos, em papagaios, em araras!

— «Araras», dizia baixinho Rodrigues Cordeiro para Alexandre Herculano, que lhe ficara de lado, «araras são todas estas pinturas culinarias que eu não posso ver. Estou morto de fome!»

Alexandre Herculano e Rodrigues Cordeiro, portuguezes genuinos na mesa, portuguezes dos bons tempos de «antes quebrar que torcer», não admittindo o mais leve resaibo de gallicismo na lingua guisada e estufada, francamente, não tinham podido tragar bocado.

Cordeiro, menos soffrido, começava a desabafar em tom menor, ao passo que Herculano

supportava o supplicio com a heroicidade de um espartano.

Chegara o prato do dia, o prato da posteridade, a chave do soneto, o fecho da abobada, o remate do poema, o quer que fosse para a gloria de João da Matta, como o «Qu'il mourût» para a gloria de Corneille:—era um vegetal do Novo Mundo, raro na Europa, e preparado n'um prodigio de imaginação, n'um repente de verdadeiro genio, pelo poeta culinario.

O prato chamava-se «Quiabos». Xavier Cordeiro afoitou-se a provar. Foi-lhe a bôcca pelos ares. Eram mais ardentes do que os pimentões que mordem!

O furor não lhe consentiu ter mão na fecunda palavra:

—«Quiabos?!... Diabos é que estes são, legitimos diabos das profundas dos infernos. Eu estou morto de fome, e aqui o Alexandre Herculano está morto de fome tambem. Prodigios de paciencia temos sido nós. Ha tres horas que soffremos o supplicio de Tantalo... Um bife! um succulento bife, uma cousa que tenha nome conhecido, que seja possivel, que seja tragavel!»

Um bife! Mas quem ousaria pedir um bife burguez, com batatas, á portugueza, depois d'aquellas maravilhas da verdadeira arte! Era uma martelada no «Moysés», uma pincelada de cal virgem na «Madonna del la sedia», e isto

na propria cara de Raphael e de Miguel Angelo, queremos dizer na propria bochecha de João da Matta, afogueada pela inspiração e pelas labaredas da chaminé!

Ponderámos isto ao poeta, porém elle, pondo bôcca na as desesperadas palavras do conde Ugolino...

Poscia più che il dolor potè il digiuno

arremetteu com o Matta, e conquistou-lhe um bife!

Que vivacidade, que alegria, que horas foram as d'aquelle jantar!

Gonçalves Dias era uma bella cabeça, e era tambem um coração magnanimo. Affligiam-no os males da humanidade, e, no meio de estudos de outra ordem, lia e meditava as questões sociaes, que elle, com os proprios olhos, vira latentes em todos os grandes paizes da Europa, onde habitara por muitos mezes.

Como Silva Gayo, como Guilherme Braga, como Bordallo, como Santos e Silva, Gonçalves Dias tambem tinha de morrer tisico.

Ninguem o diria, ao ver-lhe a anchura dos hombros, a turgidez do pescoço, a valentia da voz redonda, sonora e fresca!

No Brazil, entre aquella poderosa natureza da America — singular destino! — os poetas morrem na flor da vida e tisicos.

Assim, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias!

Deus conserve, para gloria das lettras, entre outros, os meus predilectos Antonio Crespo, o adoravel auctor das «Miniaturas», e Machado de Assis, o primoroso auctor das «Phalenas».

Estava na força da vida quando veiu a doença fatal. Veiu disfarçada, a principio, lenta, hypocrita. Maldita doença, que me tem arrebatado a mim, e arrebata a toda a gente a maioria dos entes mais caros!

Este seculo, que faz maravilhas nas sciencias, que inventou a machina de vapor e o fio electrico, que no futuro, talvez, fará com que nova locomotiva, abrindo as azas, similhante a uma aguia enorme, rasgue as nuvens, atravessando os ares com a rapidez vertiginosa de certas aves, não descobrirá cousa que possa ter mão n'este verdadeiro Ahsvero da tisica pulmonar, que invade todos os lares, desde a choupana até ao palacio, que dá em todas as idades, desde a infancia até á juventude, e que, n'uma palavra, leva mais de um decimo da humanidade!?

Foi já depois da enfermidade ter tomado certo desenvolvimento, que se deu, com Gonçalves Dias, um facto, que, apesar de vir narrado na biographia do Almanach de lembranças, não resisto a repetir aqui.

Em 1862, a bordo do «Condé», vinha de Pernambuco para o Havre o auctor dos «Primei-

ros cantos». Durante a viagem morreu um passageiro. Por engano, ou por uma d'estas leviandades, tão frequentes nos jornaes diarios, noticiou-se a morte de A. Gonçalves Dias, e por modo que não podia deixar resto de duvida. O poeta assistiu á propria apotheose.

Todos os jornaes do Brazil memoraram, com as mais sentidas palavras, laureando a memoria do poeta, aquella irreparavel perda.

O poeta estava vivo, e cheio de illusorias esperanças.

De Paris escrevia a um amigo, Henriques Leal, esta carta.

«É mentira! Não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais. *Nom omnis morior*, como diz o mestre Horacio. Tenho jornaes do Rio, Bahia, Pernambuco, que me emprestaram, e segundo todos elles—Mortus est pintus in casca. E necrologias então?!

Um collega escreveu:

> Deus n'um accesso d'amor,
> Ao poeta soberano
> Deu-lhe por berço o equador,
> E por tumulo o oceano!

«Trata-se da minha defuntissima pessoa! O caso é que depois do infausto passamento vou passando sem maior novidade. Aconselharam-me que vá para o estabelecimento hydrotherapico de Maricubad. Partirei breve. No emtanto es-

creve-me, quando não tiveres muita preguiça, para qualquer das nossas legações em Paris ou Bruxellas.

«Desejo muito a collecção mais completa que se possa arranjar de noticias funebres, necrologias, etc.; tudo que se tiver publicado ácerca da minha morte. Corta o que me disser respeito, escreve á margem o nome do jornal, diz o logar da publicação, e sobrescripta tudo isso á minha fallecida pessoa.

«Quero fazer um album negro!...»

Ainda brincava com a morte!

Sem proceder a uma analyse detida do valor poetico de Gonçalves Dias—nos «Primeiros, nos Segundos e nos Ultimos cantos» apontaremos de passagem uma das feições mais distinctas do seu engenho: o genero descriptivo.

Lopes de Mendonça, com o tacto critico que possuia, a meu ver, como ninguem entre nós, cita nos «Ensaios de Critica e Litteratura» algumas passagens dos cantos em que apparecem toques descriptivos admiraveis.

Uma tempestade no Brazil, por exemplo:

De côr azul brilhante o espaço immenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque o verde com o esmalte o doira,
E na corrente dardejando á prumo
Scintilla e fulge em laminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida e tudo côres!
Nos céus um ponto só negreja agora!

Eis que das partes onde o sol se esconde
Brilha um clarão fugaz, pallido e breve;
Outro vem após elle, inda outro e muitos,
Succedem-se frequentes, — mais frequentes,
Assumem côr mais viva, inda mais viva.
Em breve espaço conquistando os ares
Os horisontes co'o fulgir raream.

....

De quando em quando o vento na floresta
Silva, ruge, esmorece, e o mar ao longe
Rouqueja e brama e cava-se empolado,
E aos pincaros da rocha ennegrecida
De iroso e mal soffrido a espuma arroja!
Raivoso turbilhão comsigo arrastra
O argueiro, a folha, em vortice espantoso;
No valle arranca a flor, sacode os troncos,
Na serra abala a rocha e move as pedras,
No mar os vagalhões imita e cruza.

....

Emfim descendo a chuva copiosa
Nuvens, volcões desfaz: os rios crescem,
De perolas a relva se matisa,
O céu de puro azul todo se esmalta,
Sorri-se a natureza e o sol rutila!

....

Na «Donzella e a rosa», n'aquelle mimoso quadro, em que uma virgem, descuidada e alegre, vae folgar com as ondas, que parecem mansas, e a quem as ondas perfidas arrebatam, ha meia duzia de versos que são um modelo descriptivo:

Vem a onda bonançosa,
vem a rosa;
Foje a onda e a flor tambem:
Se a onda foge a donzella
vae sobre ella,
Mas foge, se a onda vem.

Como acabou aquelle moço tão illustrado, com tanta vida no coração, com tanto talento na cabeça?

Foi uma verdadeira tragedia, a da sua morte!

Em 1864, os medicos, exhauridos todos os recursos da sciencia, aconselharam-lhe, para o consolar, ares patrios.

Houve um momento em que o poeta se sentiu como cheio de vida e de robustez.

A patria, a patria! Ia tornar a vel-a. Já parecia respirar as auras salutares do seu berço, já sentia o rumorejar das florestas sombrias, já recreava os olhos pelos prados tapetados de capim verde como a esmeralda, esmaltado de flores de purpura e de oiro.

Até o raio, até o trovão, até a tempestade subita e arrebatada lhe apraziam e o chamavam!

Se a morte lhe viesse com o cair das folhas, como a Millevoye, seria contemplando as folhas das arvores amigas, que vira desabrochar na infancia e na mocidade, seria ouvindo os seus cantores, que tem modilhos e gorgeios ainda mais ternos, ainda mais apaixonados que os do rouxinol da velha Europa!

Oh! a patria, a patria, que tão solicita lhe havia dado o berço, era impossivel que tão cedo lhe desse o tumulo!

Illusões doiradas, mas illusões!

Seguiu viagem.

A 3 de novembro de 1864, nas proximidades do Maranhão, de repente, sentiu-se no navio um choque terrivel, um fracasso pavoroso!

O barco tinha batido sobre os cachopos e ía a pique!

No egoismo d'aquella suprema afflicção ninguem se lembrou do grande poeta, que jazia no seu leito de angustias, assistindo, com a intelligencia perfeita, áquella sombria tragedia, em que elle havia de succumbir, n'um momento de inferno, entre gritos de terror e brados de maldicção, sentindo-se afogar e tragar pelas ondas invasoras, sem uma voz amiga, sem um ultimo beijo, sem uma derradeira lagrima!

Tanto ambicionavas chegar á patria, e nem sequer os teus ossos poderam descansar na terra que te viu nascer!

Que destinos ha n'este mundo!

Pobre amigo!

SANTOS E SILVA

CAPITULO XV

SANTOS E SILVA

A mocidade de Coimbra em 1852.— Ricardo Guimarães (visconde de Benalcanfor).— A ferocidade republicana de Santos e Silva.— Nas locandas de Coimbra.— A formosa aristocrata.— A democracia do amor.— A rainha em Coimbra.— O enthusiasmo.— Santos e Silva como orador.— Grandeza de animo.

I

A geração de Coimbra, que succedeu áquella que inaugurou o «Trovador», e de que já fallei n'este livro, era cheia de força e de talento.

Ayres de Gouveia, Soares de Passos, Alexandre Braga, Mártens Ferrão, Henrique O'Neil, Santos e Silva, Carlos Ramiro Coutinho (visconde de Ouguella, Ricardo Guimarães (visconde de Benalcanfor), formavam a brilhante pleiade, que havia de figurar depois, com tanto applauso, na tribuna, no fôro, na imprensa politica, no livro de prosa elegante, nos versos admiraveis.

Ricardo Guimarães era o symbolo da mocidade.

Diderot, se o visse pela primeira vez abra-

çal-o-ia chamando-lhe: «Mr. la Jeunesse». Beiços vermelhos, dentes de jaspe, o frouxel da adolescencia nas faces rosadas, olhos negros como os de um arabe, mas com a animação peninsular, cabellos finos, fluctuantes e annellados.

Nos gestos, nos ademanes, na voz, na fecunda palavra, na exuberante alegria, no apetite devorador, no espirito endiabrado, era o ideal do estudante e ao mesmo tempo a aurora de um grande talento.

Ricardo tornara-se indispensavel em todos os convivios onde fervia o champagne e faiscava o espirito.

Santos e Silva era o seu companheiro inseparavel.

Santos e Silva seguia o curso de medicina, e era republicano como Marat.

Quem lhe ouvisse as apostrophes, n'uma ceia do Paço do Conde, e não lhe conhecesse a alma, diria que, a ser medico, a ser republicano, juntava tambem o coração ferino da victima de Carlota Corday.

Illusão fatua! Tinha o coração de uma pomba.

Pequeno de estatura, como Louis Blanc, olhos azues faiscantes e perspicacissimos, bella testa espaçosa e nobre, mãos femininas, palavra elegante e profusa: carbonario puro, e, para dar côr local ao seu papel, trazia sempre um estilete, virgem como as suas illusões politicas.

Depois de uma brilhante lição de medicina, Santos e Silva passava a tarde e a noite na vida airada de estudante.

Á ceia, nas esplendidissimas locandas das viellas de Coimbra, alumiadas por um candieiro de tres bicos, toalha mosqueada como a pelle do tigre. um prato de apetitosa lampreia, umas azeitonas picaras, um «copo de figura», Santos e Silva era um rei. Então talhava o mundo a seu geito, e ás vezes, ao cabo de uma longa apostrophe, o mundo nadava em sangue!

Ricardo ía-lhe á mão exclamando: «Suspende a tua ira, Robespierre do Sardoal!»

Santos e Silva era do Sardoal. Dois grandes desacatos: manifesto despreso pela terra onde nascera e pouco respeito pelo sacrosanto nome de Robespierre.

Se fosse outro que o dissesse... talvez que o punhal perdesse a virgindade n'aquella hora: mas era o seu Ricardo, e Santos e Silva soltava uma gargalhada gloriosa!

II

O republicano estava ferido no coração pela aristocracia!...

Sim, um ente, d'estes que passam no mundo luminosos, suavissimos, mas fugitivos como as estrellas cadentes pelo azul da esphera; indes-

criptiveis, tão finas, tão vagas são as suas fórmas, entes que a phantasia juvenil debuxa n'um momento, e que parecem não poder sair do ideal para a realidade, seres que pertencem ao astro pela luz, á flor pelo aroma, á humanidade pelo martyrio, ao immortal pela virtude, uma mulher, uma virgem, um anjo, se não ha outra palavra, ferira o coração do moço revolucionario, como aquella Cosette, que Victor Hugo nos pinta n'um assombro de genio, ferira a alma de Mario!

A ingenua figura, que o auctor dos «Miseraveis» descreveu, nascera na desgraça, passara os tenros annos entre vilipendios e amarguras.

Esta viera á luz na opulencia, entre desvelos e caricias...

O republicano, filho do povo, estava loucamente enamorado d'aquella flor da fina aristocracia; e ella—oh! o que póde a antithese no amor!—ella tambem lhe correspondia com igual extremo!

A cabeça de Santos e Silva, n'essa época, era um volcão...

—«Ella e a republica!... Não! A republica e ella!» Dizia o revolucionario, vendo se podia abafar, invocando os manes de Catão, os impetos da alma apaixonada e ardente.

Muitos versos de Soares de Passos, de Ayres de Gouveia, de A. Braga, eram decorados por elle entre a leitura das paginas de fogo da re-

volução franceza, e no seu enthusiasmo ora repetia os versos, ora verberava os reis e os grandes, exaltando o povo diante do seu idolo; e ella ouvia, com delicia, os versos, e com admiração a agreste eloquencia do moço tribuno!

III

As auras da Regeneração corriam com os dias d'aquella primavera de 1852 por todos os angulos do paiz como auras de refrigerio, de esperança e de paz.

A rainha era esperada em Coimbra; vinha visitar as provincias, para captivar simpathias, e os reis tem artes n'esse genero, como todos os grandes, a que só resistem os espiritos energicos e superiores.

Tenho visto muitas vezes os que parecem olhar com maior desdem as vaidades mundanas, chasqueando dos brasões e dos fóros da nobreza, levando as suas idéas populares até á intolerancia, tenho-os visto, digo, ao primeiro cumprimento de um grande ou de um rei, converterem a espinha dorsal em arco de pipa, e beijarem, com humildade servil, a mão da aristocracia ou da realeza.

A rainha era esperada em Coimbra, onde até então, como na maioria do paiz, tinha profundas antipathias.

Diga-se a verdade. Com o seu tacto de mulher habituada aos ardis da côrte, com a sua clara e fina intelligencia, porque a tinha, soube vencer muitas d'essas antipathias.

Alguns dos que se diziam mais capitaes inimigos da soberana, que aconselhavam que se fechassem todas as portas, e saíssem de Coimbra todos os estudantes, foram os que atroaram os ares com vivas enthusiastas á Magestade logo no primeiro dia da sua entrada.

O espectaculo foi imponente.

Os estudantes estavam em duas renques sentados na ponte. A comitiva despontou no alto de Santa Clara e veiu descendo pelas voltas da encosta. A rainha seguia adiante n'uma caleche. Os estudantes, como a uma voz, pozeram-se em pé e desembuçaram-se, mas sem soltar um viva. N'aquelle silencio expontaneo a soberana sentiu a sua impopularidade.

Então — nunca me ha de esquecer — a filha de D. Pedro IV, sem perder a dignidade que lhe era habitual, com o sorriso, com o olhar, com o cumprimento lhano e affectuoso, começou a prender a mocidade, tão facil de tomar de assalto para quem lhe conhece a inexperiencia e os impetos generosos.

Horas depois os estudantes acendiam o enthusiasmo no povo, e a rainha, na sua passagem, era saudada por milhares de vozes.

Santos e Silva, com Ayres de Gouveia, Soa-

res de Passos e varios outros, não tomaram parte na ovação.

D'esses moços liberaes dois estão já mortos, e um d'elles, Antonio Ayres, tão cheio de talento e de vasta illustração, peior do que morto para a liberdade, porque está padre e ultramontano!

IV

Santos e Silva era pobre, porém tinha confiança no seu talento. As suas opiniões politicas eram sinceras; acreditava profundamente nas grandes idéas que tem de redimir a humanidade, mas a inexperiencia e o ardor juvenil levavam essas idéas ao exagero.

A exuberancia da vida, que dá o enthusiasmo, póde ser um mal, mas é certo que sem esse fervor, sem essa seiva, sem esse enthusiasmo, nunca se faz nada grande.

Leibnitz, combatendo o empirismo de Locke e descobrindo o calculo differencial, Newton a lei da gravitação universal, Laplace a mechanica celeste, tinham tão fervoroso enthusiasmo em suas almas como Byron fundindo as melhores estrophes do Child-Harod, ou Victor Hugo escrevendo, com mão convulsa, as immortaes estancias da sua ode a Napoleão I.

Hoje, quanto sae do «friamente» ou «serenamente», é superfluo!

O amor, a mulher namorada, as melodias na musica, a eloquencia na oratoria, a paixão nos versos, os impetos expansivos no periodo germinal da adolescencia, Deus, a lua, o sol, as estrellas, a safira do espaço, as rosas, o rouxinol, tudo superfluo!...

Aquelle original do Voltaire dizia:

> Le superflu, chose si necessaire.

A escola romantica não produziu senão «anemias» e «chloroses» litterarias: Manfredo e o Fausto, os Salteadores e a Lucrecia Borgia, Jocelyn e os versos de Musset, o Conde de Carmagnola e o Frei Luiz de Sousa, os Ciumes do bardo e o Eurico, etc.

Tudo «anemias» e «chloroses», tudo falta de sangue, ou máo sangue. Temos agora a Bovary, a Fanny e a Mulher de Claudio, para nos consolar!

V

Coimbra era ainda romantica no tempo de Santos e Silva. Não que houvesse por lá as cisternas da Torre de Nesle, nem os rostos macilentos e hypocondriacos dos Antonys. Tudo florejava e respirava saude. Era a mocidade fol-

gasã, desinquieta, apaixonada, crente, illusa, fraterna no seu viver, descuidada do dia de ámanhã, «andando á lebre» quando a vasante do mez tinha levado os ultimos tostões da mezada, n'aquella santa communa, que a rapaziada de gorro e batina instituiu, sem sangue nem petroleo, ha tantos annos!

Santos e Silva tinha tempo para tudo: para estudar medicina, para estudar politica, para fazer discursos, para amar, e até para «andar á lebre» no ultimo terço do mez.

VI

Completou o curso.

A bella fascinadora, que lhe embevecera a alma com os enleios do primeiro amor, desappareceu bem cedo d'este mundo, deixando no coração de quantos a conheceram vivissimas saudades!

Correram os annos com a sua ácção implacavel; Santos e Silva exerceu a medicina, casou, e a meditação e o estudo aprimoraram as nobres faculdades da sua intelligencia.

Entrou na camara.

Logo aos primeiros debates revelou o seu incontestavel merito.

Santos e Silva foi um dos oradores mais fluentes, mais correctos, e até mais litterarios, que teem subido á nossa tribuna.

O talento da palavra é indispensavel nas sociedades modernas. Desde Pitt e Fox até Guizot, Thiers e Bismark, não tenho conhecido nenhum estadista que não seja mais ou menos orador.

A fórma oratoria, n'estes ultimos tempos, tem de ser outra, porque as questões politicas e sociaes que se agitam na Europa, são diversas tambem.

Não ruge a «Montanha», nem rebentam as ondas da Convenção. Os patriotas irlandezes não teem de vir ao rosto reivindicar os seus fóros; a revolução, porque cada época tem a sua fórma, faz-se por outros meios, mas é ainda ao orador que pertence apresentar os principios ou no Senado, ou na Camara dos deputados, ou na praça, ou nos comicios.

Gambetta é a prova viva: se não fosse orador, como Thiers, nunca chegaria ás eminencias do poder, nem teria prestado os grandes serviços que tem feito á republica.

Ha cousas que já não teem hoje echo nos nossos corações, mas a eloquencia não acabou por isso, e nas assembléas politicas, que precisam de resolver de momento, e que necessitam muitas vezes ser excitadas, o orador será sempre indispensavel.

Ás vezes, de uma réplica feliz, de uma apostrophe ousada, depende a victoria de um partido. Contarei um facto que se deu em Hespanha

no tempo da desaforada prepotencia da rainha Isabel.

Um deputado da opposição atreveu-se a fazer algumas allusões ao throno. O presidente —presidente d'aquellas camaras! especie de regulo ou de pachá de tres caudas—disse-lhe, com aspereza, se não com brutalidade:

—«O throno está muito alto para que lá possa chegar a voz do sr. deputado.»

O orador respondeu:

—«Mais alto está o raio, e, todavia, o homem determina-lhe o ponto da terra em que elle ha de caír!»

O presidente ficou desconcertado, a propria maioria applaudiu, e o orador fallou quanto quiz e disse quanto quiz.

Foram propheticas aquellas sublimes palavras!

Dentro em pouco desabava o throno de Isabel II, odiado por todos os corações honestos!

Santos e Silva era radicalmente um homem politico. Dado certo momento seria incapaz de recuar um passo, ainda que fosse diante do patibulo.

Nisso ninguem lhe levava a palma.

Veiu n'uma época de lenidade politica, mas se tivesse apparecido depois de 34, quando ainda o parlamento e as assembléas politicas cheiravam á polvora do campo da batalha, seria capaz dos maiores arrojos.

Apesar das lides do parlamento, de estudos graves, de cuidados serios, dos annos que íam correndo, conservava sempre na alegria e no animo o ardor juvenil.

Que horas passámos, ainda n'estes ultimos annos, jantando com Santos e Silva e Ricardo Guimarães!

Quando se chegava a um lance grande da sua Odisséa coimbrã, Santos e Silva voltava-se para Ricardo, dizendo:

— «Conta!» Dizia isto com a solemnidade tragica de Talma ao exclamar: «Prends et lis».

VII

N'um dia magnifico de inverno, ha pouco mais de uns tres annos, estava eu e Santos e Silva no Passeio Publico, conversando animadamente. N'isto passou por nós um rapaz de vinte e tantos annos, vestido com elegancia, de porte distincto, passo tardio, as orelhas transparentes, o rosto pallido: era um tisico. Santos e Silva cessou subitamente de fallar; uma nuvem envolveu-lhe o semblante, até ahi prasenteiro, e disse profundamente triste, apontando para o rapaz:

— «Coitado! Está morto.»

Depois, batendo com o medio da mão direita sobre o pulmão esquerdo, como se se auscultasse, continuou, com desalento:

— «É do que eu hei de morrer...»

— «Tu, com esses hombros, esse pescoço, essa cara, e essa voz!...»

— «Eu, sim; isto é organico.»

Em seguida encolheu os hombros, fez um gesto de indifferença e disse uma phrase, que pintava o seu caracter:

— «Continuemos no que íamos fallando. Isto *não vale nada.*»

A morte não valia nada para elle!

D'ali a poucos mezes deitava as primeiras golfadas de sangue, e pouco depois de passado um anno estava morto.

Ao invez de Silva Gayo, não se illudiu nem um instante. Á ultima hora disse:

— «É a morte que está na garganta; está por um fio.»

Ao menos, na sua viril, mas tremenda agonia, dizendo adeus tão cedo aos vastos horisontes que antevia no mundo politico, a todas as suas ambições e esperanças de tantos annos, aos filhos na puericia, á mulher que adorava, serviam-lhe de lenitivo as solicitudes dos amigos e saber, por insinuações delicadas, que a esposa e os filhos não ficariam desamparados.

Poucos partidos, faça-se justiça, são capazes de se portar com maior gratidão e bizarria

do que o partido historico se portou com Santos e Silva.

Sou insuspeito, porque não pertenço a elle.

Merecia-o aquelle homem energico, cheio de talento, de perseverança, e que tinha sido tão leal e prestadio camarada!

GUILHERME BRAGA

CAPITULO XVI

GUILHERME BRAGA

As minhas relações com o poeta.—O Bispo.—Cartas.—Esperanças e desalentos.—Ultimos versos.—O filho e a esposa.—Em Agramonte.

I

Nunca o vi, mas fomos amigos e conversámos intimamente.

Era um grande poeta, um poeta de raça, um poeta de primeira sorte.

Morreu moço, como Soares de Passos, e tisico tambem, como o auctor das odes ao Firmamento e ao Bussaco.

II

No inverno de 1874, entrando na livraria Afra, deparou-se-me um folheto intitulado: «O Bispo, por Guilherme Braga».

Eu não conhecia do insigne poeta nem os «Falsos Apostolos», nem as «Heras e violetas». Apenas tinha lido tres poesias: uma n'um almanach, outras duas em alexandrinos, para serem recitadas no theatro.

Não me recordo do assumpto; recordo-me da agradavel impressão que me produziu o batido e acabado dos alexandrinos, versos que hoje toda a gente faz, comquanto seja rarissimo aquelle que os saiba fazer bem.

Comprei o «Bispo».

Desde as primeiras estrophes senti-me suspenso com a leitura dos magnificos versos.

Havia ali tudo: elevação da idêa, colera sincera, dicção sobria e tersa, propriedade de epithetos, gosto apurado e fórma primorosa, sem a qual não ha versos nem poetas que valham, por mais voltas que dêem aos braços e aos miolos os que bailam a dança de S. Vito ao som da viola de Satan.

Li, reli, — ficaram-me de cór aquelles soberbos versos.

Passados dois dias peguei na penna, manifestando ao poeta a impressão que produzira no meu espirito a sua composição, onde brilhavam, a espaços, por entre muito talento, as faiscas do verdadeiro genio.

São dignas de V. Hugo estas estancias, que o Bispo ultramontano, refalsadamente hypocrita e devasso, recita quando chega á janella,

depois da saturnal, atirando com a maldicção impia aos quatro ventos da terra:

O anathema, fragmento do Syllabus.
Angustias d'uma alma piedosa:

Maldictos sejaes vós, progresso e liberdade!
Gemeos filhos do mal, irmão e irmã do crime!
Tu, que és um sacrilegio, abôrto da impiedade!
Tu, que dás força á plebe e esmagas quem a opprime!

Vêde: por toda a parte as hydras do peccado
Erguem altivo o collo, iradas contra nós:
E o nosso bom cutello esconde-se, embotado
Na cova onde repousa o nosso extincto algoz!

Por vós andam na sombra, errantes, perseguidos,
Como as feras no matto, os reis de origem pura:
Aos ministros de Deus preferem-se os bandidos!...
E assim chamaes aurora á noite escura... escura!

Comvosco, onde assomaes, a tempestade assoma:
Rebrama o vendaval no espaço onde rugis,
Negro sopro, que apaga as lampadas de Roma,
E aviva ao mesmo tempo os fachos de Paris.

Erguendo para os céus a pavorosa frente
O anjo da Assolação atraz de vós caminha:
Quando o incendio alumia a extrema do horisonte,
Sois vós que perpassaes n'essa abrasada linha!

E para que desmaie o fogo da heresia,
O fogo a que se aquenta a sordida relé,
Debalde assopra o clero á cinza inutil, fria,
Nos ultimos carvões do extremo auto-de-fé!

Ó pavidos heroes da lugubre tragedia,
Que a historia do passado aos seculos ensina!
Ó despotas feudaes da torva idade-media,
Ó sofregos irmãos das aves de rapina!

Padres, em cuja mão fulgia a núa espada
Co'as mil scintillações d'um raio abrasador,
E em cujo ferreo peito a veste consagrada
Tinha nodoas de sangue a macular-lhe o alvor!

Monges de frio aspecto e d'animo impassivel,
Que, a bem do novo Deus, f'rireis os crentes novos!
Ó derviches de Roma, a cuja voz terrivel,
Como a voz de Jehovah, tremiam reis e povos!

Que é de vós? Onde estaes? Que braço vos subjuga,
Que, nem como um phantasma, a triste sombra ergueis,
Ao ver passar assim, na vergonhosa fuga,
O clero envilecido, os infamados reis?

No carro do progresso ostenta-se a gentalha,
A luctadora vil, que um louco orgulho inflamma,
E, ao cruzar triumphante a arena da batalha,
Faz que lhe sejam solio os estendaes da lama.

Da liberdade aos pés rola, vilipendiada,
Como um idolo torpe, a imagem de Jesus,
E do eterno Voltaire a eterna gargalhada
Persegue a Virgem Mãe, que chora aos pés da cruz!

Fervem inda no espaço os odios implacaveis
De que inundara a terra uma sinistra idéa,
—A idéa que do lodo exalta os miseraveis,
E inspira «oitenta e nove»—a tragica epopéa!

Para que espante os céus, para que o mundo atterre,
Quantos éecos talvez de novo acordará,
Fria como uma espada, a voz de Robespierre,
Ardente como um raio, o grito de Marat?!

Esse tempo em que a plebe, os rôtos, os descalços,
A ignobil multidão, potente em seu reinado,
Tumultua a rugir, d'emtorno aos cadafalsos,
Onde expia a realeza as glorias do passado;

Esse tempo sinistro há de voltar, e em breve!
Cedo as vagas fataes d'immensa revol'ção,
Como as ondas do Éri, massa de espuma e neve,
Passando sobre a terra, a terra assolarão!

Debalde o Vaticano affasta a sombra extranha
Que pesa sobre nós, de tanto horror transidos!
Debalde irrompe a luz dos flancos da montanha,
Que é fulgido Sinái aos crentes perseguidos!

Fluctuam já sobre elle a tempestade e a morte:
Véla-o, como um sudario, a nevoa sepulchral,
E Roma julga ouvir, nos vendavaes do Norte,
Das barbaras legiões a marcha triumphal!

Emquanto a voz d'um velho, em lagrimas banhada,
Clama contra a revolta, obscura, su'terranea,
Sem pejo se arremessa a Italia deshonrada
Nos braços varonis dos povos da Germania...

Em vão, ó sacro asylo, em vão inda retumbas
Co'a sussurrante voz das santas orações:
Os servos do Senhor descem ás catacumbas;
Acolhem-se do nada ás frias solidões!

Mas que me importa a mim que o resto se acobarde,
Se eu não cedo ao martyrio os fóros da opulencia?
«É tarde!» disse algum.—Não! inda não é tarde!
Seja a lucta sem dó, sem treguas, sem clemencia!

Os que são contra nós inspiram medo e asco,
— Venenosos reptis a flor d'um lodaçal!...
Ah! podesse eu punir,—punir, como o carrasco!
Ah! podesse eu vencer,— vencer, como o chacal!

Podesses tu, risonha, eu, placido e sereno,
Aproveitando o amor, o lubrico pretexto,
Encher pelos festins as taças de veneno!
Ah! fosses tu Vanosa... eu Alexandre Sexto!»

Em Portugal não conheço nada, n'este genero, superior.

Depois da «Maldicção» seguem-se meia duzia de versos:

REMINISCENCIAS DA CANÇÃO DE UM PROSCRIPTO

Disse, e a bella hespanhola, anciando de surpreza
Ia a lançar-lhe ao hombro as encruzadas mãos,
Quando julgou ouvir, d'emtorno á lauta mesa,
Vibrarem mil clarins ao som da *Marselheza*,
E erguer-se um grito ardente: «Ás armas, cidadãos!»

Loucuras da hespanhola,
Que uma vez, n'um café da Andaluzia,
Tinha ouvido soltar-se aquelle grito
Dos labios d'um francez, moço e proscripto,
Que depois de cantar pedia esmola...

Esta ironia pungente, cruel, acerbamente motejadora, mas finissima e fundida em moldes de oiro, transpira por todo o poemeto, que, como obra de arte, vale um grande poema.

Succedeu d'esta vez o que muitas vezes succede: a imprensa deixou passar, quasi em silencio, o magnifico trabalho.

Poucos dias depois da minha carta recebi a resposta do poeta.

Estava elle n'uma quinta nas proximidades da Villa da Feira, em casa de um parente e dedicado amigo, — para respirar o ar lavado e salutar dos campos, a ver se cobrava forças e resistia á enfermidade, que annunciava, com os primeiros rebates, a carga fatal!

Agradecia cordialmente as minhas palavras, queria conversar muito comigo por aquelle meio, emquanto me não abraçava; concebia grandes esperanças no futuro, mas tambem grandes e subitos desalentos vinham enturvar o sol d'aquella viçosa mocidade e brilhante engenho.

N'um ponto da sua carta, referindo-se á minha, dizia-me:

«Creia que lh'a agradeço do coração, porque a li commovido.

«Não sabe de certo que estou doente e com o espirito grandemente affectado, porque me sinto definhar dia a dia, porque vou perden-

do gradualmente as forças, e, ás vezes, tenho medo.

«Deixe-me conversar comsigo, como se já nos conhecessemos de ha muito. Tenho medo de morrer; acobardo-me diante d'esta idéa, que vem a espaços desfazer todas as minhas esperanças, sobretudo as que doiram o futuro de meu filho, que é uma criança de seis annos. Já vê que a sua carta não podia deixar de impressionar-me.

«Ha vinte dias que sai do Porto em busca de aguas puras, de pinheiraes restauradores, de bons ares. Acolhi-me a uma das quintas mais afamadas d'estas dez legoas emtorno.

«Aqui estou no meio de parentes que me desvelam, tendo diante dos olhos horisontes vastissimos, á volta de mim tudo quanto póde desejar um scismador enfermo, e todavia cá tenho no espirito o mesmo negrume que o obscurecia na cidade *poeticida,* onde morreram Soares de Passos, Julio Diniz, Henrique Augusto, Alfredo de Carvalho, Pinto de Almeida, e onde engorda o commendador C..., e se torna obeso o capitalista P...»

Fallando-me dos desvarios de certa escola, que é o invez do realismo, e a que chamam *satanismo,* dizia-me Guilherme Braga:

«Eu não posso aturar uma cousa que ha ahi

que intenta insurreccionar-se contra a *fórma*, e apenas se revolta contra o senso commum.

«Para que ha de a gente cansar-se com elles, com os propagandistas d'aquelle paradoxo erradamente attribuido a V. Hugo: *Le beau c'est la laideur!* Não valem o trabalho, nem o tempo perdido, nem a paciencia gasta. Para mim o poeta deve ser como o esculptor, e seria muito para ver uma Venus, a idéa da belleza, a quem o artista representasse no seu estado interessante de seis mezes, com uma corcunda de dromedario e um pé de baroneza saída da praça da Figueira!

«Perdoe estes sorrisos de um doente, que se está deliciando em palestras com o Bulhão Pato a uma distancia de cincoenta leguas.»

Depois de rapidas observações sobre o estado dos espiritos n'este momento que vamos atravessando, e de notar o vigor, a tenacidade, a disciplina, a força do partido ultramontano entre nós com relação á tibieza e apathia dos outros campos politicos, o poeta, sentindo-se fatigado, terminava por estas palavras, que denunciavam claramente o seu estado morbido:

«Não posso escrever mais, embora m'o esteja pedindo a vontade. São horas de se recolherem os enfermos como eu. Quando podér, quando me sentir com forças para isso, reata-

rei o cavaco. Não repare no escolastico do termo. Escreva, e, como tem saude, escreva muito, se não for sacrificio para o meu amigo aturar um doente. Eu, por mim, que comecei esta sob uma impressão dolorosa, quasi me sinto melhor depois de a ter escripto.

Adeus.

Creia-me seu amigo
Guilherme Braga.

Villa da Feira. — Quinta das Ribas — Fevereiro, 27, de 1874.

III

Um dia recebi uma carta cujos primeiros periodos me alegraram o coração. Eram os clarões e esperanças illusorias que illuminam, a espaços, a alma dos que tem nos pulmões a morte infallivel.

Transcrevo uma parte d'essa carta, por ser a pagina mais interessante que póde ter este livro:

«Meu amigo.

«Estou muito melhor, graças a este céu azul, a este sol esplendido, a estas arvores onde já se denuncia a primavera, a estas avesitas, que me accordam todas as manhãs como meninas bem educadas, que vem dar os bons dias a quem

as cantou n'outro tempo, quero dizer, a quem cantou n'outro tempo as mamãs, as tias, as avós d'este rancho de palradeiras, de chilreadoras vivas e alegres, com as quaes embirram solemnemente os cultivadores dos campos e os do socialismo, da *baudelairismo*, aquelles por causa da sementeira, e estes nem eu sei por causa de quê, talvez por causa da *Revolução*.

«O que é certo, meu amigo, é que sinto o espirito desanuveado diante d'este horisonte limpido.

«Imagine-se comigo á janella do meu quarto. De um lado um castello em ruinas, o velho castello da Feira, cuja origem se perde na noite dos tempos. D'outro lado pinheiraes vastissimos, largos campos, onde a agua corre por toda a parte. Em frente um valle, que está pedindo ao visconde de Almeida Garrett que resuscite para descrevel-o, assim como as casinhas brancas que se mostram d'onde aonde, no pendor das collinas que as cercam; lá ao longe quatro ou cinco pinheiros destacados uns dos outros, como sentinellas perdidas, a cruz de uma igreja solitaria, — uma linha branca, que vem a ser não sei quantas leguas de areia, e, muito mais longe ainda, o mar, o mar azul e sereno, cheio de sol, confundido com o céu, admiravel fundo de um quadro indescriptivel!

«Se eu tivesse saude faria versos, muitos versos, um volume de versos, a tudo isto.

. . . .

«Ainda não li as suas «Satyras». Mande-m'as logo que possa. Os livros que me pediu só do Porto lh'os enviarei, porque não tenho aqui nenhum exemplar de obra minha.

«Tambem só n'aquella cidade poderei transmittir a meu filho o seu mimoso brinde[1]. Se conhecesse o rapaz havia de sympathisar com elle. É feio, de uma fealdade attrahente. Marcaram-no as bexigas, que lhe levaram um bocado de nariz. Tem um olhar vivo, intelligente, ás vezes como que orvalhado de luz. Recita os meus versos com a emphase de um trovador de 1830, e a graça de uma creança nascida em 1868. *Note* que esta data só tem de *notavel* o distanciar-se seis annos de 1874; isto para a creança.

«Folgo que vá para o Algarve concluir os livros de que me falla. Anceio pelo final da «Paquita».

«O titulo do seu novo livro fez-me pensar!

«Sob os cyprestes» —a sombra amiga, a eterna paz, uma eternidade de descanso!...

«Desculpe; esqueci-me de que o Bulhão Pato me chamou á lucta. Talvez lhe faça a vontade, se na tranquilidade d'este quarto, onde lhe es-

[1] O brinde eram quatro palavras affectivas, n'uma das minhas cartas.

tou escrevendo, poder forçar o espirito a conceber quaesquer versos de combate, e a *besta* a passa-los para o papel, do que duvido, porque a minha *besta* é muito mais manhosa do que a do X. de Maistre e, em dizendo não, é não.

«Agradeço a sua carta como vivo testemunho de que está travada entre nós uma amisade fraternal.

«De Lisboa, do Algarve, de onde quer que se encontre, escreva, sempre que se lembre de mim, mas sem defraudar os seus livros dos desvelos que costuma dedicar-lhe. Escreva ao doente, falle-lhe muito de si, dos seus versos, e consolide assim a amisade de que lhe fallei ha pouco, mutuamente sincera, reciprocamente boa.

«Quer ouvir uns versos que scismei ha dias, no primeiro passeio que dei por aqui? Hei de concluil-os...

«Quando os concluirei eu?

Vou subindo a montanha. Alongo a vista
Por terra, e mar e céus. Tudo contrista
Meu pobre coração.
Do fim da tarde á luz amortecida
Parece dar-me o adeus da despedida
A voz da solidão!

Vejo além, a brincar, duas creanças;
Riso, praser, saude, amor, esp'ranças;
Eis o que vejo alem:

E, por entre os sob'reiros da collina,
Passa um raio de sol que as illumina
Como um olhar de mãe!

Aqui, não! mal a sombra do poeta
D'olmo em olmo sinistra se projecta
E se quebra, ao passar,
Vem logo á mente uma visão obscura,
Um phantasma que sae da sepultura,
E que não sabe andar!

Sou moço ainda, e sinto-me acurvado
Sob um peso tremendo. O condemnado
Appella para Deus:
Mas Deus, o Deus magnanimo e sublime,
Não quer pesar as provas do meu crime,
Nem ouve os rogos meus.

No infinito, no eterno, eternamente
Jaz, no abysmo insondado, o omnidormente,
Sem as fórmas do *ser*,
E ouve-se rir na sombra a enorme esphinge
Quando esta idéa vibora nos cinge:
«É preciso morrer!»

Morrer. Do abysmo á beira eu paro e scismo
Do pavoroso seio d'um abysmo
Nas trevas glaciaes,
E quasi invejo a inquebrantavel calma
Dos que dormem sem voz, sem luz, sem alma...
— Ossadas desiguaes!...

....

«Depois d'uma massada em prosa, uma massada em verso!

«Tenha paciencia.

«Os doentes são como os pequerruchos; não se lhes póde dar confiança, porque logo abusam d'ella.

«Escuso dizer-lhe que, depois do meu amigo e primo Vaz, é o Bulhão Pato a primeira pessoa que lê esses versos. São intimos; dos que se escrevem para não verem a luz, dos que se guardam para ficarem na sombra.

«Se minha mulher os lêsse, tinhamos scena. É uma creança de vinte e seis annos, que está muito peior do que eu, ácerca do meu estado de saude. Tem por mim um affecto exhuberante, que dura ha oito annos, sem que o toldasse uma nuvem.

«Eu sou por ella o que sou por meu filho — um doido!

«Releve estas confidencias, que vieram a lume por causa dos versos. Já vê que não devo publical-os. O que eu tambem não devo é massal-o mais.

«Adeus; um abraço apertadissimo do

Março, 7, de 1874.

Seu

Guilherme Braga.

Foi o ultimo, aquelle abraço!

Ainda lhe tornei a escrever, porém a mão do poeta tinha caido desfallecida sobre a lyra vibrante ainda das suas glorias.

Nada o pôde salvar.

Nos fins da primavera, com as ondas do sol, no meio do gorgeiar dos passaros, entre as fragrancias das flores, vendo já alguns fructos que principiavam no arredondar incipiente, expirou o grande poeta, ufania e amor da familia — orgulho da patria!

Sobre a sepultura de Guilherme Braga está uma corôa de laureis dos mais viçosos que podem cingir a fronte do genio, embora se mordam e lhe queiram regatear o talento as mediocridades inchadas de sua vaidade, das muitas que pululam no pó das invejas por esta terra... e por todas as terras!

Confesso, por mais que me apodem e escarneçam de sentimental e de piegas, que não posso ler aquelle reparo de Guilherme Braga sobre o titulo d'este livro, sem que se me arrasem os olhos de lagrimas.

«O titulo do seu livro faz-me pensar, diz elle. «Sob os cyprestes! — a sombra amiga, a eterna paz, uma eternidade de descanso!»

E passa subitamente para outro assumpto, como se uma idéa, similhante ao dardo envenenado, lhe atravessasse subitamente o coração.

Os bellissimos versos que ficaram por concluir!

«Quando os concluirei eu», dizia elle! — revelam que o véu illusorio se havia corrido, que

lhe repugnava a face da morte, mas que se consolava, pedindo ao nada o descanso eterno.

A sua nobre alma queria occultar aos olhos da esposa amada os proprios desalentos! Eram merecidos estes extremos do poeta, que ella amou como uma mulher superior é capaz de amar um poeta — porque morreu por elle.

IV

Poucos mezes depois da morte de Guilherme Braga estava eu no Algarve. A dona da casa, a quem tinha fallado do poeta e lido as cartas, um dia de manhã pegou no «Diario de Noticias». D'alli a pouco disse-me com o rosto demudado e os olhos rasos de lagrimas: — «Morreu a viuva de Guilherme Braga; bem dizia elle na carta, que ella não resistia.»

Desventurada senhora! A morte, ao menos, veiu apressada e solicita abreviar-lhe o martyrio.

A morte anda muito calumniada!

Perdeu Portugal um grande poeta, para mim o maior dos nossos dias.

A imprensa, com raras excepções, tem fallado muito pouco d'elle.

Está talvez n'esse silencio, olhando aos tempos que vão correndo, o maximo elogio do peregrino escriptor.

O Porto deve ufanar-se com ter produzido homens de primeira ordem; mas—amargo destino!—a maior parte d'elles morrem tisicos e na flôr da vida!

Os banqueiros, na «cidade invicta», são ao revez; se não rebentam de gordos, vivem eternidades!

Deus os tenha por muitos annos conservados em suas banhas, os banqueiros viscondes; mas se elles emprestassem um pouco d'aquella exhuberancia vivaz, que os torna obésos, aos poetas e romancistas da sua terra...

Qual! É emprestar!... e os banqueiros viscondes não emprestam nada.

Em julho de 1876, acompanhado por um velho amigo, J. A. Galache, fui até á provincia do nosso Minho. É um regalo da alma e do corpo viajar n'aquelle caminho de ferro, que vae do Porto a Braga, respirando as correntes vivas e salutares do ar dos montes, contemplando os arvoredos, por onde os pampanós se vão emmaranhando com os seus cachos labruscos, d'onde sae o espumante vinho verde, que mata a sede e alegra o coração.

Passada uma tarde e uma noite no Bom Jesus, partimos até Monção e Valença, por aquelle paiz abençoado, que em ponto algum da Europa tem rival vencedor nos arvoredos, nas verduras, nos campos, nas fontes que refervem, nos açudes que se precipitam, nas vertentes de

prata que se despenham dos corregos e das quebradas.

Em Valença atravessámos o rio e entranhámo-nos pela Galliza, que é outro Minho.

Ahi tivemos, por vezes, movimentos de sincera alegria, fallando com os naturaes do paiz, e ouvindo como elles apreciavam e invejavam a nossa paz, o nosso credito, a nossa prosperidade!

Pobre Galliza! Aquella robusta e fertilissima provincia não merecia ser tão vexada por todos os governos ou desgovernos da Hespanha!

No regresso ao Porto lembrou-nos ir até Villa do Conde e Povoa de Varzim, no novo caminho de ferro.

É um passeio de apetite.

Quando chegámos á estação ainda faltava muito para a hora da partida.

Uma viração fresca tinha dissipado a especie de neblina tenuissima dos dias ardentes do verão, e o sol illuminava o azul scintillante do firmamento.

Em frente da estação fica o cemiterio de Agramonte, com os ciprestes que symbolisam a saudade, mas que aspiram para o céu com as suas piramides verdes como a esperança.

A ermida, os ciprestes, a portada, a cruz, os tumulos — tudo nadava em luz.

Quem teima em viver acaba por ter mais amigos no Campo Santo do que no mundo!

— «Falta ainda uma hora», disse eu para o meu companheiro. «Vamos fazer uma visita ao Guilherme Braga, que foi morar para aquella solidão—na força da vida e do talento!»

Era meia duzia de passos: fomos ao cemiterio.

N'uma casa contigua á capella, ao pé de uma janella rasgada, com um grande livro de registo aberto diante de si, estava um homem moço, sem bigode nem barba, physionomia sympathica, intelligente e grave.

Era o capellão.

Perguntámos-lhe se nos podia indicar a sepultura de Guilherme Braga.

Cortejou-nos com affabilidade, e, fechando o grande livro onde estava a escrever, respondeu:

—«Eu mesmo os acompanho.»

Chegámos á cova onde jaz o poeta.

A sepultura é rasa; toda coberta de hera, sempre viçosa, e no inverno e primavera de violetas tambem.

Guardámos cada um de nós, nas nossas carteiras, uma folha d'aquellas heras.

«Heras e violetas»—titulo de um livro d'elle: livro admiravel!

—«A sepultura que está ao pé é a da mulher. Pouco lhe sobreviveu, a desventurada! Est'outra é da cunhada de Guilherme», proseguiu o capellão, apontando para o jazigo onde, como nos

outros dois, estavam flores, que se viam ter sido postas de pouco tempo.

— «A mulher de Alexandre Braga, tambem eminente poeta e grande jurisconsulto?» perguntei eu.

— «Justamente. Adorava-a e vem aqui muitas vezes. Ainda esta manhã cá esteve.»

Ficámos calados diante d'aquelles tres entes que jaziam n'aquellas tres sepulturas, entes, que sendo amantes e amados, tinham visto fugir, com tanta anciedade, todos tres tisicos, a vida na flôr e na esperança!

— «Que mundo este!» disse eu involuntariamente.

— «É verdade; não vale nada. Foi amigo de Guilherme Braga?»

— «Fui, posto o não visse nunca. Pouco antes de morrer teve comigo uma singular correspondencia. Hei de publical-a n'um livro, que está quasi concluido.»

— «Era um grande talento. Foi meu amigo intimo. Custou-lhe bem a largar este mundo e a deixar o filho, coitado!» tornou o padre com expressão viril, porém profundamente melancolica.

Os tres tinhamos os olhos humidos.

Um silvo do caminho de ferro chamou-nos á vida: era o movimento, a vida.

Sacudimos os nervos e despedimo-nos do capellão, que desejou saber os nossos nomes.

Elle tambem nos disse o seu.

O nome varreu-se-me da memoria, mas a physionomia sympathica, maguada e grave d'aquelle homem, em cujo peito me pareceu palpitar um coração capaz de nobres affectos, tenho-a bem presente!

Eu havia promettido uma visita a Guilherme Braga; cumpri a palavra, e fui visital-o áquelle predio, que, segundo o coveiro do Hamlet, é feito pelo melhor de todos os constructores, porque dura até á consummação dos seculos!

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

CAPITULO XV

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Castilho na conversação familiar.—Na ilha de S. Miguel. —«As Estreias poeticas».—Collecção dos seus versos. —Recitação.—«A chacara da Nazareth.»—A minha primeira visita ao poeta.—Uma tempestade por causa das maiusculas.—Os ditos do poeta.—Tendencias desaproveitadas.—Robustez com fraca alimentação. —Castilho, como mestre da lingua, e os escriptores da França.—Versão para o italiano dos «Ciumes do Bardo».—Estylo descriptivo.—O perdão implorado.— Novo pedido á Imperatriz.—As mães.—Ultima noite em que vi o poeta.

Rodrigues Cordeiro, no volume do Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro de 1877, escreveu uma longa biographia do poeta dos «Ciumes do Bardo», com a elevação do seu talento e a nobresa da sua grande alma.

Thomaz Ribeiro, na sessão publica da Academia Real das Sciencias, de 15 de maio de 1877, leu o elogio historico do que fôra seu mestre e tão dedicado amigo. E um quadro como os sabe pintar o insigne poeta: traços largos, desenho correcto, bom colorido, magnifica luz.

Julio de Castilho tem já traçada uma obra, que poderá fundir quatro volumes, sobre a vida de seu pae. Trabalho como os que se fazem n'outros paizes, a proposito de homens illustres, aproveitando as scenas notaveis e os mais leves pormenores.

Eu não quero fechar este livro de saudades sem tributar duas palavras de respeito e amor ao homem com quem vivi intimamente tantos annos, ao cego que me acudiu sempre com a luz dos seus conselhos.

Quem não tratou de perto o visconde de Castilho, embora tenha lido e relido todas as suas obras, não póde apreciar completamente o valor intrinseco d'aquella nobre intelligencia.

Na conversação familiar era haver um stenographo ao pé d'elle, e quantos volumes de indole diversa de todos os outros que publicou, borbulhando, scintillando, faiscando graça, transbordando de facundia, cortados de interessantes episodios, de anecdotas impagaveis, de narrativas pittorescas, de conceitos profundos, de epigrammas agudissimos, não teria legado o poeta?

Quando eu appareci no mundo das lettras, Castilho vivia na ilha de S. Miguel, e estava no periodo mais brilhante da sua vida.

Era um missionario! Em volta de si tinha a mocidade d'aquelle florente paiz, á qual influia o saber e inspirava com os exemplos.

Quantos homens distinctos da ilha estão vi-

vos ainda, que deveram a sua educação litteraria aos esforços do dedicado mestre!

Foi ahi que escreveu a «Felicidade pela agricultura» e as «Estreias poeticas»: poesia social da mais santa, da mais elevada, da mais profícua e profunda!

O «Hymno do trabalho e do agricultor»:

> De espigas e palmas coroemos a enxada,
> Morgado e não pena dos filhos de Adão;
> Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
> Thesoiro é só ella, só ella brasão.

Querem-n-o mais democratico?

O «Hymno da noite», para o adormecer descuidado e placido do infante; o «Hymno da manhã», para o despertar festival da creança risonha e ingenua.

Até para o companheiro das lidas, no termo da viagem, compoz o «Valle funebre».

> Não turvemos na morte o somno do camarada
> Nas batalhas da luz constante até ao fim.

E depois:

> Irmão, tem dó da terra! ouve a fraterna j[illegible]
> Olha a bandeira santa, a que arvorou Jesus!
> Para remir o povo, ao summo bem conjura
> Tres Messias nos mande: o Amor, o Esforço, a Luz.

A meu ver, de Castilho podia fazer-se, como de nenhum outro poeta nosso, d'este seculo, um grosso volume de poesias escolhidas, volu-

me modelo, principalmente na correcção grega das fórmas, na pureza classica e elegantissima da formosa linguagem, na elevação e serenidade do pensamento.

Conheci Castilho quando elle regressou da ilha de S. Miguel. Encontrei-o uma noite n'uma reunião. Recitou a «Chacara da Nazareth». Declamava como ninguem entre nós. Quando vinha o lance em que D. Fuas Roupinho disse aos monteiros:

Entre esse grande rochedo
D'onde eu me ora ia a perder,
E ess'outro não menos grande,
Ambos ao mar a pender,

Uma pobre ermida é posta,
Sem ninguem d'ella saber,
Senão eu, que por acaso
Um dia a cheguei a ver.

Nossa Senhora é lá dentro
Mui gentil no parecer,
E co'o filhinho nos braços,
Que não quer adormecer.

Ou anjos a lá poriam,
Ou monges de bom viver;
Ou quiçá trouxe-a um desejo
De estar seus mares a ver.

Nunca a ninguem fallei n'ella,
Nem ousei de a demover,
Que no semblante lhe via
Como estava a seu prazer.

Ali pois se esconde aquella
Senhora de grão poder,
Entre estas penhas, que vedes
Ambas ao mar a pender.

Como um relicario ao collo
De uma piedosa mulher,
Que, entre os peitos, resguardado,
Refoge de apparecer.

Com Judas traidor no inferno
Sepultado quero ser,
Se não foi aquella Virgem
Que me ora veio valer.

Andando vinha eu sósinho
Sem me de cousa temer:
Co'a nevoa não via as ondas;
Não as ouvia bater.

Surge-me além um veado;
Trás elle parto a correr;
Mas nem sabujos o alcançam,
Nem lança o póde romper;

Quanto o mais sigo, mais vôa!
Satanaz deveu de ser,
Que, por caçar caçadores,
Se quiz veado fazer.

E andou na escolha acertado
Quando besta assim quiz ser,
Que a unha rachada e galhos
Não teve que os esconder.

Elle corria e eu corria,
E a nevoa sempre a crescer;

Eu a apupar aos monteiros,
E ninguem a apparecer!

Vinhamos como dois raios!
Vejo-o desapparecer!...
Ouvi-lhe o baque nas ondas...
Quiz o cavallo reter...

Pendo-me atrás, pucho as redeas...
Mas co'a furia do correr
Já tinha as mãos sobre o abysmo,
A arquejar e a se torcer,

E já lhe os pés resvalavam,
E estrebuchava a se erguer,
E ia baquear...—«Virgem!—brado—
Valha-me o vosso poder!»—

Quem ouvia estes soberbos versos, admiravelmente declamados, sentia como que o chão faltar-lhe debaixo dos pés, e refugia, julgando ver aberto diante de si o abysmo de duzentas braças a pique sobre as ondas do mar!

N'essa noite apresentaram-me ao poeta e no dia seguinte fui visital-o.

Morava então elle n'um palacete da rua do Machadinho, onde tinha um collegio.

Ensinava as creanças, que espavoridas da escola sombria e aterradora para os seus corações infantis, acudiam áquelle ninho tepido de caricias, onde achavam, com as primeiras noções do saber, cantos, flores e luz em abundancia.

Os dicazes mordiam-n-o por isto; tambem as honras do triumpho não são completas em faltando o escravo ultrajador.

Era um dia de inverno. Céu crystalino; sol deslumbrante; uma leve aragem do norte, fria, mas salutar.

Encaminharam-me para o gabinete de estudo do poeta, sem me annunciar. Estava elle dictando ao seu secretario. Assim que me ouviu a voz disse logo:

—«Ó Patinho, seja muito bem vindo!»

Até ao fim da vida tratou-me sempre por este familiar diminutivo.

Tinha-me fallado pela primeira vez na vespera, um momento, no meio de uma reunião numerosa. Quando me encontrasse passados dez annos, reconhecer-me-ia immediatamente a voz.

Era um ouvido prodigioso!

—«Chegue-se para esta resteasinha de sol de inverno», proseguiu Castilho, «Oh! o verão, o verão, quem m'o dera!»

Castilho morria por um calor tropical. No dia mais ardente de julho vel-o-iam, engeitando a sombra, andar ao pino do sol, suado e encantado!

Principiou a conversar, entretendo-se machinalmente no seu lavor favorito de cortar tiras de papel, enrolando-as e arredondando-as em bolinhas.

Pediu-me versos: recitei-lhe, com grande ti-

midez, algumas das minhas ninharias, e elle repetiu-me os novos cantos que estava compondo para a escola.

Foi n'esse dia que lhe ouvi, pela primeira vez, declamar a ode a Napoleão, de Victor Hugo, e o «Cinque Maggio», de Alexandre Manzoni. Castilho pronunciava tanto o francez como o italiano na maxima perfeição. Salvini, o grande tragico, disse-me que nunca tinha ouvido estrangeiro recitar e pronunciar de tal modo a sua lingua.

Desde essa hora continuaram a estreitar-se cada dia mais as nossas relações.

Só uma vez Castilho rompeu commigo, e de que modo!... Santo Deus!... foi uma tempestade, um furacão!... mas uma tempestade e um furacão n'um copo d'agua.

A pedra do escandalo, a blasphemia, n'uma palavra, a negação do dogma, que havia de atirar ao chão com as paredes do templo da nossa amisade, eram as maiusculas... sim! as malditas maiusculas! Elle não as queria no principio do verso, e eu teimava em as pôr.

O que escreveu e disse Castilho por esse tempo foi extraordinario!

Repetiam-se as cartas para me convencer, e eu inabalavel!

—«Homem!»—já me não chamava Patinho —«homem, porque lhe não põe duas em vez de uma só? Uma no principio, a outra no fim. A

linha com o seu castão e ponteira fica muito mais elegante.»

Eu ria, porque lhe achava muita graça; e quanto mais eu ria, mais se enfurecia elle. Eram impossiveis as pazes. Eu não largava a minha maiuscula, elle queria arrancar-m'a á escala viva.

Vieram parlamentarios e chegámos a um accordo: não fallar nunca mais na nossa vida em similhante cousa.

E assim o fizemos.

Foi Castilho quem me levou a escrever versos alexandrinos, cousa a que por muitos annos fui refractario. E fazia mal, que é um bello metro: tudo está em executal-o com perfeição.

Castilho vivia principalmente de noite. Não raro, passada a meia noite, sentiamos uma argolada forte. Era o poeta. Subia os degráos sem a minima hesitação. Tinha de cór o numero de degráos de todas as casas dos seus amigos.

Começava a palestra, que terminava de madrugada, e, quando Deus queria, com sol fóra.

N'essas horas era um encanto ouvil-o. Vinham as anecdotas e os ditos impagaveis, borbulhando dos labios sem o minimo esforço.

Castilho detestava todos os jogos e principalmente o voltarete.

Certa noite estava elle em casa de seu filho Julio, n'um suave aconchego e conversando deliciosamente, quando chegaram os parceiros.

CAPITULO XV

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Castilho na conversação familiar.—Na ilha de S. Miguel. —«As Estreias poeticas».—Collecção dos seus versos. —Recitação.—«A chacara da Nazareth.»—A minha primeira visita ao poeta.—Uma tempestade por causa das maiusculas.—Os ditos do poeta.—Tendencias desaproveitadas.—Robustez com fraca alimentação. —Castilho, como mestre da lingua, e os escriptores da França.—Versão para o italiano dos «Ciumes do Bardo».—Estylo descriptivo.—O perdão implorado.— Novo pedido á Imperatriz.—As mães.—Ultima noite em que vi o poeta.

Rodrigues Cordeiro, no volume do Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro de 1877, escreveu uma longa biographia do poeta dos «Ciumes do Bardo», com a elevação do seu talento e a nobresa da sua grande alma.

Thomaz Ribeiro, na sessão publica da Academia Real das Sciencias, de 15 de maio de 1877, leu o elogio historico do que fôra seu mestre e tão dedicado amigo. É um quadro como os sabe pintar o insigne poeta: traços largos, desenho correcto, bom colorido, magnifica luz.

Julio de Castilho tem já traçada uma obra, que poderá fundir quatro volumes, sobre a vida de seu pae. Trabalho como os que se fazem n'outros paizes, a proposito de homens illustres, aproveitando as scenas notaveis e os mais leves pormenores.

Eu não quero fechar este livro de saudades sem tributar duas palavras de respeito e amor ao homem com quem vivi intimamente tantos annos, ao cego que me acudiu sempre com a luz dos seus conselhos.

Quem não tratou de perto o visconde de Castilho, embora tenha lido e relido todas as suas obras, não póde apreciar completamente o valor intrinseco d'aquella nobre intelligencia.

Na conversação familiar era haver um stenographo ao pé d'elle, e quantos volumes de indole diversa de todos os outros que publicou, borbulhando, scintillando, faiscando graça, transbordando de facundia, cortados de interessantes episodios, de anecdotas impagaveis, de narrativas pittorescas, de conceitos profundos, de epigrammas agudissimos, não teria legado o poeta?

Quando eu appareci no mundo das lettras, Castilho vivia na ilha de S. Miguel, e estava no periodo mais brilhante da sua vida.

Era um missionario! Em volta de si tinha a mocidade d'aquelle florente paiz, á qual influia o saber e inspirava com os exemplos.

Quantos homens distinctos da ilha estão vi-

vos ainda, que deveram a sua educação litteraria aos esforços do dedicado mestre!

Foi ahi que escreveu a «Felicidade pela agricultura» e as «Estreias poeticas»: poesia social da mais santa, da mais elevada, da mais proficua e profunda!

O «Hymno do trabalho e do agricultor»:

> De espigas e palmas coroemos a enxada,
> Morgado e não pena dos filhos de Adão;
> Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
> Thesoiro é só ella, só ella brasão.

Querem-n-o mais democratico?

O «Hymno da noite», para o adormecer descuidado e placido do infante; o «Hymno da manhã», para o despertar festival da creança risonha e ingenua.

Até para o companheiro das lidas, no termo da viagem, compoz o «Valle funebre».

> Não turvemos na morte o somno do camarada
> Nas batalhas da luz constante até ao fim.

E depois:

> Irmão, tem dó da terra! ouve a fraterna jura!
> Olha a bandeira santa, a que arvorou Jesus!
> Para remir o povo, ao summo bem conjura
> Tres Messias nos mande: o Amor, o Esforço, a Luz.

A meu ver, de Castilho podia fazer-se, como de nenhum outro poeta nosso, d'este seculo, um grosso volume de poesias escolhidas, volu-

—embora no tempo de Saturno—habitou na terra!

Castilho era de uma robustez e de uma actividade no trabalho prodigiosa. Ninguem acompanhava aquelle marinheiro nos dias de grande faina.

Comia menos do que uma donzella enamorada e romantica.

Passou annos sustentando-se só de hervas e bebendo apenas um trago de vinho ao jantar. E tinha o peito ancho, os braços musculosos e cabelludos, as mãos fortes.

Já cerca dos setenta annos o ouvi eu uma noite recitar centenares de versos, sem assomos de cançasso.

Sob o influxo de certas épocas, de certas correntes, não lhe quero chamar escolas, até os espiritos mais atilados e as consciencias mais rectas são ás vezes injustas. Castilho foi um benemerito das lettras. Alguem imparcial o provará um dia.

Basta o que elle fez para opulentar e engrandecer a lingua. Só isso é um monumento a que em toda a parte se dá grande valor, menos na nossa terra, onde anda tão arrastado e despresado, até por bons engenhos!

Houve em França mais audazes revolucionarios sociaes do que Rousseau e Proudhon? Pois a escrever são dois classicos primorosos. A auctora da «Lelia», tão atrevida nas suas concepções,

com que pureza escrevia! Ernesto Renan, tão erudito e tão profundo, é um colorista de estylo de primeira ordem. Carlos Baudelaire, o caprichoso e originalissimo auctor das «Flores do mal», era de uma correcção desesperadora. E. Dumas, filho, e Emilio Zola, o mais desenganado de todos os realistas, e tantos outros, como escrevem esses homens?!

A França, na secção litteraria da sua Academia, não admitte socio que não escreva a lingua com pureza e primor.

Pobre França, como está atrasada!

Castilho resume em si a flor dos nossos classicos. Só nas versões tem elle thesouros inexgotaveis.

As cartas de Castilho, de que resta copia, devem deitar alguns volumes. Interessantissima leitura será essa, porque Castilho nas cartas era como fallando. Eu tenho uma boa collecção, e quantas vezes, com saudade, as repasso pelos olhos!

O poeta do «Outomno» era um grego emquanto á fórma. O acabado, o perfeito, encantava-o. Poderia ouvir uma narrativa pathetica com os olhos enxutos, mas um pensamento bem modelado ou um bom verso fazia-lhe saltar as lagrimas.

E que versos tinha elle!

Estão-me a resoar no ouvido uns magnificos decasyllabos dos «Ciumes do Bardo».

É no momento em que o amante atraiçoado, mordido no coração pelas viboras do ciume, vê, com os olhos do espirito, o rival triumphador apertar convulso, de encontro ao peito ufano e abrasado de desejos, a perfida embaidora Eva, arrebatada pelo amor, peccando pela primeira vez, com as faces incendidas, a bôca em fogo, as pupillas deslumbrantes, o cabello ás ondas, formosissima, núa e palpitante:

Julgam-se immunes, sós, n'este universo!
Insensatos! meus olhos os contemplam,
Os meus ouvidos por seus labios roçam,
E eu vago inteiro pela mente de ambos.

Agora, postos em italiano pelo proprio auctor[1]:

Si credono solinghi, ed inveduti!
Deh! stolti! con quest'occhi io li rimiro;
Le labra lor con quest'orecchi io striscio,
E pel cor d'ambidue tutto m'aggiro.

No genero descriptivo citaremos alguns alexandrinos, para que haja um toque gracioso e brilhante n'este rapido e amortecido bosquejo:

Dez horas ha que é noite; a alada sentinella
D'entre a bruma invernosa o dia emfim revella.

[1] Castilho traduziu os «Ciumes do Bardo» para o italiano, com grande felicidade e facilidade.

Similo, de horta escasso o rustico abegão
Em seu grabato acorda; o frio agudo em vão
Lhe aconselha que jaza, embora o gallo cante;
A luz que já lá vem lhe diz que se alevante:
Que ao diario sustento é forçoso acudir.
Remancha... mas surgiu.—Co'os olhos do dormir
Vae tacteando o escuro; acha o lar; palpa e sente
Morder-lhe do borralho a occulta brasa ardente.
Despendura a candeia; inclina-a devagar
Para o debil clarão que resurgiu no lar;
Toma a espevitadeira; e co'a fronte pendida
Puxa, aproxima, accende a estopa da torcida,
A poder de soprar reanima o fogo; já
Co'a fogueira vivaz rindo a cosinha está.

Este poemeto, «Moretum», attribuido por muitos a Virgilio, e o «Rapto da Europa», de Moscho, tem os mais cheios, os mais sonoros e opulentos alexandrinos que eu conheço em portuguez. Devem ser lidos e relidos por todos que cultivam a arte com esmero.

Preoccupado com a grande questão do ensino, que está hoje em todos os espiritos serios e profundos, lidava com a tenacidade do propagandista por diffundir a luz do saber nas camadas populares.

Um dia partiu para o Rio de Janeiro.

Nem deixar familia, nem a cegueira, nem as inqualificaveis ancias do enjôo, de que elle padecia tanto, nem o trajecto de duas mil leguas, lhe poderam ter mão.

Foi já com cincoenta e cinco annos. Parecia

porém um moço de vinte e cinco, audaz e aventureiro!

Estando lá, soube que fôra condemnado a doze annos de trabalhos forçados um velho portuguez, levado pela fatalidade a matar um homem.

Como V. Hugo implorou a Luiz Filippe, em 1839, a vida do condemnado Barbès, Castilho, por intervenção da Imperatriz, deprecou do Imperador, D. Pedro II, o resgate do velho sentenciado.

Quando o poeta, entre tantos alexandrinos magnificos, falla da justiça da terra, tem estes, que pela concisão e profundo criterio são admiraveis:

Á justiça dos céus! insondavel! terrivel!
Seguiu logo a da terra; a da terra, a fallivel,
A que esgrime sem ver; a que pregou na cruz
Ao bom e ao mau ladrão, e entre ambos a Jesus!

Chegado a Lisboa, e sabendo que o Imperador acudiu com o indulto ao seu protegido, agradeceu a mercê, pedindo ainda um favor. Era a diffusão da escola no Novo Mundo.

Áparte a fórma n'esta composição, a idéa paira sempre na maior altura a que póde subir o estro, quando o talento se inspira com as dores e miserias da humanidade.

Ouçamos algumas estrophes, já que não podemos transcrever a poesia por inteiro:

Tenha embora o saber pobres, ricos, morgados,
Como a fortuna os tem; como os tem o poder.
A harmonia geral pede tons variados;
No saber soffre graus; não párias no saber:

E o povo quasi todo é pária em toda a parte;
É Lazaro esfaimado aos pés do grão festim,
O engenho creador seus dons em vão disparte;
Chove-os a imprensa em vão, dia e noite, e sem fim.

Ao povo nada chêga entre tanta abundancia;
Em tanta luz immerso, o povo nada vê;
Julga-se livre, e é servo; adulto, e jaz na infancia.
É que o saber é tudo, e a multidão não lê;

Não se aquece ao calor dos animos sublimes:
Não se illustra ao fulgor dos genios de eleição,
Herda e transmitte a inercia, a incuria, o vicio, os crimes;
Estranha ao bello e ao bom; sem Deus; sem coração.

Por asperos caminhos e sombras espinhosas
Vae-se do berço á valla, impia, perdida, só:
Horda barbara que enche as nações orgulhosas,
E n'alma pensadora infunde horror e dó.

Ó terra de Colombo! um navio de esmola
Do abysmo te evocou... e aurea brotaste á luz!
Por outra regia heroina esmolada uma escola
Vae transformar-te em céus, terra de Santa Cruz!

E eu, que já uma vez, largando o patrio ninho,
Romeiro do progresso, embalde te busquei,
Retomarei de novo o undivago caminho;
E irei juntar meu hymno ao seu triumpho; irei

Pender na escola-templo os festões da poesia,
E novo Simeão, findar a vida em paz.
Onde o homem, que se humana, affoito invoca o dia,
Direi : — «A patria é esta ; aqui viver me apraz.

«Apraz-me aqui morrer, onde as mães porventura
«Co'os filhos pela mão me hão de vir visitar ;
«Saudades esparzir em minha sepultura,
«E dizer : — Este sim, que soube o que era amar !»

Sim ! A tua cabeça desfallecida caíu já sobre o travesseiro de pedra, na valla do campo santo. Estás ao abrigo de todas as ingratidões d'este mundo. Ali irão as mães com os filhos pela mão, por entre o ciprestal, que te embala o somno da morte, abençoar o teu nome, glorificar a tua memoria, renovar as perpetuas e as saudades da tua sepultura, exclamando com os olhos rasos das lagrimas de sincero agradecimento :

— Oh ! este sim, que soube o que era amar !

E quem, como as mães, póde conjugar em arrebatamentos celestes o verbo mais doce das linguas humanas — amar !

Amor de mãe, a que nem falta a aureola do martyrio ; porque a mulher tem o baptismo das dores no momento em que dá á luz o fructo das suas entranhas, que é o afan dos seus dias, o desvelo das suas noites, a sua maxima alegria, toda a sua gloria, e não raro as suas lagrimas, as suas mais entranhadas saudades, e até a sua morte !

Em nome das mães saudemos a memoria do poeta e do propagador da escola!

Castilho era de uma tempera de animo propria para contrastar as adversidades e revezes do mundo com o mais extraordinario desassombro.

Pois não lhe faltaram desgostos!

Na arte tinha o seu mais seguro refugio.

Nunca conheci ninguem que désse menos apreço ás satyras que lhe desfechavam os galegos litterarios com a baba hydrophoba na bôca pilharenga e canina.

Quando, depois de publicado o «Fausto», lhe fizeram uma critica obscena, maguaram-se alguns dos seus amigos com ver que um ilota ebrio, cambaleando, procurava em vão salpicar com a lama das ruas as barbas brancas de um velho, incansavel trabalhador, honrado e de grande talento.

O poeta ria de todo o coração, dizendo:

— Mandem-no á *sublimidade do Cambronne*, e deixem lá o pobre homem, coitado!

Nos ultimos annos da sua vida é que principiei a notar-lhe grande differença. Era preciso provocal-o para fallar. Ás vezes um suspiro, como um anhelito doloroso, que não podia reprimir, cortava-se-lhe nos labios; mas quando lhe perguntavam o que tinha, respondia sempre:

— «Nada, estou bom.»

A inflexão da voz e a physionomia desmentiam as palavras.

Depois da morte da viscondessa, sua mulher, o poeta foi morar para a rua do Sol.

N'um vasto quarto da casa, contiguo á sala, cercado com as enormes estantes da sua magnifica livraria, quiz que armassem o leito.

Presentia a morte e desejava acabar ao pé dos amigos mais sinceros que tinha tido no mundo?

É possivel.

Começou a traduzir o «D. Quixote» com ardor infatigavel.

Uma tarde fui visital-o. Tinha trabalhado seis horas, sem haver tomado outro alimento alem de uma pilula de carne crua durante todo o dia.

Ralhei com elle.

Respondeu-me:

— «É preciso andar depressa». E soltou um d'aquelles suspiros amargos, que havia tempo lhe fugiam do peito.

A allusão á vida que sentia acabar era clara!

Procurei distrahil-o: animou-se, e passámos a noite com mais alguns amigos, que vieram, em agradavel conversação.

D'ali a poucos dias caiu no leito, para não mais se levantar.

A traducção do «D. Quixote» ficou suspensa n'esta passagem do terceiro volume, pagina 18, linha 10:

«...Se quedó dormindo con muestras de grandissimo cansacio.»

É notavel! As ultimas palavras do fidalgo manchego, que o eminente poeta portuguez traduziu, foram essas!... E ficou a dormir o bom somno da morte!

Miguel de Cervantes, que sobreviveu pouco ao seu D. Quixote, tambem devia «adormecer cansado», porque o genio, se póde com os doze trabalhos de Hercules, não póde com as miserias d'este lamaçal da vida, e chega ao termo, fatigado, desalentado, anniquilado!

Alguns dias antes da morte do visconde de Castilho, entrei em sua casa, como entrava todas as noites, desde que elle adoecera.

Posto eu fallasse baixo, ouviu-me, e, com a sua voz ainda sonora, chamou-me para junto de si.

Em seguida perguntou-me:

—«Como vão os Ciprestes?»

Era este livro, que estava em vida de Castilho já quasi todo escripto.

Respondi-lhe não sei o que, e tive n'esse momento um abalo cruel.

O poeta parecia n'aquella noite mais animado; estava impaciente por se levantar e proseguir na versão do «D. Quixote».

Na noite seguinte fui vel-o.

Achei-o muito abatido. Passado a meia noite entrou o dr. Valente.

Castilho respondeu, como de costume, á pergunta do medico:

— «Estou melhor.»

O medico deu a um tempo duas respostas: com a bôca disse ao doente:

— «É verdade; está melhor.»

Com os olhos disse-nos a nós:

— «Está perdido!»

O doutor saíu.

Eu fiquei á cabeceira do poeta, que dizia, como fallando comsigo mesmo:

— «Que vida! que vida a do dr. Valente!... Desde pela manhã até á noite a subir e descer escadas, e para que?...»

Depois de uma leve pausa, acrescentou com inflexão de desalento e de tristeza indescriptivel:

— «Para ver miserias!... para ver miserias!...»

Era o *nada* da vida que se apresentava aos olhos desenganados do visconde de Castilho, elle, que tinha sido um sonhador nos dias brilhantes da mocidade e até no entardecer da existencia?...

Não sei! sei que me produziram singular effeito aquellas palavras, as ultimas que lhe ouvi!

N'esse momento tive a consciencia de que o via pela derradeira vez.

Contemplei-o com ávida e amarga curiosidade.

Estava voltado para o lado esquerdo. O per-

fil recortava-se sobre o travesseiro, como um alto relevo sobre o marmore. Os olhos entrecerrados tinham a sua expressão habitual de enleio... de vago imaginar! As barbas longas e brancas confundiam-se com as dobras do lençol, que lhe deixava o hombro e uma parte do peito desafogados. A bôca expressiva, entreaberta, para facilitar a respiração, cortada a espaços por um tenue suspiro. O braço direito descaído, e a mão forte, pousada á beira do leito, apertava, com certa contracção nervosa, as pontas dos dedos de seu filho Julio, que na physionomia pallida, nobre e sympathica, denunciava o estado da sua alma violentamente sacudida pelos desgarrões da tormenta moral.

D'ali a pouco, a mão que se contraía estreitando os dedos do filho, afrouxou; a respiração tornou-se mais franca e o enfermo adormeceu.

Era um quadro para um pintor.

Lupi, que fez do retrato de Castilho uma obra d'arte de verdadeiro merito em qualquer paiz, se apanhasse o poeta n'aquelle momento teria feito outro painel admiravel!

Passado largo espaço, no mais profundo silencio, levantei-me pé ante pé, e fui para a janella respirar a aragem tepida de uma noite de junho.

D'ali a pouco as estrellas começaram a desmaiar com os clarões da aurora. Depois os passaros a papear nas arvores do jardim, como afi-

nando, *sotto voce*, as gargantas para o hymno festival do alvorecer. Depois as primeiras frechas do sol no oriente e uns sopros mais frescos da aragem — halito virginal da madrugada; em seguida o sol, como um disco de fogo, recortando-se no horizonte, e logo, parecendo subir com vertiginosa rapidez, a deslumbrar os olhos e a banhar a terra de luz.

Era uma alvorada dos assomos do verão, quando as ultimas flores de maio se misturam com os primeiros fructos de junho, e os casaes dos passaros, desposados da primavera, saúdam a prole doirada, que já principia a bater as azitas chilreando em deredor dos ninhos.

A manhã abria palpitante de jubilo.

Eu tinha o espirito sombrio e o coração abysmado em tristeza.

Dolorosa antithese!

Um grande talento francez escreveu um livro a que chamou «Harmonias da natureza». Póde outro espirito superior fazer tambem um bello livro intitulado «Ironias da natureza».

Quantas vezes, no fundo do seu ergastulo, um infeliz, na força da vida, ao ver o primeiro raio do sol do seu ultimo dia, não terá exclamado:

« Ó sol, tão benevolo, tão generoso com as aves do céu e com as plantas da terra, e só commigo tão avaro e tão cruel, que nem um mez, um dia, uma hora, um minuto sequer, me prolongas a vida com o teu poder supremo, antes

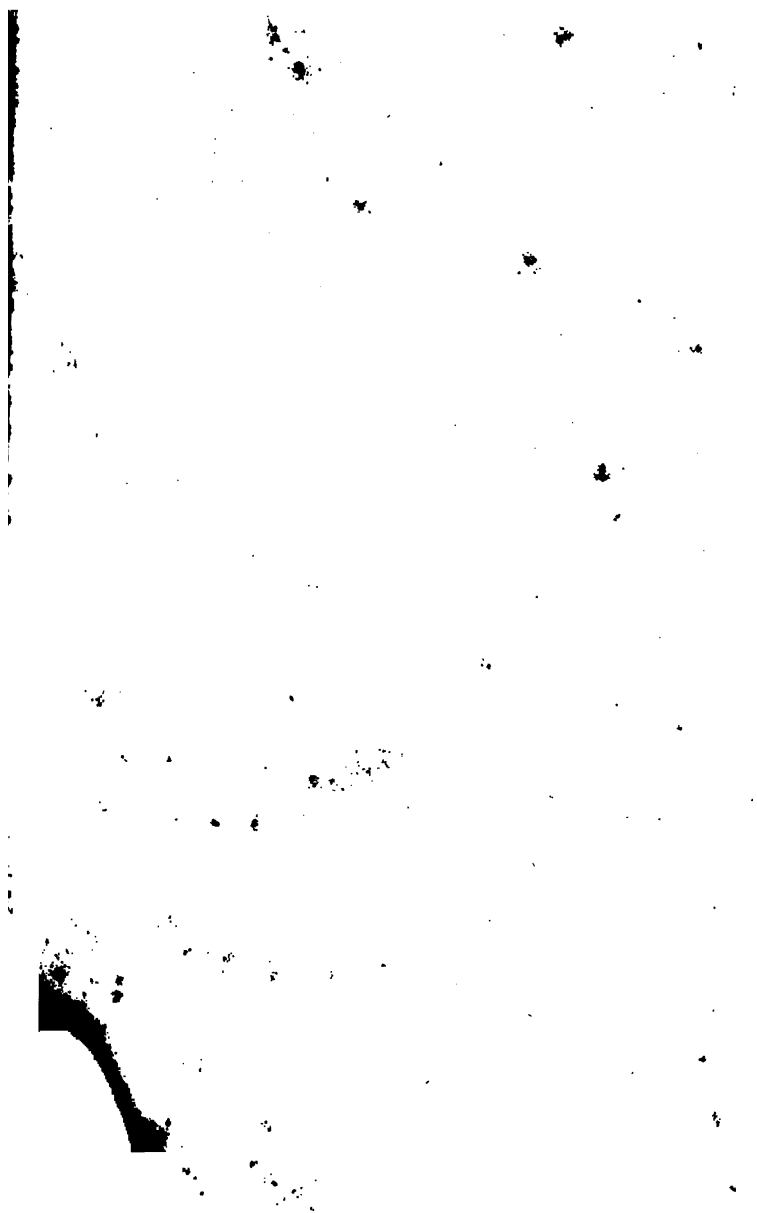
passas motejando, com a tua luminosa grandesa, da minha escura e desesperada miseria!»

Se o sol é da massa d'este mundo — com ser tamanho, — que admira a sua indifferença pela humanidade que padece!

Quando cheguei a casa, depois da minha ultima visita ao poeta, encontrei um telegramma. Era de meu irmão.

Dera-lhe um novo ataque da enfermidade, com que havia de lutar ainda dois annos, antes de succumbir.

Saí de Lisboa. Passados muito poucos dias, pegando n'um jornal, vi a noticia do enterro do visconde de Castilho.

Não pude dar-lhe o ultimo vale á beira da sepultura; mas, dou-lh'o agora, ao cerrar este livro — e com bem viva saudade!

A FRANCISCO MONTEZ DE CHAMPALIMAUD

O justo e o bom constituem o que uns chamam—Ideal, e outros—Deus.

O nome pouco importa.

Tu existes no seio de Deus, porque eras justo e porque eras bom.

As primeiras paginas do meu livro foram ouvidas por ti.

Mal sabia eu, que n'este obituario de amigos teria de registar, por ultimo, o mais querido para mim de todos os nomes—o teu nome!

Hesitei em fazel-o, porque *as grandes dôres são mudas*; mas fil-o para dizer aos incrédulos d'este mundo:

«Tive um amigo que me foi irmão, que acudia, com solicitude paterna, a todos os meus

embaraços, que tinha mão nos impetos e desvarios do meu genio com a prudencia dos seus conselhos, que trabalhava por me elevar, que ambicionava para mim todas as opulencias e todos os triumphos, conservando-se elle na sombra — ditoso e ufano, se um dia lograsse tornar-me grande.»

Era isto que queria dizer de ti, meu querido Francisco, de ti, que para seres uma alma de eleição em tudo, nem se quer te faltou o martyrio no transito doloroso da tua vida.

Um dia nos veremos. Não sei aonde, nem debaixo de que fórma; mas sei que um dia nos veremos.

Esta convicção da minha consciencia satisfaz á minh'alma.

Agora aqui te deixo «Sob os ciprestes.»

Estás bem.

Os cyprestes! Arvores amigas, que nos embalam no tumulo, como nossa mãe nos embalou no berço!

INDICE

ERRATAS

			Erros	Emendas
Pag. 3	lin.	6	rouxas	roxas
» 227	»	5	chrispando-lhe	chispando-lhe
» 288	»	6	bôcca na	na bôca

N.B. No texto, os numeros dos capitulos XIV a XVII devem ser respectivamente XII, XIII, XIV, XV.

OBRAS DE ALEXANDRE HERCULANO

Historia de Portugal, desde o começo da monarchia até ao fim do reinado de Affonso III, 4 vol. br.................................... 5$000

Historia da inquisição em Portugal. 3 vol. br.................................... 1$800

O Monasticon:

Eurico, o Presbytero, 1 vol. br............ $600

O Monge de Cistér, 2 vol. br.............. 1$200

Lendas e narrativas, 2 vol. br...... 1$200

Poesias (incluindo a Harpa do crente), 1 vol. $600

A reacção ultramontana em Portugal ou a concordata de 21 de fevereiro de 1857, 1 vol. br.................................... $200

Opusculos, 3 vol. br.................... 1$800

Vol. I—Advertencia previa—A voz do propheta, precedida de uma introducção—Theatro, moral, censura—Os egressos—Da instituição das caixas economicas—As freiras de Lorvão—Do estado dos archivos ecclesiasticos do reino—Suppressão das conferencias do Casino.

Vol. II—Monumentos patrios—Da propriedade litteraria, e Appendice—Carta á Academia das Sciencias—Mousinho da Silveira—Carta aos eleitores do circulo de Cintra—Manifesto da Associação Popular promotora da educação do sexo feminino ao partido liberal portuguez.

Vol. III—A batalha de Ourique—I. Eu e o clero—II. Considerações pacificas—III. Solemnia verba 1.ª—IV. Solemnia verba 2.ª—V. A Sciencia arabico-academica—Do estado das classes servas na peninsula.

Estudos sobre o casamento civil, 3 series. Cada uma.................................... $200

Os annaes d'El-Rei D. João III, por fr. Luiz de Sousa, publicados por A. Herculano. (Edição esgotada).